

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MONYSE ELIAS TAKAKI

CENTRO DE ARTES URBANAS NO BAIRRO REBOUÇAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

MONYSE ELIAS TAKAKI

CENTRO DE ARTES URBANAS NO BAIRRO REBOUÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 1, do curso superior de Arquitetura e Urbanismo do Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo – DEAAU, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Heverson Akira Tamashiro

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

Centro de Artes Urbanas no Bairro Rebouças

Por
MONYSE ELIAS TAKAKI

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 15 de Junho de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Moara Zucherelli
PUC PR

Prof. Isabel Borba
UTFPR

Profa. Christine Laroca
UTFPR

Prof. Heverson Tamashiro (orientador)
UTFPR

Dedico este estudo a todos aqueles que acreditam na função social da arquitetura e do urbanismo.

AGRADECIMENTOS

Com muito carinho, emoção e reconhecimento da importância dessas pessoas, dedico os meus mais sinceros agradecimentos a:

Sandra Elias Takaki, minha mãe, por acreditar sempre no meu potencial e ser mais que um alicerce, uma inspiração.

Meu pai Adirson Takaki, meu suporte, responsável pela minha formação.

Meu irmão Murilo Takaki, pelo apoio e vínculo que só irmãos têm.

NOVOS AGRADECIMENTOS

Após 5 anos de construção de conhecimentos, compartilhei experiências e aprendizados com pessoas que influenciaram positivamente esta caminhada. Nesse sentido, agradeço:

Em especial, ao meu orientador Heverson Akira Tamashiro, pelo suporte e dedicação durante todo o meu processo de formação acadêmica.

A todos os professores do Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo (DEAAU), responsáveis pela minha formação profissional, pelos quais tenho admiração e respeito.

A Igor Maestrelli Zarnicinski, pelo constante apoio emocional e compreensão (e também pelos chás servidos) durante a elaboração deste trabalho.

Ao meu amigo-irmão-mais-velho (mesmo não sendo mais velho que eu) Rafael Santin, pela amizade e apoio incondicional desde o primeiro ano de faculdade.

Ao meu grande amigo José Luiz Costa, pelo suporte durante a elaboração deste trabalho e pela companhia durante todos esses anos.

Aos meus colegas de curso, por me proporcionar o verdadeiro sentimento de coletividade e bom humor para enfrentar os contratemplos.

Aos meus queridos amigos, pelas conversas e experiências compartilhadas que tanto contribuíram e contribuem para minha constante transformação pessoal.

À *Erasmus University Rotterdam* por ter me aceito como aluna intercambista, proporcionando encontros e experiências únicas em 2015 e 2016. À cidade de Roterdã, que me possibilitou novas maneiras de enxergar as cidades (sobretudo, da perspectiva de uma ciclista). E ao Programa Ciências Sem Fronteiras do Governo Federal, por ter viabilizado tal experiência.

À cidade de Curitiba, a qual admiro e aprecio.

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), pelo ensino de qualidade responsável pela minha formação profissional.

A todos, muito obrigada.

*"In architecture you should live for 150 years, because you have to learn
in the first 75 years."*

*"Na arquitetura você deveria viver por 150 anos, porque você tem que
aprender nos primeiros 75 anos."
- Renzo Piano*

RESUMO

TAKAKI, Monyse E. **Centro de Artes Urbanas no Bairro Rebouças**. 2018. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Este trabalho tem como propósito analisar a potencialidade catalisadora da atividade cultural no processo de requalificação de áreas urbanas degradadas, tendo como proposta final a instalação de um equipamento cultural e uma galeria de arte urbana a céu aberto no bairro Rebouças, em Curitiba, Paraná. Buscou-se compreender, por meio de revisão literária, a urbanização e seus processos, a arte e a apropriação dos espaços, e a cultura como instrumento de requalificação urbana. Foram realizados estudos correlatos retratando diferentes experiências nacionais e internacionais, fundamentando a proposta e originando um repertório de estratégias projetuais. Analisou-se também o contexto urbano e cultural-alternativo da cidade de Curitiba e o contexto histórico e atual do bairro Rebouças, que se encontra em processo de degradação. Os resultados obtidos e a análise da área de intervenção possibilitaram a proposição das diretrizes projetuais, de modo a sugerir a instalação de um equipamento cultural que pode viabilizar a requalificação e a ressignificação da região, além de promover o sentimento de apropriação dos espaços públicos e o desenvolvimento do pensamento crítico a respeito dos processos que compõem a dinâmica das cidades.

Palavras-chave: Artes Urbanas; Apropriação; Espaços Públicos; Cultura.

ABSTRACT

TAKAKI, Monyse E. **Urban Arts Centre in Rebouças District**. 2018. 97 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

This essay aims to investigate the catalytic potential of cultural activity in the process of requalification of degraded urban areas. The final proposal is a cultural equipment and a public urban art gallery in Rebouças, a neighbourhood in Curitiba, Paraná. It seeks to understand through literary review urbanisation and its processes, art and appropriation of spaces, and culture as an urban requalification instrument. Relevant studies about national and international experiences regarding this topic were made thus it justifies the proposal and creates a repertoire of architectural design strategies. It was analysed the urban and cultural-alternative scenario in Curitiba, as well as the historical and current conditions of Rebouças neighbourhood, which is going through degradation process. The results and the intervention area analysis allowed proposition of guidelines for the architectural project, therefore it suggests the installation of a cultural equipment would be able to promote requalification and resignification, besides the promotion of public spaces appropriation sense and critical thinking regarding the processes that compound the dynamics of cities.

Keywords: Urban Arts; Appropriation; Public Spaces; Culture.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PORCENTAGEM DA POPULAÇÃO URBANA VIVENDO EM ASSENTAMENTOS INFORMAIS.	22
FIGURA 2 – REPRESENTAÇÃO DA AVL-VILLE.....	43
FIGURA 3 – PLANTA DE SITUAÇÃO CENTRO DE ARTES HARDESTY.....	47
FIGURA 4 – PLANTAS CENTRO DE ARTES HARDESTY.....	48
FIGURA 5 – CORTE CENTRO DE ARTES HARDESTY.....	48
FIGURA 6 – PLANTAS CENTRO CULTURAL PORTO SEGURO.	51
FIGURA 7 – CORTE AA CENTRO CULTURAL PORTO SEGURO.....	51
FIGURA 8 – PRAÇA DAS ARTES.....	53
FIGURA 9 – PRAÇA DAS ARTES.....	53
FIGURA 10 - MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS POR CURITIBA.	59
FIGURA 11 – MAPA COM A MATRIZ URBANA DE CURITIBA COM A REGIÃO SUL EM EVIDÊNCIA (LOCALIZAÇÃO DO ATUAL BAIRRO REBOUÇAS).	61
FIGURA 12 – LOCALIZAÇÃO DE CURITIBA NO ESTADO DO PARANÁ E DO BAIRRO REBOUÇAS EM CURITIBA.	66
FIGURA 13 – DEMOGRAFIA: POPULAÇÃO POR SEXO.....	67
FIGURA 14 – ESTABELECIMENTOS ATIVOS SEGUNDO SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA.....	67
FIGURA 15 – LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	72
FIGURA 16 – RUAS DO ENTORNO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO.	73
FIGURA 17 – ORGANOGRAMA DESENVOLVIDO.	79

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – FOUNTAIN, POR MARCEL DUCHAMP.	32
FOTOGRAFIA 2 – A RAINHA DO FRANGO ASSADO EM PICNIC NO GLICÉRIO, DE ALEX VALLAURI. ...	34
FOTOGRAFIA 3 – PICHAÇÃO NA BIENAL EM 2008.	36
FOTOGRAFIA 4 – GRAFITE DA DUPLA OSGEMEOS CRITICANDO A AÇÃO DO PREFEITO DORIA.	39
FOTOGRAFIA 5 – PAINEL DO ARTISTA KOBRA PICHADO COM REPRESENTAÇÃO QUE REMETE AO ATO DO PREFEITO DORIA INSERIDA.	39
FOTOGRAFIA 6 – NDSM.	42
FOTOGRAFIA 7 – INTERIOR DA NDSM.	43
FOTOGRAFIA 8 – A RUA ORANIENSTRASSE, A PRINCIPAL DO DISTRITO DE KREUZBERG, O QUAL FOI OCUPADO APÓS A QUEDA DO MURO DE BERLIM POR MOVIMENTOS DE ARTE URBANA.	44
FOTOGRAFIA 9 – GRAFITE DO GRUPO OPNI NA FAVELA VILA FLÁVIA EM SÃO PAULO, FAZENDO REFERÊNCIA À COPA 2014.	45
FOTOGRAFIA 10 – PLANTAS CENTRO DE ARTES HARDESTY.	47
FOTOGRAFIA 11 – CENTRO CULTURAL PORTO SEGURO.	50
FOTOGRAFIA 12 – CENTRO CULTURAL PORTO SEGURO.	50
FOTOGRAFIA 13 – PRAÇA DAS ARTES.	52
FOTOGRAFIA 14 – INTERVENÇÃO ARTÍSTICA NA RUA CRUZ MACHADO (BAIRRO CENTRO).	59
FOTOGRAFIA 15 – INTERVENÇÃO ARTÍSTICA NA RUA MATEUS LEME (BAIRRO SÃO FRANCISCO). .	60
FOTOGRAFIA 16 – RUA DA LIBERDADE (ATUAL R. BARÃO DO RIO BRANCO) EM DIREÇÃO À ESTAÇÃO FERROVIÁRIA, NO INÍCIO DO SÉCULO XX.	62
FOTOGRAFIA 17 – BAIRRO REBOUÇAS E OS TRILHOS DA REDE FERROVIÁRIA EM 1904.	62
FOTOGRAFIA 18 – BAIRRO REBOUÇAS EM 1939.	63
FOTOGRAFIA 19 – BAIRRO REBOUÇAS EM 1969.	63
FOTOGRAFIA 20 – FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA.	66

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – CURITIBA E SUA REGIÃO DE INFLUÊNCIA.....	56
MAPA 2 – CHEIOS E VAZIOS E ÁREAS VERDES DO BAIRRO REBOUÇAS.	68
MAPA 3 – ZONEAMENTO DO BAIRRO REBOUÇAS.....	69
MAPA 4 – LINHAS DE TRANSPORTE PÚBLICO NO BAIRRO REBOUÇAS.	70
MAPA 5 – MAPA DE USOS DO ENTORNO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	74
MAPA 6 – LINHAS DE TRANSPORTE PÚBLICO DO ENTORNO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO.	74
MAPA 7 – MAPA SÍNTESE DO ENTORNO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO.	75

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – MÉDIA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB BRASILEIRO (1940-1980).	26
GRÁFICO 2 – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE OCUPAÇÕES IRREGULARES EM CURITIBA – 1971 A 2000.	57
GRÁFICO 3 - ÁREAS GERAIS DO PROJETO.....	78

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – BRASIL: POPULAÇÃO TOTAL E URBANA, GRAU DE URBANIZAÇÃO E INCREMENTO MÉDIO ANUAL DA POPULAÇÃO URBANA (1940-2010).....	24
TABELA 2 – BRASIL: AS 10 REGIÕES METROPOLITANAS MAIS POPULOSAS (2010).....	25
TABELA 3 – TEORIAS DA ARTE.....	31
TABELA 4 – SÍNTESE DAS PRINCIPAIS INFORMAÇÕES APREENDIDAS.....	54
TABELA 5 – DIMENSÃO DAS REDES DE PRIMEIRO NÍVEL.....	56
TABELA 6 – RELAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES, EMPRESAS E INDÚSTRIAS ESTABELECIDAS NA REGIÃO DO BAIRRO REBOUÇAS – CURITIBA/PR.....	64
TABELA 7 – ZONA RESIDENCIAL 3 (ZR-3): PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO.....	69
TABELA 8 – ZONA RESIDENCIAL 4 (ZR-4): PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO.....	69
TABELA 9 – SÍNTESE DAS DEFICIÊNCIAS E POTENCIALIDADES DO BAIRRO REBOUÇAS.....	70
TABELA 10 – PARÂMETROS E LEGISLAÇÃO DO TERRENO.....	75
TABELA 11 - ÁREAS GERAIS DO PROJETO.....	78
TABELA 12 – 12 CRITÉRIOS DE JAN GEHL E APLICAÇÃO NA PROPOSTA.....	80

LISTA DE SIGLAS

CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
DER	Departamento de Estrada e Rodagem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPPUC	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RMC	Região Metropolitana de Curitiba
SANEPAR	Companhia de Saneamento do Paraná
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SFH	Sistema Financeiro de Habitação
UN-Habitat	<i>United Nations Human Settlements Programme</i>
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	PROBLEMA	16
1.2	FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE	16
1.3	JUSTIFICATIVA	17
1.4	OBJETIVO GERAL	17
1.5	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
1.6	MÉTODOS DE PESQUISA	18
1.6.1	Pesquisa Exploratória	18
1.6.2	Procedimentos Técnicos	18
1.6.3	Estudos de Caso	18
1.6.4	Estudo da Área de Interesse	19
2	INSTRUMENTOS TEÓRICOS	20
2.1	O URBANO	20
2.1.1	A industrialização e o processo de urbanização	20
2.1.2	A urbanização no Brasil	23
2.2	A ARTE	30
2.2.1	Arte como expressão histórica	30
2.2.2	Arte como expressão social-urbana	33
2.3	A CULTURA NO MEIO URBANO	40
2.3.1	Subculturas como instrumento de requalificação urbana	40
2.3.2	Os casos de Amsterdã, Roterdã e Berlim e o panorama brasileiro	42
3	ESTUDOS DE CASO	46
3.1	CENTRO DE ARTES HARDESTY, ESTADOS UNIDOS	46
3.2	CENTRO CULTURAL PORTO SEGURO, SÃO PAULO	49
3.3	PRAÇA DAS ARTES, SÃO PAULO	52
3.4	SÍNTESE	54
4	INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE	55
4.1	CURITIBA – PARANÁ, BRASIL	55
4.1.1	A questão urbana e cultural de Curitiba	57
4.1.2	Um breve histórico sobre Curitiba e o bairro Rebouças	60
4.1.3	Panorama atual do bairro Rebouças	66
4.1.4	Questionários	71
4.2	LEITURA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO	72

5	DIRETRIZES PROJETUAIS	76
5.1	PROGRAMA E ATIVIDADES PROPOSTAS.....	77
6	RESULTADOS	81
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS.....	83
	APÊNDICE.....	87

1 INTRODUÇÃO

O Rebouças é um bairro em Curitiba, Paraná, que se desenvolveu com a rede ferroviária e a atividade industrial. O fim da rede ferroviária em 1972 e a transferência da atividade industrial ocasionaram estagnação e vazios urbanos, contribuindo para o processo de degradação da região. A predominância de atividades diurnas e a ausência de equipamentos de lazer tornam o bairro inexpressivo e inseguro. Entende-se que a instalação de um equipamento cultural poderia atuar como instrumento catalisador no processo de requalificação da região, promovendo vivacidade e ressignificação do bairro.

A proposta consiste na implantação de um equipamento cultural e de uma galeria de arte urbana a céu aberto, despertando os sentidos de apropriação em seus visitantes e que desenvolva a percepção crítica a respeito das questões urbanas.

Para fins de compreensão e buscando estabelecer uma evolução lógica, este estudo inicia-se pela apresentação da revisão bibliográfica realizada, buscando o entendimento e a definição dos conceitos envolvidos na temática abordada. Em seguida, as análises dos estudos de caso originam um repertório de estratégias projetuais a serem utilizadas posteriormente. A interpretação da realidade reúne diagnósticos relacionados à Curitiba e ao bairro Rebouças, possibilitando a compreensão do contexto histórico e urbano da região. Nesse sentido, são estabelecidas as diretrizes projetuais a serem adotadas, baseadas no material teórico e nos levantamentos coletados durante o desenvolvimento do estudo, fundamentando a proposta.

Os conceitos teóricos apresentados neste trabalho buscam entender o processo de urbanização, as dinâmicas que compõem as cidades, as intervenções artísticas no meio urbano e a apropriação dos espaços, e a arquitetura aliada à cultura no meio urbano como importante agente catalisador do processo de requalificação urbana.

A análise objetiva dos estudos de caso selecionados apresenta diferentes soluções às problemáticas urbanas contemporâneas abordadas, validando a hipótese de que alguns equipamentos públicos podem ser utilizados como importantes instrumentos nos processos de recuperação de áreas subutilizadas em

grandes cidades. Por fim, reúne-se as principais estratégias a serem adotadas posteriormente na elaboração das diretrizes projetuais.

A interpretação da realidade apresenta a cidade de Curitiba e seu contexto cultural e alternativo, e em seguida, o contexto histórico e o panorama atual do bairro Rebouças, apresentando por fim a análise específica da área de intervenção, através de levantamentos realizados *in loco* e mapeamento de dados. A análise e discussão dos resultados obtidos por meio dos levantamentos e dos conceitos abordados na revisão bibliográfica permitem a identificação das potencialidades e das deficiências da área de intervenção. Os estudos de caso e a análise da área de intervenção fomentam as diretrizes projetuais, que têm como objetivo nortear a proposta.

Considera-se importante salientar que o desenvolvimento deste trabalho não ocorreu de forma linear, houve a necessidade de compreender a região escolhida para a intervenção para a posterior definição dos conceitos temáticos pertinentes e a seleção dos estudos de caso.

Toda a pesquisa tem como objetivo fundamentar a proposta de intervenção no bairro Rebouças, analisando as condicionantes da região e buscando propor um equipamento público que considere o contexto histórico, urbano e social em que está inserido.

1.1 PROBLEMA

A evasão populacional e os vazios urbanos presentes no bairro Rebouças (Curitiba, Paraná) geraram um processo de estagnação do entorno, que aliado à subutilização da infraestrutura existente e da predominância de atividades fundamentalmente diurnas contribuíram para a insegurança e a perda de identidade do bairro, resultando num processo de degradação.

1.2 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

A criação de um equipamento público cultural em conjunto com uma galeria de arte urbana a céu aberto pode ser capaz de envolver a população local e atrair públicos de outras regiões, atuando como agente catalisador para a requalificação dos espaços públicos do bairro Rebouças, além de possibilitar o sentimento de

apropriação e desenvolver a percepção crítica a respeito dos processos que compõem a dinâmica das cidades.

1.3 JUSTIFICATIVA

Sabe-se que os processos de degradação verificados no bairro Rebouças estão relacionados com a presença de vazios urbanos, ausência de áreas de lazer, e predominância de atividades de caráter diurno. Além disso, a presença de edificações abandonadas e/ou em estado precário, de lotes murados e de vias que priorizam a circulação de veículos motorizados, tornam o bairro pouco convidativo para os pedestres, resultando nos altos índices de insegurança e na perda da identidade local.

Dessa forma, entende-se que há necessidade de se propor espaços que atendam a escala humana e que contemplem usos culturais e de lazer na região. Algumas estratégias de requalificação de áreas urbanas vêm se mostrando efetivas, como por exemplo, a reocupação de áreas degradadas com equipamentos culturais. Cidades como Amsterdã, Roterdã e Berlim possuem projetos que seguem esse viés e apresentam resultados satisfatórios.

Nefs (2005) defende que as cidades devem oferecer serviços culturais e espaços públicos de qualidade, ao invés de apenas oferecer infraestrutura para a circulação das pessoas. Além disso, o autor também defende que os processos de requalificação das áreas urbanas ocorrem por intervenções culturais que incluam a comunidade local.

Nesse sentido, este trabalho se propõe a investigar os resultados que a instalação de um equipamento cultural pode promover, como a apropriação dos espaços e a inserção do indivíduo no meio urbano.

1.4 OBJETIVO GERAL

Desenvolver o projeto arquitetônico de um equipamento público cultural e uma galeria de arte urbana a céu aberto no bairro Rebouças, na cidade de Curitiba/PR, de forma que promova o pensamento crítico sobre a vida nas cidades e as manifestações artísticas urbanas.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Desenvolver um projeto arquitetônico no bairro Rebouças, em Curitiba/PR para promover diferentes exposições relacionadas ao viver urbano;
- II. Propor ambientes destinados à análise crítica do modo de viver urbano;
- III. Propor ambientes destinados à contemplação das manifestações artísticas urbanas;
- IV. Oferecer áreas de recreação para os visitantes.

1.6 MÉTODOS DE PESQUISA

O método de pesquisa adotado para esta monografia é qualitativo e quantitativo, devendo cumprir os seguintes objetivos listados.

1.6.1 Pesquisa Exploratória

Consiste na fusão de conceitos importantes para a contextualização e embasamento do projeto através de levantamentos bibliográficos e documentais – livros, artigos, teses, documentários, entre outros.

1.6.2 Procedimentos Técnicos

Pesquisa bibliográfica e documental a respeito dos conceitos básicos sobre apropriação das cidades e suas manifestações artísticas em âmbito regional e global.

Levantamentos de dados quantitativos relacionados ao perfil socioeconômico da área de intervenção; às diferentes formas de enxergar as manifestações artísticas e à apropriação das cidades e ao interesse da população acerca das intervenções propostas.

1.6.3 Estudos de Caso

Consiste no levantamento de referências projetuais para a proposta posterior do projeto. Tais projetos devem ser compatíveis com a escala, programa, fluxos e

usos da galeria proposta, devendo apresentar soluções plausíveis para a relação entre o edifício e entorno imediato.

1.6.4 Estudo da Área de Interesse

- a. Levantamento cadastral (plantas, cortes e elevações);
- b. Análise do entorno;
- c. Análise das condicionantes projetuais;
- d. Levantamento fotográfico;
- e. Questionário.

2 INSTRUMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo tem como objetivo a análise de conceitos básicos e históricos para fomentar a compreensão da interpretação da realidade e proposição das diretrizes projetuais posteriores.

O capítulo foi dividido em três subcapítulos: “O urbano”, “A arte” e “A cultura no meio urbano”. O subcapítulo “O urbano” inicia-se com um breve histórico do processo de industrialização e urbanização das cidades, abordando as consequências e transformações decorrentes e ressaltando as diferenças desses processos em países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Em seguida, apresenta-se o histórico da industrialização e urbanização brasileiros, análises de dados e contextualização do ambiente urbano das cidades no Brasil. O subcapítulo “A arte” apresenta uma breve discussão acerca das definições e teorias da arte ao longo dos anos, introduzindo as formas de expressão contemporâneas presentes nas cidades – *street art* – com ênfase no estudo do grafite como forma de apropriação do ambiente urbano. Por fim, o subcapítulo “A cultura no meio urbano” apresenta o termo “subculturas” e seu potencial no processo de requalificação urbana, apresentando os casos de Amsterdã, Roterdã e Berlim, sendo finalizado com uma breve descrição do panorama brasileiro em relação a essas tendências alternativas.

2.1 O URBANO

2.1.1 A industrialização e o processo de urbanização

A cidade é uma instituição milenar que pode ser entendida como resultado das transformações econômicas, tecnológicas, políticas e culturais. São grandes centros de vida social e política onde há o intercâmbio de bens materiais e imateriais. Embora as primeiras cidades e o conceito de civilização tenham surgido há aproximadamente 4.000 a.C., na região da Mesopotâmia, na Ásia, o processo de urbanização¹ foi inerente ao fenômeno da industrialização incitado pela Revolução Industrial no final do século XVIII (SOUZA, 2003).

¹Processo de urbanização como conceito demográfico caracterizado pelo aumento da população urbana em relação à população rural.

A Revolução Industrial foi o conjunto de mudanças substanciais nos sistemas econômico e social da Europa entre os séculos XVIII e XIX. Até o final do século XVIII a população europeia era predominantemente rural e as principais atividades eram a agricultura e o artesanato. Embora houvesse a predominância do artesanato, países como a França e a Inglaterra possuíam manufaturas. A presença de uma burguesia rica, a valorização do comércio e o desenvolvimento da máquina a vapor foram fundamentais para que a Inglaterra fosse o berço da Revolução Industrial. As transformações produzidas pela Revolução Industrial fundamentaram o modelo de cidade industrial moderna e a consequente sociedade urbano-industrial predominantes até os dias de hoje (NOBRE; RAMOS, 2011).

A cidade industrial surge como território para a institucionalização da soberania do capital, alterando as relações entre homem e trabalho com a emergência da classe trabalhadora – o proletariado. Além da reestruturação espacial e social, a industrialização também determinou a subordinação do campo à cidade, que se tornou dependente de ferramentas e instrumentos manufaturados para a sua própria produção (MONTE-MÓR, 2007). Para Lefebvre (1968, p. 12) é a partir da industrialização que a cidade se depara diante de um contexto contraditório: deixa de ser vista como obra e passa a ser vista como produto².

Ainda que a industrialização tenha se estabelecido de forma imperativa tanto espacialmente – determinando a direção do processo de urbanização – quanto socialmente – transformando as relações de trabalho e o ritmo de vida, é importante salientar que a Revolução Industrial promoveu avanços primordiais no que diz respeito ao progresso científico e tecnológico, contribuindo substancialmente para diferentes setores tais como medicina, engenharia, comunicação, entre outros.

Embora nos países desenvolvidos o processo de urbanização tenha se dado subordinadamente ao da industrialização, considera-se importante salientar que nesses países tal processo ocorreu gradativamente e acompanhado de desenvolvimento econômico, possibilitando a criação de infraestruturas urbanas necessárias conforme o fluxo migratório. Nos países subdesenvolvidos a urbanização também se deu em conjunto com a industrialização, porém em um curto espaço de tempo, de maneira rápida e desordenada. Dessa forma, a criação de

²Lefebvre (1968, p. 35) refere-se à contradição entre o valor de uso que possui uma obra – a cidade e a vida urbana – e o valor de troca que possui um produto – a compra e venda de espaços, consumo de produtos e bens.

infraestruturas foi insuficiente para suprir o fluxo migratório e expandir as cidades nos seus limites físicos de maneira legal e planejada.

Na atualidade, as metrópoles dos países subdesenvolvidos são territórios paradoxais: concentram a riqueza desses países e também a pobreza de populações miseráveis vivendo em suas periferias. As habitações em aglomerados subnormais (popularmente conhecidas como favelas) são produtos de um mercado imobiliário disfuncional, governos negligentes e políticas públicas insuficientes. Ainda que a proporção da população urbana vivendo em favelas seja menor do que era há duas décadas atrás, o número absoluto de assentamentos informais continua crescendo. Atualmente, uma em cada oito pessoas no mundo reside em área informal. Tal indicador demonstra a desarmonia com que a maioria das cidades enfrenta o crescimento urbano (UN-Habitat, 2016, p. 57).

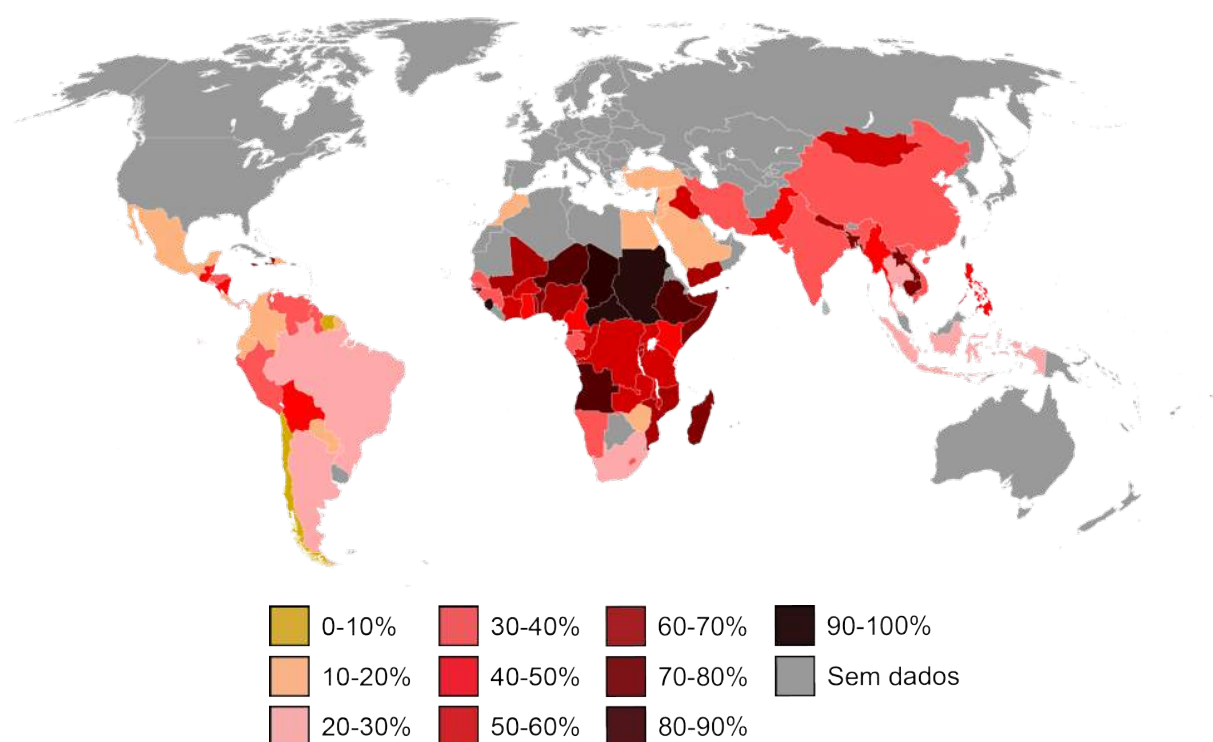


Figura 1 – Porcentagem da população urbana vivendo em assentamentos informais.
Fonte: UN-Habitat.

2.1.2 A urbanização no Brasil

A industrialização no Brasil se consolidou em 1930 e se prolongou até o fim da Segunda Guerra Mundial, promovendo profundas mudanças sociais e espaciais. Tal processo se iniciou quando o Estado começou a investir em infraestrutura visando à substituição de importações, alterando o caráter agrário-exportador da economia brasileira. Dessa forma, a burguesia industrial assumiu o domínio político na sociedade, de modo que não houve rompimento com os interesses hegemônicos existentes – é nessa conjuntura que se dá o início do processo de urbanização no Brasil. Para Maricato (2000, p. 22), a ambivalência entre rompimento e continuidade marcou a urbanização brasileira com as bases de uma sociedade colonial, embora ela tenha se dado no século XX – quando formalmente o Brasil já era uma República independente.

O surgimento do automóvel produzido pela indústria fordista a partir dos anos 50 e dos eletroeletrônicos produziu transformações expressivas no modo de vida dos brasileiros: tais transformações se desenvolveram tanto no âmbito individual quanto no coletivo – do interior das moradias até a ocupação do solo urbano, sucederam-se profundas mudanças no ritmo de vida, valores, cultura e ambiente construído das cidades (MARICATO apud MARICATO, 2000).

Desde o princípio do processo de urbanização brasileira (no início do século XX) as reformas urbanas realizadas eram baseadas em obras de saneamento básico e de embelezamento paisagístico, ao passo que a população excluída desse processo era deslocada para os morros e margens das cidades – tal fato evidencia a instituição dos alicerces de um mercado imobiliário essencialmente capitalista e excludente. Em 1964, com a implementação do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), o mercado imobiliário se estabeleceu através de um *boom* imobiliário. Baseado na verticalização promovida por edifícios de apartamentos, tal fato não só transformou o mercado fundiário e diversos aspectos da cadeia produtiva como também a imagem das cidades (RIBEIRO; CASTRO apud MARICATO, 2000). Entretanto, o financiamento imobiliário não promoveu a democratização do acesso à terra. Ao contrário disso, a gestão pública continuou negligenciando a população financeiramente incapaz de acessar o mercado imobiliário formal.

A incapacidade de acesso ao mercado formal por parte de um grande contingente populacional relaciona-se com a ineficácia das gestões públicas para

lidar com o crescente fluxo de migrações internas e a consequente necessidade de criação de políticas habitacionais. Em 1900, a população urbana representava menos que 10% e apenas quatro cidades brasileiras possuíam mais que 100 mil habitantes: Rio de Janeiro – com 691 mil habitantes, São Paulo – com 239 mil habitantes, Salvador – com 205 mil habitantes e Recife – com 113 mil habitantes (SANTOS apud BRAGA; CARVALHO, 2004). Em 40 anos (em 1940), a população urbana passou a corresponder 31,3% do total (12,8 milhões de habitantes). Já em 1970, pela primeira vez na história, o Censo registrou que a população urbana havia superado a rural durante a década de 60.

Tabela 1 – Brasil: População Total e Urbana, Grau de Urbanização e Incremento Médio Anual da População Urbana (1940-2010).

Período	Total	Urbana	Grau de Urbanização	Incremento
1940	41.236.315	12.880.182	31,24	-
1950	51.944.397	18.782.891	36,16	590.271
1960	69.930.293	31.214.700	44,64	1.243.181
1970	93.139.037	52.084.984	55,92	2.087.028
1980	119.502.716	80.436.419	67,31	2.835.144
1990	146.825.475	110.990.990	75,59	2.777.688
2000	169.544.443	137.697.439	81,22	2.967.383
2010	190.755.799	160.925.792	84,36	2.322.835

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE / Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.

Em 2010, a população urbana chegou a 160,9 milhões de habitantes – correspondendo a 84,3% da população total. Tal análise demonstra um acréscimo de 148 milhões de habitantes urbanos em 70 anos. Ainda que os limites legais das cidades brasileiras não tenham se ampliado em conjunto com o número de habitantes das mesmas nesses 70 anos, houve a necessidade de estender seus limites físicos e criar condições de vida nessas áreas.

Marcado pelo seu ritmo acelerado, desordenado e concentrador, o processo de urbanização no Brasil é caracterizado pelo fenômeno de metropolização, que pode ser entendido como um movimento de expansão urbana de determinada cidade e sua constituição como núcleo central de uma região metropolitana – regiões metropolitanas são aglomerados compostos por diferentes municípios,

administrativamente independentes, mas que apresentam a tendência de continuidade do tecido urbano e integração física e funcional.

Atualmente há 70 regiões metropolitanas distribuídas pelo país. As 10 mais populosas possuem cerca de 61 milhões de habitantes – aproximadamente 32% de toda população brasileira (Tabela 2).

Tabela 2 – Brasil: As 10 Regiões Metropolitanas Mais Populosas (2010).

Posição	Região Metropolitana	Estado	População
1	Região Metropolitana de São Paulo	SP	19.683.975
2	Região Metropolitana do Rio de Janeiro	RJ	11.835.708
3	Região Metropolitana de Belo Horizonte	MG	5.414.701
4	Região Metropolitana de Porto Alegre	RS	3.958.985
5	Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno	DF, GO e MG	3.717.728
6	Região Metropolitana do Recife	PE	3.690.547
7	Região Metropolitana de Fortaleza	CE	3.615.767
8	Região Metropolitana de Salvador	BA	3.573.973
9	Região Metropolitana de Curitiba	PR	3.174.201
10	Região Metropolitana de Campinas	SP	2.797.137

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE / Censo Demográfico de 2010.

O processo de metropolização decorre da enorme capacidade de geração de empregos das grandes regiões de expansão urbana e industrial, ainda que a quantidade de empregos promovidos não seja totalmente suficiente para absorver a grande demanda da população proveniente das migrações internas.

Seguindo a dinâmica da economia capitalista, as regiões metropolitanas reproduzem as desigualdades sociais resultantes do acúmulo de capital. Tal realidade é percebida no espaço através da segregação socioespacial, as denominadas periferias urbanas. Além disso, a metropolização também institui a redistribuição espacial das atividades econômicas – em especial as industriais, deslocadas para municípios vizinhos às capitais em função das necessidades impostas pelo capital imobiliário, articuladas pelo próprio Estado. A segregação social e espacial e a redistribuição das atividades econômicas são alicerces dos grandes aglomerados urbanos (BOTELHO apud BRITO; PINHO, 2012).

Nesse sentido, considera-se necessário ressaltar que as periferias das metrópoles crescem mais do que seus núcleos centrais, implicando em um aumento relativo das regiões mais pobres. Segundo o Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2010), a média nacional de crescimento das regiões periféricas foi de

11,7% entre 2000 e 2010. Dessas regiões, as periferias que mais se expandiram e superaram a média nacional foram as de: Salvador (29,8%), Fortaleza (23,1%) e Belém (18,3%).

A expansão demográfica urbana do Brasil foi paralela ao seu desenvolvimento econômico. De 1940 a 1980 a média de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) representou 7% ao ano. Ainda que o crescimento econômico tenha se desenvolvido em conjunto com a concentração de renda, considera-se necessário salientar que tal fato promoveu melhorias significativas nas condições de vida da população urbana em geral. Entretanto, não se pode afirmar que tais melhoras foram promovidas através do processo de urbanização. Embora o PIB do Brasil apresentasse intenso crescimento, o salário mínimo – indicador socioeconômico do poder aquisitivo da população – se encontrava decrescente (MARICATO, 2000).

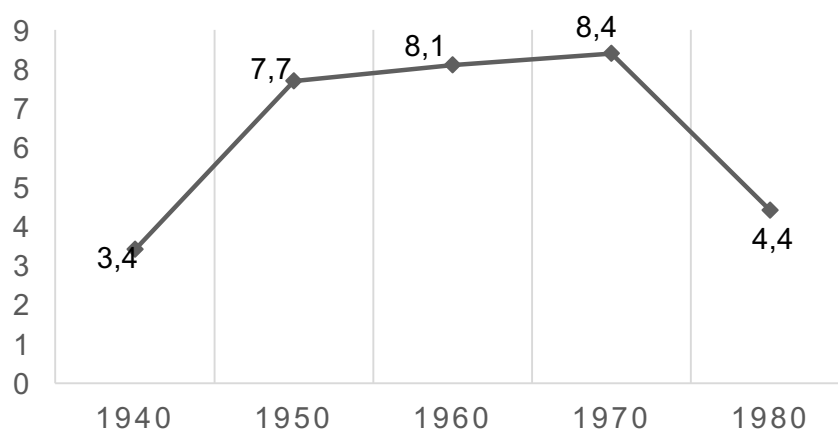


Gráfico 1 – Média de crescimento anual do PIB brasileiro (1940-1980).
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Ao passo que a economia do Brasil se mantinha em processo de crescimento, uma nova classe média urbana ascendia, embora grande parte da população mantinha-se sem direitos sociais e civis básicos (moradia, saneamento, legislação trabalhista, entre outros). No entanto, com a recessão econômica que se deu nos anos 80 e 90 – momento em que as taxas de crescimento demográfico superaram às do PIB, tornando a evolução do PIB *per capita* negativo na década de 80 – a concentração de pobreza se tornou visivelmente urbana. Pela primeira vez na história do país multidões se encontravam concentradas em locais inóspitos – morros, alagados, várzeas e planícies, caracterizados pela pobreza homogênea. O

espectro da desigualdade social no país também produziu um fenômeno ainda bastante atual nas grandes cidades brasileiras: o da violência urbana (MARICATO, 2000). Tal indicador evidencia a notável piora na qualidade de vida urbana.

Sabe-se que a violência urbana não é determinada pela pobreza, mas sim pela falta de oportunidades e pela desigualdade relacionadas a ela. Maricato (2000, p. 29) utiliza o termo “bombas ecológicas” para se referir às péssimas condições de vida existentes em determinadas áreas das grandes metrópoles. Segregação espacial, ociosidade e ausência de atividades recreativas (culturais e esportivas), falta de regulamentação social e ambiental, deficiências urbanísticas, mobilidade limitada e desemprego (muitas vezes responsável por desorganizar núcleos familiares) são alguns dos fatores intrinsecamente relacionados à violência.

A gênese das favelas e de todas as problemáticas envolvidas dentro de seu espaço e fora dele (dentro da cidade legal) é a exclusão social. Designadas como “lugar fora das ideias” por Oliveira (2000 apud MARICATO, 2000, p. 5) as favelas podem ser consideradas a expressão mais concreta do fenômeno da segregação espacial. Há uma gigantesca implantação de cidades informais nas adjacências das metrópoles, construídas com técnicas rudimentares, fora da lei, sem suporte técnico, administrativo e financeiro, completamente descapitalizadas e excluídas do mercado formal.

Não há nem sequer dados confiáveis sobre a ocorrência de favelas em todo o Brasil devido à dificuldade de identificar a situação fundiária dos assentamentos informais, já que nem mesmo as próprias gestões municipais têm esse controle. A ausência de interesse no tema já é por si sugestiva. Permite-se a invasão, mas não se dá o direito à cidade – os direitos não são universais e a cidadania é restrita. A ausência do controle urbanístico na cidade ilegal convive com a flexibilidade corrupta fornecida pela cidade legal. Sabe-se que há no Brasil um distanciamento entre as leis e suas aplicações, mediado pelos interesses predominantes de uma minoria (MARICATO, 2000). Entende-se, portanto, que a gestão pública é profundamente influenciada pelo mercado, de forma que os investimentos públicos urbanos são visados pelo mercado imobiliário. Num país onde a aplicação de leis é circunstancial, os planos urbanísticos acabam por se desassociar das necessidades e interesses da população.

Ainda que o processo de urbanização do Brasil tenha se dado predominantemente no século XX, ele conduz muitos dos princípios patrimonialistas

e clientelistas do Brasil pré-republicano – as mesmas resistências que buscaram inviabilizar a abolição do trabalho escravo controlaram o surgimento do trabalho livre (MARICATO, 2000).

Lefebvre (1968, p. 32) aponta uma tendência denominada “o urbanismo dos promotores de venda”. Tal tendência sugere o urbanismo entendido como valor de troca, onde há a supremacia do capitalismo e a conseqüente construção de centros de consumo. Em torno desses centros, há a propagação das periferias – “urbanização desurbanizada”. Dessa forma, surge a dominação perfeita para que se explore a população como produtores, consumidores de produtos e consumidores de espaço. A convergência de tais fatores apresenta o problema político da sociedade urbana.

É nessa conjuntura política – na qual os interesses de mercado conduzem às diretrizes urbanísticas – que se verifica o fenômeno conhecido por gentrificação³: processo de valorização do preço de terra motivado pelo interesse privado através de investimentos públicos, diretamente relacionados à especulação imobiliária. Dessa forma, tais investimentos estão desvinculados do interesse público. Por um lado, a gestão pública se apoia no interesse privado e promove propaganda política através das obras, por outro, o interesse privado se apoia na gestão pública para a revitalização urbana e concessões públicas.

Os conceitos da ideologia do urbanismo moderno – organizados em um documento intitulado “Carta de Atenas” em 1933 por um grupo de arquitetos no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) – estão relacionados com o processo de gentrificação. A ideologia do urbanismo moderno – amplamente difundida por Le Corbusier – foi influenciada pelos métodos de produção racionais, funcionais e setorizados do taylorismo e do fordismo. Tal ideologia propõe quatro funções básicas para a cidade: habitar, trabalhar, recrear e circundar – organizadas de maneira setorizada dentro do espaço urbano, sem que haja acúmulo de funções. Tal setorização propõe que os centros urbanos desempenhem essencialmente funções comerciais e de serviços, suprimindo a função residencial. Blascovi (2006, p. 38) defende que a limitação de usos nas áreas centrais qualificou tais áreas com

³Da palavra inglesa *gentrification*. É o fenômeno que afeta uma região ou bairro pela alteração das dinâmicas da composição do local, de forma a valorizar a região e afetar a população de baixa renda local.

funções essencialmente diurnas, resultando na subutilização da infraestrutura existente e no aumento de insegurança nessas áreas no período noturno.

A setorização proposta pelo urbanismo moderno foi aplicada por meio das legislações de uso e ocupação do solo urbano e políticas de habitação social: designou zonas de menor valor imobiliário destinadas às famílias de baixa renda, de tal forma que o mercado imobiliário se apropriou de áreas com localização privilegiada e melhor qualidade ambiental, valorizando tais áreas. Assim, novas áreas passaram a ser os centros de consumo e de investimento (tanto público quanto privado), reduzindo os investimentos nas áreas centrais e acentuando seu processo de degradação. A subutilização das áreas centrais resultou em precariedade habitacional, degradação do patrimônio histórico e presença de trabalhos informais (BLASCOVI, 2006).

As inúmeras questões que a sociedade urbana contemporânea enfrenta – tais como insegurança, violência, marginalização e informalidade – se associam com o sentido⁴ negativo que as ruas passaram a ter: o ambiente urbano é cenário de diversas mazelas da sociedade contemporânea. A partir do momento em que os interesses privados imperam com muito mais força do que os princípios do Estatuto da Cidade⁵, a cidadania se torna restrita (MARICATO, 2000).

Em uma vertente contrária aos processos de degradação e depreciação das ruas, há um movimento crescente de apropriação e requalificação desses espaços através de manifestações artísticas. Embora Oseki (2001 apud SILVA, 2011), defenda que os movimentos de apropriação estejam bloqueados pela fragmentação do espaço (resultado das práticas industriais e do urbanismo moderno), ao se deslocarem de diferentes regiões da cidade para as regiões centrais, indivíduos com o propósito de intervir no ambiente urbano em busca de inclusão denunciam exclusões e expressam a necessidade de conquista dos espaços urbanos. Nesse sentido, esse processo é, fundamentalmente, a arte como manifesto emoldurada num espaço que se tornou o reflexo de uma sociedade historicamente desigual.

⁴A palavra “sentido” é adotada de acordo com os conceitos de Vygotsky (1934, p. 465): sentido como soma de todos os fatos psicológicos despertados em nossa consciência.

⁵Lei Federal 10.257 de 10 de julho de 2001 que regulamenta as diretrizes gerais da política urbana do Brasil.

2.2 A ARTE

2.2.1 Arte como expressão histórica

Há inúmeras definições de diferentes vertentes sobre o que é arte, no entanto, este trabalho não tem como propósito explicar tal questão pois considera-se que atribuir um significado absoluto à arte é também limitá-la. Entende-se a arte como forma de expressão – é importante salientar que tal entendimento da arte não se restringe apenas à comunicação de emoções, relaciona-se, sobretudo, à constituição de conhecimentos sensíveis capazes de promover a compreensão de uma realidade que nenhum outro instrumento de reflexão proporcionaria (CAMARGO, 2009).

Sabe-se que a necessidade de se expressar é inerente ao ser humano – tal necessidade pode ser observada em nossos ancestrais mais antigos e seus registros pré-históricos, popularmente conhecidos como arte rupestre. As representações pré-históricas eram feitas de modo bastante primitivo, entretanto desempenham papel fundamental para a análise sobre a cultura e crenças dessa época. Assim, analisar a arte e suas diferentes manifestações pelo tempo é também entender a humanidade e suas percepções ao longo da história.

Desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade há um constante processo de mudança a respeito do que se configura como arte. Camargo (2009, p. 12) em sua tese de doutorado classificou os diferentes conceitos atribuídos à arte relacionados às diferentes épocas em que foram formulados (Tabela 3). Nesse sentido, é possível concluir que o tempo e as diferenças culturais produzem perturbações que impossibilitam a plena interpretação e entendimento da arte – Umberto Eco (apud COLI, 1995) denominou tais perturbações como “ruídos”. Cada sociedade apresenta diferentes crenças, valores morais, artísticos e religiosos, de modo que cada cultura se manifestará de acordo com seus princípios.

Para Coli (1995, p. 11) a noção de arte da cultura ocidental é imposta por determinados instrumentos, tais como: história da arte, crítica, museus, teatros, cinemas, salas de concertos e revistas especializadas. Esses instrumentos permitem a manifestação do objeto artístico e configuram tal objeto como arte.

Tabela 3 – Teorias da Arte.

Período	Título	Autor(es)	Conceito
Desde a Antiguidade Clássica	Teoria Mimética, Teoria Essencialista da Arte	Platão, Aristóteles, clássicos e o senso comum.	Objetos de arte contêm propriedades imanentes e intrínsecas que lhes são próprias. Representação naturalista da realidade – Mimese.
Século XVIII	Teoria Reflexiva da Arte	Kant	Arte como um conhecimento autônomo de validade universal.
Século XIX	Teoria Psicológica da Arte	Friedrich Nietzsche	Arte como o produto conflituoso de dois princípios naturais: apolíneo e dionisíaco.
Décadas de 1910, 1920	Teoria Psicológica da Arte, Teoria Formalista	Clive Bell	Somente as obras de arte têm em comum o fato de causar emoções estéticas por meio de sua “forma significante”.
Décadas de 1920, 1930	Teoria Crítica da Arte	Escola de Frankfurt, Theodor Adorno	Concepção materialista que visa criticar as condições sociais de produção da arte.
Décadas de 1930, 1940	Teoria Expressionista da Arte	Robin G. Collingwood	Arte como expressão de emoções.
Décadas de 1960, 1970	Teoria da Indefinibilidade da Arte	Morris Weitz	A arte não pode ser definida pela impossibilidade lógica de atribuir-lhe regras distintas. Opta-se por um conceito aberto semelhante a um jogo. Sabe-se o que é jogo pela familiaridade com eles.
Décadas de 1960, 1970	Teoria Institucional da Arte	George Dickie	Arte é aquilo a que se atribui um conjunto de aspectos eleitos por uma comunidade de especialistas que confere estatuto de arte às obras.
Décadas de 1970, 1980	Teoria Simbólica da Arte	Nelson Goodman	Arte funciona como símbolo estético.
Décadas de 1990, 2010	Anti-teoria da Arte	Umberto Eco, Jean-Francois Lyotard, Michel Maffesoli, Gilles Deleuze, Anne Cauquelin	Arte como evento inconcebível e o artista como seu topos gerador.

Fonte: Adaptado de Camargo (2009, p. 12).

Movimentos de anti-arte tal como o Dadaísmo questionaram tais instrumentos. Marcel Duchamp – um dos maiores representantes desse movimento – em 1917 formalizou uma clara provocação ao incluir um mictório numa exposição artística (Fotografia 1). O ato de dispor objetos banais fabricados em série e desviados de suas funções originais pela sua instalação numa galeria, num museu – objetos como mictório, porta-garrafa, roda de bicicleta (prática denominada de *ready-made*) – obrigam o público culto a reconhecer que um objeto só é reconhecido como artístico porque foi aceito pelas diferentes competências (ou instrumentos): pelo museu, pelo crítico, pelo historiador. Através de tal provocação, Duchamp denuncia os critérios de atribuição de estatuto de arte pelos instrumentos culturais, criticando a atitude cerimoniosa que a sociedade confere ao entrar em contato com o objeto artístico.

Os instrumentos culturais detêm tanto poder que os objetos dispostos por Duchamp – que supostamente deveriam provocar questionamentos – adquiriram o caráter de arte. Quando convertidos em peças de museu, os objetos se tornaram dignos de contemplação, provocando sentimentos no observador (COLI, 1995).



Fotografia 1 – *Fountain*, por Marcel Duchamp.
Fonte: Alfred Stieglitz (1917).

Dessa forma, conclui-se que a valorização e, sobretudo, a transformação de um objeto em arte são determinadas por um grupo restrito, de forma que o contato com a arte se torna dependente de meios materiais. No Brasil, o acesso à arte não é garantido a todos por questões econômicas e culturais: a negligência e o pouco investimento em eventos e equipamentos que proporcionem o contato direto com arte e o sistema de ensino essencialmente voltado para uma formação mais pragmática e tecnológica demonstram a desvalorização e o desinteresse em relação às artes pelas entidades “competentes” pelo sistema de educação. Assim sendo, considera-se necessário democratizar o acesso à arte e ampliar a concepção daquilo que se reconhece como tal, de forma que se valorize menos os formalismos e o local onde a arte se insere e se valorize mais a mensagem que ela profere.

2.2.2 Arte como expressão social-urbana

Há milhares de anos de história, revoluções e transformações que distanciam a arte paleolítica inserida nas cavernas da arte urbana inserida no concreto, porém a liberdade de expressão conserva-se como uma necessidade intrínseca ao ser humano. A arte que surge no meio urbano manifesta-se predominantemente como denúncias às desigualdades sociais promovidas pelas cidades: as precárias condições de habitação, mobilidade e serviços comprometem o acesso à cidade, promovendo a segregação espacial – fenômeno já discorrido em capítulos anteriores deste trabalho. Sabe-se que há diversos gêneros de *street art*, tais como grafite, pixo, estêncil, lambe-lambe, instalações, entre outros, no entanto, optou-se por uma análise mais detalhada e específica do grafite e suas expressões artísticas por considerá-lo uma potencialidade no que diz respeito às estratégias de apropriação das cidades, como defendeu Silva (2011) em sua dissertação de mestrado.

Segundo Gitahy (1999 apud SILVA, 2011, p. 37) o verbo grafitar significa “riscar, documentar de forma consciente ou não, fatos e situações ao longo do tempo”. Seu sentido etimológico “grafite” ou “grafito” (do italiano *grafitti*, plural de *grafitto*) refere-se às inscrições feitas em paredes desde o Império Romano: a derivação do étimo grego *grapho* traduz significados como arranhar, gravar, pintar, desenhar, escrever, compor, inscrever, registrar – ou seja, essa designação pode abranger o conjunto de atividades que incluem, além do desenho, a mensagem verbal (QUEIROZ apud SILVA, 2011).

A prática do grafite surgiu na Europa na década de 1960, com a eclosão dos movimentos estudantis. Inicialmente eram frases lúdicas feitas com *spray*, exprimindo mensagens libertárias e ousadas que contestavam a política de dominação da época. Nos Estados Unidos, o grafite se difundiu na década de 1970, vinculado ao movimento *Hip Hop*⁶ e à indústria cultural. Os grafites que coloriam a cidade de Nova York marcavam diferenças expressivas daqueles que se produziram

⁶O movimento *Hip Hop* surgiu no bairro nova-iorquino *South Bronx* e tinha como princípio a luta contra as desigualdades sociais, a busca pelos valores culturais e a disseminação de ideais pelo mundo. Os subúrbios – berço do *Hip Hop* – tornaram-se locais estigmatizados devido ao programa de reestruturação urbana, que provocou desvalorização e devastação dessas áreas. Como consequência desse processo, a imagem do *Bronx* tornou-se negativa, com fachadas decadentes e incendiadas (SILVA, 2011).

na Europa: os grafites americanos se destacavam pelas formas mais agressivas de expressão e incisivos questionamentos em relação à organização e estruturas das cidades, além da impressão de marcas individuais dos autores. No Brasil, o grafite surgiu a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980 na cidade de São Paulo, bastante influenciado pela técnica americana. Alex Vallauri, artista italiano radicado no Brasil, foi o pioneiro na arte do grafite no país – suas obras eram em forma de poesia, com elementos figurativos que dialogavam com pichações e remetiam ao universo das histórias em quadrinho (Fotografia 2). O trabalho de Vallauri procurava resgatar o passado, repensar o contexto dos significados e intervir no cenário urbano (SILVA, 2011).



Fotografia 2 – A Rainha do Frango Assado em Picnic no Glicério, de Alex Vallauri.

Fonte: Kenji Ota/Bienal de São Paulo.

Disponível em: <<http://www.bienal.org.br/post.php?i=335>>

Tal como nos Estados Unidos, o estilo brasileiro de grafitar surgiu das influências de diferentes linguagens do *Hip Hop* (por exemplo, a música e a dança), com letras distorcidas, complexas e com códigos particulares, de difícil interpretação para os indivíduos que não estivessem inseridos no movimento. O grafite é uma arte de manifestação por meio de desenhos, letras e formas criativas, que denuncia as desigualdades sociais experienciadas por grupos excluídos socialmente, economicamente, espacialmente e culturalmente. Além disso, o grafite – como arte essencialmente urbana – traz questionamentos a respeito da utilização dos espaços

urbanos e propõe reflexões sobre o viver nas cidades. Silva (2011, p. 38) defende que o grafite é uma produção efêmera que se reinventa ininterruptamente, propondo novas formas de se pensar o espaço através da descoberta e da experimentação.

Ao discorrer sobre o surgimento do grafite como expressão de protesto, considera-se necessário abordar o surgimento da pichação nos centros urbanos brasileiros devido à aproximação entre essas duas formas de expressão. O Regime Militar foi a primeira grande motivação para o surgimento das pichações, originalmente provenientes do movimento *Punk*. Há muitas divergências estéticas e contextuais entre pichação e grafite, no entanto, ambas são expressões de rua que têm como intenção a transgressão do que é socialmente estabelecido.

Segundo Silva (2011, p. 39), alguns grafiteiros/as não consideram necessária a distinção entre eles e pichadores/as pois ambos possuem motivações e técnicas semelhantes: visam à apropriação dos espaços públicos, demandam desenvoltura, utilizam *spray* e são manifestações urbanas. Entretanto, ao retratar a realidade dos pichadores/as, o documentário Pixo (2009) aborda a opinião contrária dos pichadores/as em relação aos grafiteiros/as: os pichadores/as entrevistados no documentário não tratam o grafite como uma expressão transgressora e o classificam como “mercadoria”.

Por fim, relacionado ao movimento de pichação considera-se necessário mencionar o ocorrido do dia 26 de outubro de 2008, na 28ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo, quando um grupo de 40 manifestantes realizaram pichações pelo pavilhão e quebraram vidraças questionando a curadoria e o conceito de arte. Embora uma integrante do movimento tenha sido presa e condenada pela Justiça por dano ao patrimônio histórico e formação de quadrilha, dois anos após tal evento três dos pichadores/as que participaram da manifestação foram convidados pela curadoria da 29ª edição da Bienal para representar o movimento do “pixo”. No entanto, as latas de *spray* não foram utilizadas pelos expositores, pois segundo um dos integrantes a pichação só ocorre quando há transgressão – pichar com autorização é contra a ideologia do movimento. A mudança de postura por parte da curadoria da Bienal proporciona à intervenção urbana o status de arte, arte da periferia, urbana, ilegal e transgressora.

De acordo com Pereira (2002 apud SILVA, 2011, p. 39) a pichação tornou o grafite mais bem aceito pelos órgãos governamentais, pela mídia e autoridades, de forma que houve a valorização do grafite e a discriminação da pichação: a pichação

tornou-se manifestação marginal enquanto que o grafite se tornou expressão artística potencialmente aceita pela sociedade – tal percepção é verificada através da Lei nº 12.408 de 25 de maio de 2011⁷, que descriminaliza o ato de grafitar. Embora este trabalho não tenha como objetivo principal a análise do movimento de pichação e suas expressões, compreende-se a importância desse movimento e suas influências políticas, sociais, plásticas e urbanas. Ao invés de ser interpretado como vontade de destruir, o ato de pichar pode ser entendido como reconhecimento de identificação em meio a sociedade que só produz anonimatos (SPILLER apud SILVA, 2011, p. 40).



Fotografia 3 – Pichação na Bienal em 2008.

Fonte: G1 São Paulo.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/apos-invasao-em-2008-pichadores-sao-convidados-voltar-bienal.html>>

Em sua dissertação de mestrado, Silva (2011, p. 77) observou a verbalização do termo “apropriação” com frequência pelos grafiteiros/as entrevistados. Tal análise expressa a busca pelo direito à cidade, como defendeu Lefebvre (1968): os grafiteiros/as buscam atuar para transformar os espaços e as experiências urbanas, revelando realidades que se encontram excluídas dos limites da cidade formal. Os grafiteiros/as acreditam que a apropriação pelo grafite se justifica, considerando que através dessa arte novos sentidos e usos são propostos a locais previamente

⁷De acordo com a resolução, a prática de grafitar com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado através de manifestação artística é permitida – desde que seja consentida pelo proprietário/locatário/arrendatário do bem privado e, no caso do bem público, com a autorização do órgão competente e de acordo com as normas de conduta impostas pelo município e órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional (BRASIL, 2011).

abandonados e desapropriados pelos órgãos públicos – espaços sujeitos ao vandalismo⁸ e violência (*Broken Windows Theory*⁹). O grafite, tal como outros métodos de intervenção urbana, é uma forma de recuperar os espaços públicos, resgatando o sentido das cidades como uso e obra, e não como produto ou objeto de consumo.

Sabe-se que o surgimento do automóvel no século XX influenciou profundamente o planejamento das cidades, de tal forma que atualmente o ambiente urbano se configura em espaços que privilegiam os deslocamentos rápidos – especialmente os automobilísticos. O ambiente urbano é composto por contrastes físicos e sociais, e é ditado por um ritmo veloz. Culturalmente, a rua ainda possui conotação negativa – DaMatta (1986, p. 20) defende que há no Brasil um paradoxo relacionado às noções de ambiente domiciliar e ambiente urbano: para o autor, a casa do brasileiro não é apenas um lugar físico, mas moral onde o indivíduo existe de maneira singular. Já a rua é povoada pela “massa” humana, associada à exploração e à uma concepção negativa de cidadania e trabalho. Essas noções distorcidas em relação ao ambiente domiciliar e ao urbano refletem na arquitetura e no planejamento das cidades, de maneira que grande parte das edificações que compõem o ambiente urbano não estabelece conexões com os espaços públicos. Em contrapartida, a arte urbana pretende transformar a relação entre cidadão e cidade: Silva (2011, p. 78) defende que as ações dos grafiteiros/as não se limitam apenas às produções artísticas, mas também à produção de eventos nas comunidades, repasse de conhecimento através de oficinas de arte, ações educativas e inserção de projetos que favoreçam o desenvolvimento da percepção crítica dos jovens e da sociedade.

De acordo com sua pesquisa, Silva (2011, p. 78) argumenta que a necessidade de visibilidade e reconhecimento está relacionada ao sentimento de apropriação sentido pelos grafiteiros e grafiteiras. Para esses artistas, as exposições em galerias e museus limitam a criação e restringem à arte a um determinado grupo. Dessa forma, ao optar por espaços urbanos, o grafite manifesta-se contra às

⁷Considera-se importante salientar que o termo vandalismo utilizado refere-se às práticas relacionadas ao fenômeno de desapropriação dos espaços – fenômeno contrário aos objetivos das expressões urbanas tratadas neste trabalho.

⁹A teoria das janelas quebradas foi desenvolvida por George L. Kelling e Catherine Coles no livro *Fixing Broken Windows: Restoring Order and Reducing Crimes In Our Communities* (1996). De acordo com a teoria, quando um edifício possui janelas quebradas, há a tendência de vandalização e que o espaço se torne cada vez mais depredado. Para os autores, resolver os problemas quando eles ainda são mínimos é uma estratégia para evitar a o fenômeno de desapropriação dos espaços.

restrições as quais a arte moderna esteve condicionada e aos espaços fechados que inviabilizam a apreciação da arte por um maior número de pessoas. Os grafiteiros/as reivindicam o acesso à área das artes, dado que as exposições em eventos oficiais e o mercado cultural impossibilitam sua inclusão devido ao mecanismo de controle da produção de bens simbólicos. Observa-se na prática do grafite uma postura de protesto aos instrumentos que configuram o estatuto de arte aos objetos, tal como Coli (1995) defendeu.

A expressão que surgiu como arte de protesto e resistência à dominação se expandiu e atualmente se inseriu no mercado, atendendo às necessidades de profissionalização e conquista de bens materiais. Nos dias de hoje, é possível observar a técnica do grafite em diferentes lugares, incluindo galerias e museus – o que traz questionamentos a respeito de sua ideologia original. Ao passo que surgem novas necessidades – tal como a de mercado – é possível afirmar que o grafite tem aos poucos conquistado seu espaço, seja esse espaço público ou privado (SILVA, 2011). Embora os grafiteiros/as tenham conquistado maior visibilidade nos últimos anos e contem com grandes nomes relacionados ao grafite, como “OsGemeos”, sabe-se que há ainda muitos paradigmas a serem quebrados – por exemplo, recentemente o atual prefeito eleito da cidade de São Paulo, João Doria, cobriu algumas das 490 obras de grafite pelo corredor norte-sul e central da cidade com tons de cinza sob o argumento de que as obras estavam deterioradas e/ou pichadas. Por outro lado, os grafiteiros/as reprovaram a falta de diálogo entre os artistas e a prefeitura. Houve protestos contra o ato de Doria, entretanto, uma parcela da população paulistana foi a favor e defende as políticas de “higienização” propostas pelo prefeito.



Fotografia 4 – Grafite da dupla Os Gemeos criticando a ação do prefeito Doria.

Fonte: UOL Notícias.

Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/01/27/os-gemeos-criticam-combate-de-doria-a-grafites-e-pichacoes-na-cidade.htm>>

Há muitas divergências de opiniões e polêmicas que permeiam o universo das artes urbanas. Entretanto, conclui-se que o grafite em conjunto com outras expressões urbanas desempenha papel fundamental no que diz respeito à apropriação e requalificação dos espaços públicos e às novas formas de se pensar a cidade. Assim sendo, entende-se a prática do grafite e de outras manifestações artísticas como agente determinante na busca pela inclusão espacial e pela coesão social das comunidades socialmente excluídas.



Fotografia 5 – Painel do artista Kobra pichado com representação que remete ao ato do prefeito Doria inserida.

Fonte: G1 São Paulo.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/em-meio-a-polemica-com-doria-grafiteiros-defendem-dialogo-e-espaco.ghtml>>

2.3 A CULTURA NO MEIO URBANO

2.3.1 Subculturas como instrumento de requalificação urbana

Os conceitos do termo subcultura são diversos e às vezes denotam significados negativos, relacionados à uma cultura ilegal ou inferior. No entanto, este trabalho aborda especificamente as subculturas vistas como vanguardistas ou inovadoras, que não se opõem à cultura, mas que a complementam.

A cultura pode criar unidade, mas também pode ser utilizada por grupos para se diferenciarem, nesse sentido, as minorias culturais que possuem crenças próprias e ideias são denominadas subculturas. Nefs (2005) argumenta que termo subcultura surgiu como ideia de cultura alternativa que se originou na Europa na década de 60, em resposta à transformação da cultura em instrumento econômico de política e de caráter essencialmente comercial, desfazendo-se de seus aspectos críticos e artísticos. Grupos que rejeitavam a cultura de massa, denominados de “minorias culturais”, “contracultura”, cultura “alternativa” ou “marginal” se voltaram contra a espetacularização generalizada, a cultura não-participativa e desprovida de intervenções, passiva e alienada.

Sabe-se que os processos de globalização, imigração e liberalização provocam alterações na relação governo-cidadão. Nesse sentido, o cidadão tem se tornado uma entidade dinâmica, complexa e variável, de forma que há ascendência de grupos pequenos nas massas da sociedade, denominados de “tribos” por Maffesoli (apud NEFS, 2005). Esses grupos têm despertado a atenção do setor comercial, que passou a utilizar subculturas como estratégia de *marketing*. Nefs (2005) cita alguns exemplos como marcas de roupas e gravadoras de música. Observa-se que a cultura alternativa está presente em diferentes áreas do mercado de trabalho, como moda, vida noturna e lazer. Assim, cultura e subculturas são instrumentos na criação das imagens da cidade no mercado global (*city-branding*), capazes de atrair investidores e turistas.

Observa-se que nas últimas décadas as atividades relacionadas ao *skate*, *break dancing*, *Hip Hop* e ao grafite passaram a ser mais bem aceitas como formas de expressão e de lazer. A partir do momento que essas atividades possibilitam a criação de uma vida cultural em determinada área deteriorada, conclui-se que suas

ações são capazes de atrair um público que segue novidades culturais e, de forma indireta, atividades comerciais como restaurantes, lojas e galerias.

Nefs (2005) defende que a cultura nos processos de requalificação urbana pode ser descrita em duas escalas distintas: a função da cultura de massa na grande renovação urbana e as subculturas (minorias culturais) cujas iniciativas locais podem potencializar a requalificação dos espaços públicos. As grandes operações urbanas geralmente têm a valorização das áreas renovadas como objetivo e a gentrificação como consequência. A gentrificação é um processo de caráter paradoxal, pois ao mesmo tempo que produz melhorias no espaço urbano e na economia local promove exclusão social. Vaz e Jacques (apud NEFS, 2005) defendem que a recuperação urbana através da cultura deve reinstaurar vitalidade tanto urbana quanto cultural na área de intervenção, através de iniciativas culturais que não precisem necessariamente envolver grandes projetos ou obras, mas que tenham o potencial de incorporar a população e a cultura local.

A presença e a manifestação das subculturas podem acelerar ou iniciar o processo de requalificação urbana, sendo um importante instrumento a ser utilizado como estratégia urbana para recuperar áreas degradadas. Observa-se na última década a tendência de revitalizar áreas desindustrializadas, docas e centros antigos. Exemplos dessa tendência são os Docklands em Londres, Friedrichstrasse em Berlim e Porto Madero em Buenos Aires. Nefs (2005) aponta que a junção entre espaços vazios (tais como antigas áreas industriais), usuários e atividades temporárias podem enriquecer a região de forma visual, cultural e funcional.

Conclui-se que as iniciativas subculturais em áreas degradadas podem funcionar como uma incubadora urbana, de forma que essas áreas tem o potencial de se tornar centros de produção cultural de suas cidades. No entanto, considera-se importante salientar que o uso de subculturas como instrumento político ou comercial e a valorização e regulamentação das áreas podem provocar a contradição de “subculturas institucionalizadas”, enfraquecendo seu caráter político e independente (NEFS, 2005).

2.3.2 Os casos de Amsterdã, Roterdã e Berlim e o panorama brasileiro

Amsterdã possui uma tradição de intervenções por coletivos artísticos nas áreas centrais e de ocupação de prédios vazios desde os anos 70, quando a cidade sofria com carência de moradias estudantis e para recém-formados. Nas décadas que se seguiram os movimentos invasores estabeleceram relações com a prefeitura, o que resultou em leis sobre invasão e ocupação de prédios. Dessa forma, a rede dos invasores passou a ser uma respeitada entidade da vida cultural de Amsterdã.

O cais da empresa naval NDSM – Netherlands Dock and Shipbuilding Company, localizado no norte da cidade, encontrava-se abandonado desde a falência da empresa em 1984. Através de uma competição pública, foi criado um acesso para o cais. Os vencedores foram um grupo de ex-invasores de propriedade chamado Kinetic North, que puderam começar a utilizar a área de maneira experimental e flexível para atrair atividades urbanas para as docas decadentes e promover vitalidade cultural e social. Atualmente, o NDSM é utilizado como espaço para festivais, exposições, oficinas entre outros grandes eventos. O espaço inclui também escritórios e moradias estudantis, além de bares e restaurantes. A atmosfera alternativa e pós-industrial é percebida através de sua produção cultural.

A política de incubadoras de criatividade instituída em 1999 e que se mantém até hoje oferece espaços dedicados às atividades na área de artes plásticas, arquitetura, artes cênicas, desenho, filme, entre outras disciplinas, mostrando-se como uma importante aliada da classe criativa de Amsterdã e possibilitando a próspera produção cultural da cidade (NEFS, 2005).



Fotografia 6 – NDSM.
Fonte: Acervo pessoal (2016).



Fotografia 7 – Interior da NDSM.
Fonte: Acervo pessoal (2016).

Em Roterdã, o Atelier van Lieshout – um coletivo multidisciplinar na área da arte, do design e da arquitetura – lançou um projeto denominado AVL-Ville na região portuária em 2001, quando a cidade era a capital cultural da Europa. A vila temporária foi criada ao lado de uma zona de prostituição semi-ilegal e possuía leis próprias, se manifestando como ícone da beleza da marginalidade dos movimentos culturais do país, ainda que com aporte financeiro do poder público. Atualmente, a região portuária de Roterdã está sendo requalificada por iniciativas municipais de cultura e comércio, como por exemplo o Designdock, uma série de ateliês para empresas iniciantes (NEFS, 2005).

Dessa forma, observa-se que a Holanda passa por um renascimento cultural instigado por movimentos independentes que se aliam ao poder público, planejando o inesperado, ou seja, possibilitando a criação de espaços que estimulem a liberdade criativa.

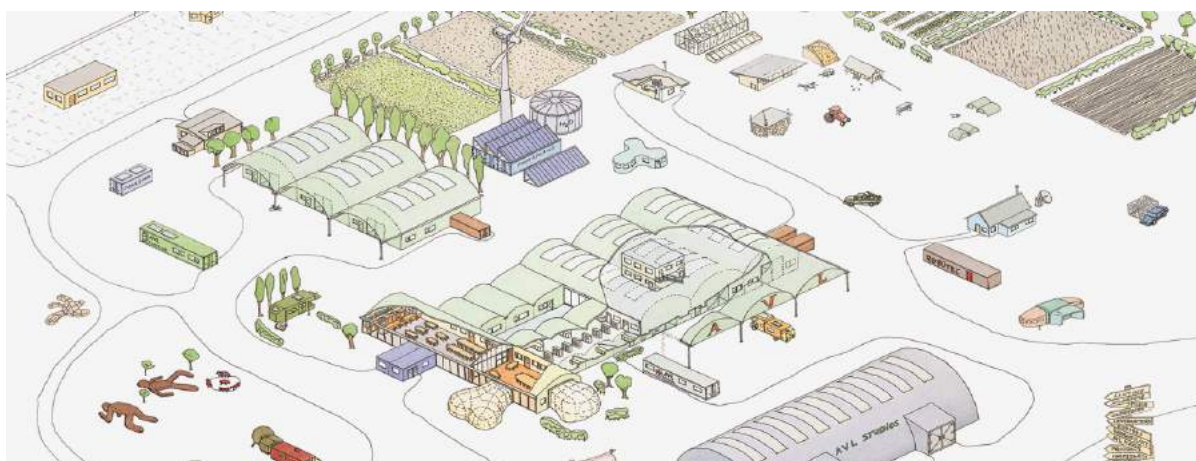


Figura 2 – Representação da AVL-Ville.
Fonte: Atelier van Lieshout.

Berlim, na Alemanha, é conhecida internacionalmente pela apropriação de regiões degradadas pela guerra por meio de subculturas. A queda do muro de Berlim em 1989 iniciou o movimento de ocupação das edificações em desuso do entorno, o que promoveu a cena *underground* e a rede informal de clubes e coletivos artísticos que surgiram. Com o passar do tempo, tais iniciativas atraíram investimentos públicos e a valorização da área. Nesse sentido, parte dos bairros que fizeram parte do movimento de ocupação acabou sofrendo processo de gentrificação e as subculturas se deslocaram por conta do desenvolvimento que a mesma incitou. Para Nefs (2005), se o poder público visa a utilização de subculturas como instrumento de requalificação, é imprescindível que haja flexibilização das legislações para que tal processo ocorra de forma adequada.



Fotografia 8 – A rua Oranienstraße, a principal do Distrito de Kreuzberg, o qual foi ocupado após a queda do muro de Berlim por movimentos de arte urbana.
Fonte: Industrie Palast (2017).

No Brasil, os tipos de organizações alternativas são diferentes das ocorridas na Europa. Enquanto na Europa os movimentos subculturais possuem a forma de coletivos profissionais ou artísticos, lutando pela liberdade de expressão e realizando experimentações no que diz respeito a novos conceitos de produção e gestão, no Brasil esses movimentos lutam por reconhecimento e contra problemas urbanos cotidianos, tais como exclusão social, violência e desemprego. Por conta da especulação imobiliária e o alto custo do solo nas centralidades, a maior parte dos movimentos culturais espontâneos e populares se concentram nas periferias brasileiras, o que não significa que tais movimentos não visem à apropriação das áreas centrais, ao contrário disso pois as regiões centrais são pontos de encontro para integrantes desses grupos (tais como grafiteiros/as e praticantes de *Hip Hop*).

O maior desafio para as áreas urbanas degradadas é a requalificação dos espaços através de intervenções com participação da comunidade local. Há uma necessidade de que os instrumentos utilizados no processo de melhoria dos espaços urbanos sejam de conteúdo multiprogramático e que possam envolver a população, de forma que atraia diferentes públicos para conferir dinamismo às áreas, adequando-se às necessidades de seu entorno e levando em conta suas demandas (NEFS, 2005).



Fotografia 9 – Grafite do grupo OPNI na favela Vila Flávia em São Paulo, fazendo referência à Copa 2014.

Fonte: Extra Globo (2014).

3 ESTUDOS DE CASO

Os projetos selecionados como estudo de caso possuem condicionantes e características similares à proposta a ser desenvolvida, de forma que auxiliará na elaboração do programa de necessidades, diretrizes e estratégias projetuais.

3.1 CENTRO DE ARTES HARDESTY, ESTADOS UNIDOS

O projeto está localizado no estado de Oklahoma, região Centro-Oeste dos Estados Unidos, no município de Tulsa, que possui aproximadamente 391 mil habitantes.

A proposta central do projeto era – e ainda é – envolver a comunidade nas artes. Nesse sentido, o Centro de Artes Hardesty foi concebido na região central da cidade, no Distrito das Artes Bradt. Todo o edifício foi projetado para apoiar e estimular o processo criativo: possui áreas destinadas para a prática de desenho e pintura, fotografia, escultura e arte digital. O escritório responsável pelo projeto (Selser Schaefer Architects) em conjunto com o Conselho de Artes e Humanidades de Tulsa convidaram artistas locais para contribuir no processo de concepção destes espaços.

Dessa forma, o projeto evoca a meta dos arquitetos em envolver a comunidade: a edificação mantém o diálogo com a rua através de uma série de painéis de vidro que quando abertos permitem aos pedestres fluírem do ambiente fechado à rua, introduzindo-os nas atividades oferecidas nos espaços de exposição.

O Centro de Artes Hardesty emprega o uso de materiais simples: aço *corten*, amplos envidraçamentos, aço estrutural exposto e concreto. Os componentes educativos dos programas do Centro são envoltos por um painel de aço perfurado – tal escolha projetual foi tomada para que o pedestre pudesse ver as atividades no interior e, dessa forma, intrigá-lo a participar.

O projeto, tanto na sua materialidade quanto em seu planejamento, incorpora muitos elementos modernos ao mesmo tempo que respeita a histórica estética industrial do Distrito das Artes Brady.



Figura 4 – Plantas Centro de Artes Hardesty.

Fonte: Adaptado de ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/760026/centro-de-artes-hardesty-selser-schaefer-architects>>

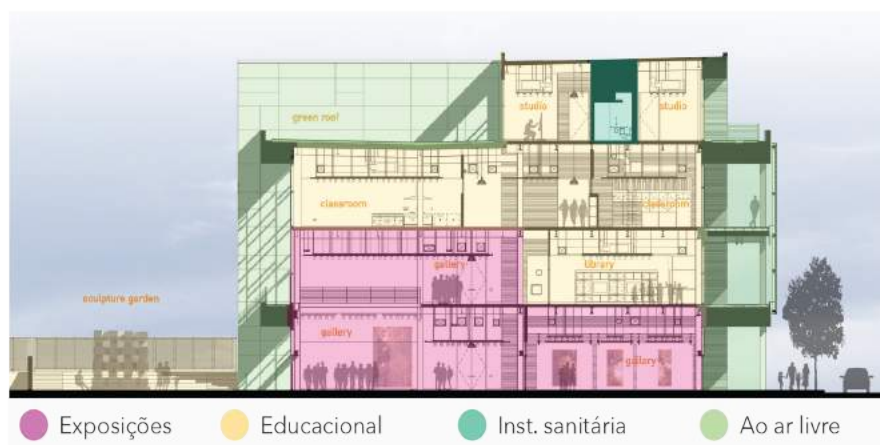


Figura 5 – Corte Centro de Artes Hardesty.

Fonte: Adaptado de ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/760026/centro-de-artes-hardesty-selser-schaefer-architects>>

3.2 CENTRO CULTURAL PORTO SEGURO, SÃO PAULO

O projeto está localizado no bairro Campos Elísios, distrito de Santa Cecília, na região central da cidade de São Paulo. Nos anos 40, a região era conhecida como o bairro da elite paulista e local da sede do Governo do Estado e das estações Júlio Prestes e Estação da Luz, no entanto, nos últimos anos a área passou por um conturbado processo de desenvolvimento e atualmente possui casarões abandonados, se configurando como palco de um dos maiores problemas sociais da cidade – a denominada “Cracolândia”, referência ao consumo excessivo de entorpecentes que acontece nas ruas locais.

O novo equipamento cultural foi projetado para promover a revitalização da região e melhorar o cenário urbano local. Com a visão de ser local de desenvolvimento e apresentação das mais variadas expressões artísticas contemporâneas, o Centro Cultural Porto Seguro tem como objetivo abrigar: exposições, ateliês, cursos, *workshops*, simpósios, feiras, festas e festivais. Nesse sentido, a diversidade da espacialidade interna foi pensada para conferir grande flexibilidade de uso de forma que possibilita diferentes arranjos de curadoria e escalas de exposições.

O programa do Centro Cultural se divide em áreas de apoio (administração, curadoria, salas de aula e sanitários) e espaços expositivos. A edificação possui dobras que contrastam com o formalismo tradicional de uma galeria de arte. Tais dobras possuem arranjos técnicos (divisão dos espaços expositivos, orientação dos acessos e projeção acústica).

O projeto possui também uma praça pública que articula o Centro Cultural com outros equipamentos (restaurante e loja) do local, de forma a criar espaços alternativos que possibilitam exposições ao ar livre.

Percebe-se que as formas assimétricas permitem contornos e linhas que instigam a descoberta do espaço. O sistema construtivo adotado foi o do concreto armado devido à capacidade de maleabilidade que esse material confere, facilitando a construção das formas. A luz natural também desempenha importante papel no projeto: as aberturas em diferentes locais e com diferentes inclinações possibilitam relações inusitadas entre luz e sombra.



Fotografia 11 – Centro Cultural Porto Seguro.

Fonte: Adaptado de ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/786322/porto-seguro-cultural-center-sao-paulo-arquitetura>>



Fotografia 12 – Centro Cultural Porto Seguro.

Fonte: Adaptado de ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/786322/porto-seguro-cultural-center-sao-paulo-arquitetura>>

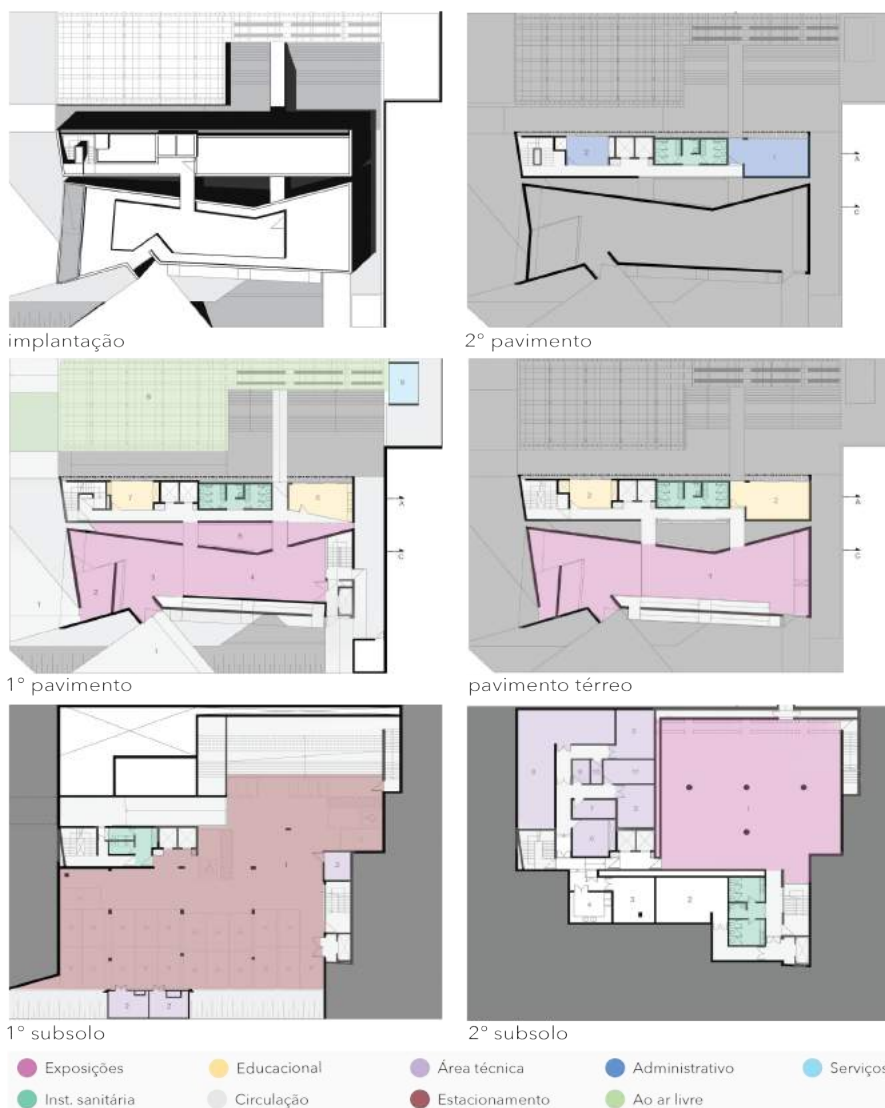


Figura 6 – Plantas Centro Cultural Porto Seguro.

Fonte: Adaptado de ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/786322/porto-seguro-cultural-center-sao-paulo-arquitetura>>



Figura 7 – Corte AA Centro Cultural Porto Seguro.

Fonte: Adaptado de ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/786322/porto-seguro-cultural-center-sao-paulo-arquitetura>>

3.3 PRAÇA DAS ARTES, SÃO PAULO

A Praça das Artes é um complexo cultural dedicado à música, dança, ao teatro e exposições, localizada no centro da cidade de São Paulo. O projeto é parte de um plano de revitalização do centro histórico da cidade – região de tensão, subutilização e abandono.

A Praça foi criada como extensão das atividades do Teatro Municipal, nesse sentido, o projeto se conecta à cidade e busca apresentar iniciativas contemporâneas nas artes. O terreno do projeto conecta a Rua Conselheiro Crispiano à Avenida São João e o Vale do Anhangabaú, criando uma espacialidade que envolve o antigo prédio tombado do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e que se desenvolve como edifício e praça simultaneamente.

O projeto possui um total de 28.500m² construídos e suas instalações abrangem as sedes das Orquestras Sinfônica Municipal e Experimental de Repertório, dos Corais Lírico e Paulistano, do Balé da Cidade e do Quarteto de Cordas. Também abriga as escolas municipais de Música e de Dança, o Museu do Teatro, o Centro de Documentação Artística, além de restaurantes, estacionamento no subsolo e áreas de convivência.

O conteúdo multiprogramático, focado em atividades profissionais e educacionais relacionadas à cultura, contribui para o processo de requalificação da área central da cidade, se desenvolvendo como um ponto de encontro e reestabelecendo a vitalidade urbana.



Fotografia 13 – Praça das Artes.

Fonte: ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>>



Figura 8 – Praça das Artes.

Fonte: ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>>

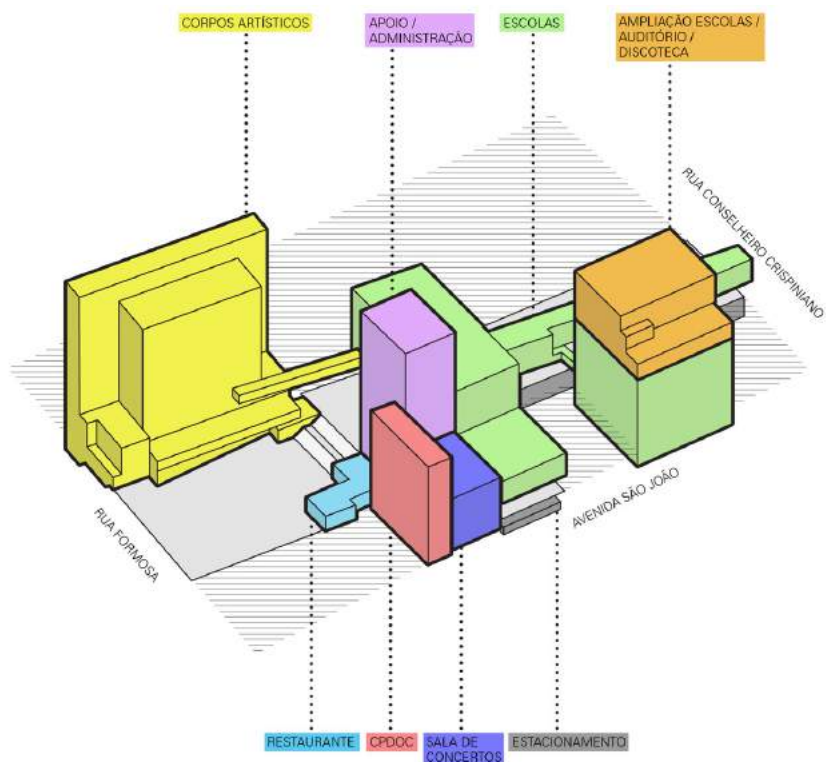


Figura 9 – Praça das Artes.

Fonte: ArchDaily Brasil.

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>>

3.4 SÍNTESE

A escolha dos estudos de caso apresentados se deu através da pesquisa de projetos correlatos à temática e à semelhança contextual com a área de estudo. Nesse sentido, foram selecionados centros artísticos e culturais que favoreçam a relação entre edificação e espaço público, na busca por requalificar as áreas em que estão inseridos.

Embora os projetos sejam bastante diferentes entre si – especialmente no que diz respeito às estratégias de ocupação e à materialidade – observa-se que todos os estudos de caso mantêm uma relação de respeito com o entorno. Nota-se também que todos os projetos possuem desejo expresso de aproximação com cidadão, seja através da criação de espaços públicos aprazíveis ou da apresentação de um programa que busque suprir a demanda dos cidadãos sem renegar seu contexto urbano.

Tabela 4 – Síntese das principais informações apreendidas.

<p>centro de artes hardesty Tulsa, EUA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relação de respeito ao entorno - Conteúdo programático - Arquitetos e artistas locais na concepção projetual - Fachada convidativa e instigadora
<p>centro cultural porto seguro São Paulo, BRA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relação de respeito ao entorno - Conteúdo programático - Praça pública articulada com o projeto - Jogos de luz e sombra no interior da edificação
<p>praça das artes São Paulo, BRA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relação de respeito ao entorno - Conteúdo programático - Requalificação da área - Projeto como ponto de encontro - Projeto que se desenvolve como praça pública

Fonte: Elaborado pela autora.

4 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

A análise mais aproximada da realidade regional possibilita a geração de diretrizes projetuais mais assertivas e que sejam condizentes com as necessidades e os anseios da população local.

Nesse sentido, este trabalho pretende analisar as principais características e o contexto histórico de Curitiba, se aprofundando na área objeto de estudo – o bairro Rebouças desde o marco da implantação da Rede Ferroviária em Curitiba em 1885.

Após a análise histórica do município e do bairro, parte-se para o panorama atual da área de estudo, inventariando seus elementos característicos e aspectos urbanos pertinentes à posterior geração das diretrizes projetuais.

4.1 CURITIBA – PARANÁ, BRASIL

Curitiba é a capital do estado do Paraná, localizada na região Sul do Brasil, mais especificamente no primeiro planalto paranaense, a aproximadamente 110 quilômetros do litoral e a 1.386 quilômetros da capital federal Brasília. É o município mais populoso da região Sul e o 8º mais populoso do país, com aproximadamente 1.893.997 habitantes¹⁰. Possui 75 bairros distribuídos em uma área de 435,03 km² e sua região metropolitana – Região Metropolitana de Curitiba (RMC) – é composta por 29 municípios e possui atividades industriais e serviços economicamente expressivos a níveis estatal e federal.

O município possui o 5º maior PIB do Brasil (IBGE, 2013) e o 10º melhor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) (PNUD, 2010). Segundo a análise¹¹ do IBGE (2007) relacionada às regiões de influência das cidades, Curitiba adquiriu a condição de metrópole e sua área de influência comporta 666 municípios, somando uma população de 16.178.968 habitantes.

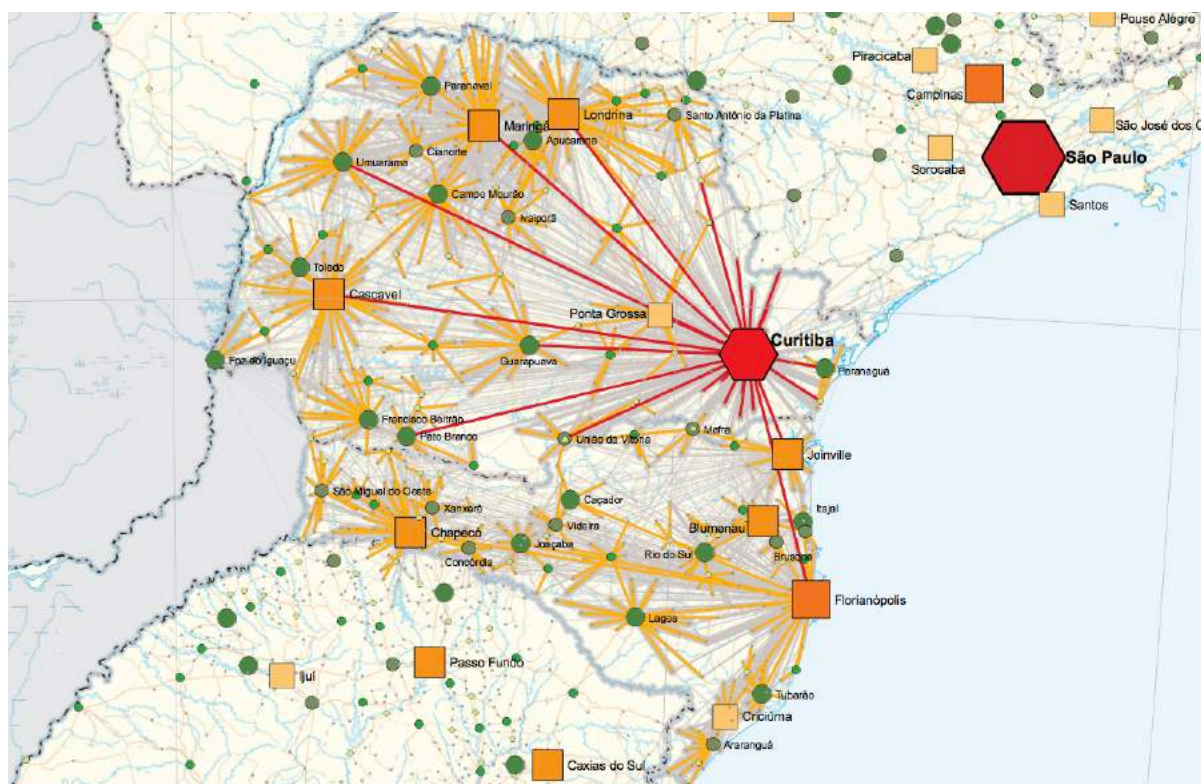
¹⁰Estimativa populacional calculada pelo IBGE para 1º de julho de 2016.

¹¹O estudo das Regiões de Influência das Cidades (2007) aborda as redes formadas pelos principais centros urbanos do Brasil. Fundamenta-se na caracterização dos centros de acordo com a presença de órgãos de poder (executivo e judiciário), empresas de grande porte, instituições de ensino e oferta de serviços (tais como saúde e comunicação). Nesse sentido, as redes urbanas podem superar os limites físicos da divisão territorial e influenciar cidades de diferentes estados.

Tabela 5 – Dimensão das redes de primeiro nível.

Redes de primeiro nível	Dimensão					
	Número de capitais regionais	Número de centros sub-regionais	Número de centros de zona	Número de municípios	População (2007)	Área (km ²)
São Paulo	20	33	124	1 028	51 020 582	2 279 108,45
Rio de Janeiro	5	15	25	264	20 750 595	137 811,66
Brasília	4	10	44	298	9 680 621	1 760 733,86
Manaus	1	2	4	72	3 480 028	1 617 427,98
Belém	3	11	10	161	7 686 082	1 389 659,23
Fortaleza	7	21	86	786	20 573 035	792 410,65
Recife	8	18	54	666	18 875 595	306 881,59
Salvador	6	16	41	486	16 335 288	589 229,74
Belo Horizonte	8	15	77	698	16 745 821	483 729,84
Curitiba	9	28	67	666	16 178 968	295 024,25
Porto Alegre	10	24	89	733	15 302 496	349 316,91
Goiânia	2	6	45	363	6 408 542	835 783,14

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.



Mapa 1 – Curitiba e sua região de influência.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

4.1.1 A questão urbana e cultural de Curitiba

Até 1960 o crescimento populacional de Curitiba se deu em torno do Centro, impulsionado pelo esgotamento de áreas disponíveis nessa região e pelo predomínio de atividades essencialmente comerciais e de serviços. A partir de 1970 iniciou-se o processo de ocupação de bairros não limítrofes ao Centro, onde o custo da terra era mais acessível, e assim as primeiras periferias da cidade foram estabelecidas. Dessa forma, houve o extravasamento para a Região Metropolitana, diretamente relacionado à dinâmica de reestruturação da base produtiva do estado do Paraná, consolidando o fenômeno da metropolização. A partir de 1980 verificam-se que as taxas de crescimento populacional diminuíram na cidade de Curitiba e aumentaram na RMC.

Nos últimos 10 anos, a expansão da cidade se direcionou para sul e sudoeste, indicando as regionais dos bairros Portão, Pinheirinho e Bairro Novo como áreas de maior concentração populacional e maiores taxas de crescimento. Observa-se que essas áreas concentram os locais de moradia da população de menor renda. Nesse sentido, o custo da terra, especialmente no sudoeste, é mais baixo. Essas áreas também concentram a maior incidência de ocupações irregulares e, dessa forma, de vulnerabilidade social, além de apresentar fragilidade ambiental. Em contrapartida, as regiões centrais, as quais já possuem infraestrutura consolidada, apresentam um grande número de vazios urbanos. A expansão urbana em Curitiba é guiada principalmente pela especulação imobiliária e pela diferenciação do preço da terra urbana, sendo intensamente marcada pelo processo de gentrificação e de exclusão social (SCALCO; OLIVEIRA, 2011).

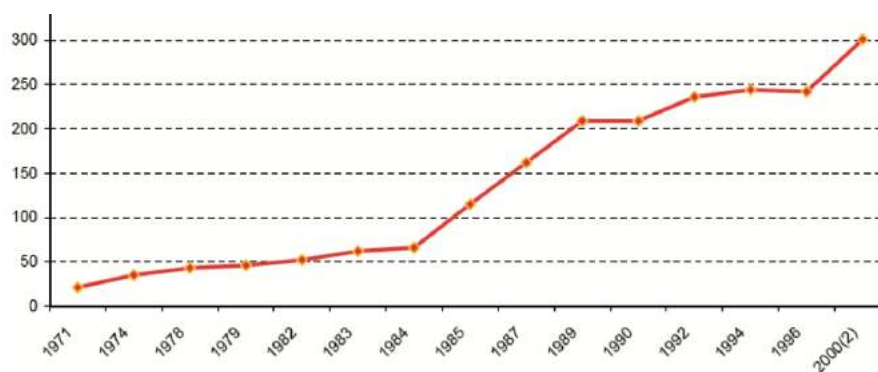


Gráfico 2 – Evolução do número de ocupações irregulares em Curitiba – 1971 a 2000.
Fonte: IPPUC (2001).

Sabe-se que a cultura é um importante instrumento no que diz respeito à geração de oportunidades e consequente inclusão social. Curitiba possui equipamentos culturais nacionalmente conhecidos, tais como o Museu Oscar Niemeyer (MON) e o Teatro Guaíra, além de importantes nomes para a cultura brasileira como Paulo Leminski (escritor, poeta e crítico literário) e Poty Lazzarotto, sendo Poty responsável por 46 murais espalhados pela cidade. Em relação às iniciativas independentes, considera-se importante mencionar à Praça de Bolso do Ciclista – idealizada por ciclo-ativistas em parceria com a prefeitura – e o Mupe – Museu da Periferia – por iniciativa de líderes comunitários do bairro Sítio Cercado.

Observa-se na cidade um grande número de intervenções urbanas – tais como murais, grafites, estêncil, lambe-lambe, pichações, entre outros – transmitindo as mais diversas mensagens. Essas intervenções são predominantes nas áreas centrais da cidade, destacando a presença das subculturas nessa região – técnicas que são majoritariamente provenientes da periferia, seguindo a tendência da última década do retorno e da ocupação dos centros antigos, como argumentou Nefs (2005).

Curitiba possui áreas pontuais no que diz respeito ao cenário alternativo, como por exemplo a região da Rua Trajano Reis, que apresenta diversos usos (diurnos e noturnos) voltados para esse público-alvo específico. Ou ainda, a região histórica do Largo da Ordem que concentra atividades culturais e recreativas, denotando vivacidade tanto no período diurno quanto no noturno. A Avenida Vicente Machado também possui algumas intervenções nos pontos que possuem atividades noturnas. Verifica-se que as intervenções artísticas urbanas estão diretamente relacionadas com a intensa presença do uso noturno dessas áreas, e tal uso não se restringe apenas aos espaços privados como bares e casas noturnas, mas abrange também a extensão desses locais, como as calçadas e ruas do entorno (Figura 13).

Conclui-se, por fim, que as intervenções e ocupação dessas áreas (especialmente durante o período noturno) promovem novos usos e vivacidade, expandindo suas funções, proporcionando maior segurança e possibilitando novas formas de enxergar a cidade.

Nesse sentido, a área de intervenção escolhida para este trabalho está localizada no bairro Rebouças por considerar: as potencialidades dessa região, a proximidade em relação à região central e a necessidade de se propor equipamentos culturais e de lazer devido à escassez dos mesmos no bairro.



Figura 10 - Manifestações artísticas por Curitiba.
 Fonte: Elaborado pela autora.



Fotografia 14 – Intervenção artística na Rua Cruz Machado (bairro Centro).
 Fonte: Acervo pessoal (2017).



**Fotografia 15 – Intervenção artística na Rua Mateus Leme (bairro São Francisco).
Fonte: Acervo pessoal (2017).**

4.1.2 Um breve histórico sobre Curitiba e o bairro Rebouças¹²

Curitiba foi fundada em 1693 com o nome de Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais. Desenvolveu-se a partir do Largo da Matriz – atual Praça Tiradentes, o marco zero da cidade que indica geograficamente a posição onde eram tomadas as distâncias para as delimitações da vila.

Até o século XVIII, os habitantes da cidade eram predominantemente índios, mamelucos, portugueses e espanhóis. A emancipação política do Paraná em 1854 e o incentivo governamental à colonização na segunda metade do século XIX promoveu mudanças significativas na composição étnica da população – a cidade foi transformada pela intensa imigração de europeus: alemães, poloneses, italianos, ucranianos, suíços e austríacos influenciaram notoriamente os hábitos e costumes locais (MEDEIROS, 2011).

As primeiras ruas fundadas (Rua das Flores, Rua do Fogo, Rua da Carioca e Rua da Direita – atuais Rua XV de Novembro, Rua São Francisco, Rua Riachuelo e Rua Treze de Maio, respectivamente) foram responsáveis por direcionar o povoamento e a expansão da cidade. O desenvolvimento proporcionado pelo comércio da erva mate elevou a vila à categoria de cidade, posteriormente se tornando a capital da Província do Paraná em 1853.

Em 1885, a implantação do terminal ferroviário possibilitou o escoamento da produção ervateira e, além disso, redirecionou a expansão da cidade – a estação

¹²A origem do nome do bairro faz referência aos engenheiros Antônio Pereira Rebouças e André Rebouças, responsáveis pelos estudos e soluções técnicas que viabilizaram a construção da estrada de ferro que liga Paranaguá a Curitiba, o que reuniu condições necessárias para tornar Curitiba em capital do estado (IPPUC, 2015).

ferroviária foi fundada distante do centro pré-estabelecido. Nesse sentido, surgiu a necessidade de investir na região da estação e estabelecer conexão entre esta e o centro da cidade – assim sendo, a Rua da Liberdade (atual Rua Barão do Rio Branco) e a Praça Eufrásio Correia foram criadas. Tal fato redefiniu o eixo de expansão da cidade em direção ao sul nas últimas décadas do século XIX. É nesse contexto que se dá a origem do bairro Rebouças, objeto de estudo deste trabalho.

A região sul da cidade (incluindo os bairros Portão e Rebouças) adquiriu caráter industrial devido à proximidade com a linha férrea. Os investimentos realizados na área da estação ferroviária atraíram indústrias localizadas em outros pontos da cidade – em bairros como Batel e Alto da Glória, que aos poucos se transformavam em zonas residenciais de alto padrão. O Rebouças passou a comportar empresas de diversas áreas da produção, tais como cervejarias, engenhos de erva-mate, fábricas de fósforos, madeireiras e construtoras (BARACHO apud MEDEIROS, 2011). A preocupação em conectar o centro com o sul da cidade pode ser percebida através do redirecionamento do planejamento urbano.



**Figura 11 – Mapa com a matriz urbana de Curitiba com a região sul em evidência (localização do atual bairro Rebouças).
Fonte: Duarte e Guinski, 2002 (apud MEDEIROS, 2011, p. 85).**

Algumas obras promovidas pela gestão pública induziram ainda mais a ocupação do sul, tais como a implantação do Passeio Público¹³ em 1886, as obras

¹³Primeira grande obra de saneamento com a transformação do banhado do Rio Belém em área de lazer.

de controle e retificação do Rio Belém, a pavimentação e instalação de iluminação entre outras infraestruturas semelhantes aos *boulevards* europeus.

A partir do século XX, o desenvolvimento da cidade refletiu na paisagem urbana – o número de casas comerciais em alvenaria aumentou e tecnologias e aparelhos mecânicos chegaram da Europa: a Rua XV de Novembro adquiriu os primeiros bondes elétricos e a área da estação já apresentava ramificações da linha férrea em direção aos pátios das indústrias, propiciando um acesso rápido para carregamento e transporte de mercadorias (MEDEIROS, 2011).



Fotografia 16 – Rua da Liberdade (atual R. Barão do Rio Branco) em direção à estação ferroviária, no início do século XX.

Fonte: Casa da Memória (2008).



Fotografia 17 – Bairro Rebouças e os trilhos da Rede Ferroviária em 1904.

Fonte: Fenianos e Sade, 2002, p. 16 (apud MEDEIROS, 2011, p. 69).

Em 1943, o primeiro plano diretor da cidade – o Plano Agache – consolidou a vocação industrial do bairro. Em meados de 1950, o bairro Rebouças já era dotado de infraestrutura: calçamento de vias públicas, energia elétrica e água encanada. Já em 1968 sua denominação foi identificada no mapa de setorização do município e, por fim, em 1975 sua delimitação (tal como é atualmente) foi determinada. (MEDEIROS, 2011).



Fotografia 18 – Bairro Rebouças em 1939.

Fonte: Fenianos e Sade, 2002, p. 22 (apud MEDEIROS, 2011, p. 89).



Fotografia 19 – Bairro Rebouças em 1969.

Fonte: Fenianos e Sade, 2002, p. 26 (apud MEDEIROS, 2011, p. 89).

As principais indústrias do recém-formado setor industrial local prosperaram no bairro de tal forma que atraíram zonas residenciais, instituições públicas e comércios de pequeno e médio porte (Tabela 6).

Tabela 6 – Relação das instituições, empresas e indústrias estabelecidas na região do bairro Rebouças – Curitiba/PR.

Período	Instituições, empresas e indústrias
1894	A empresa sanitária de Curitiba (atual SANEPAR – Companhia de Saneamento do Paraná).
1895	A Fábrica Paranaense de Fósforos de Segurança. Fundada por Fernando Hurlimann e Jorge Eisenbach, iniciou no Brasil a produção de fósforos com madeira de pinheiro. Mais tarde denominou-se Fósforos Pinheiro, Fiat Lux e atualmente é concessão da Swedish Mach, importante grupo multinacional na produção de fósforos.
1896	O Regimento de Segurança (atual Polícia Militar do Paraná). Mais tarde transferiu-se para a atual Av. Marechal Floriano Peixoto.
1898	Engenho de erva-mate de Nicolau Mäder. A Cervejaria Glória de propriedade de Eduardo Engelhardt instalou-se no bairro no final do século XIX, com atividades até 1915.
1900	Grupo Escolas Xavier da Silva.
1901	Ano de fundação da Fábrica Leão Junior, por Agostinho Ermelino de Leão, em Ponta Grossa. Transferiu-se para Curitiba no Batel em 1912. Nova fábrica foi instalada no bairro Portão, destruída por um incêndio em 1930. A fábrica construída no Rebouças foi denominada Leão Junior e Cia S.A. em 1942. Em 2007 foi comprada pela Coca Cola do Brasil.
1905	Fábrica de móveis Ritzmann & Irmãos.
1910	A firma de Maurício Thá, composta por serraria e depósito no ramo de madeiras e construção civil.
1912	Cervejaria Atlântica fundada por Carlos Henne Henrique Jens, nas imediações da atual Av. Pres. Getúlio Vargas.
1913	Vidraçaria Paranaense de Solheid & Cia (onde hoje se localiza a Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR).
1928	Afirma Vaccari, Bonato & Cia Ltda., comércio e beneficiamento de madeira.
1930	A oficina mecânica e o posto de gasolina de Santo Vendrametto e Cia Ltda. A fábrica de viatura, em meados da década de 1930.
1934	Serviço de Subsistência Militar (atual 5.o batalhão de Suprimento do Exército).
1935	Madeira Raul Suplicy de Lacerda & Cia.
1936	Madeira Victorio Colle & Irmãos Ltda. Paróquia do Imaculado Coração de Maria. Escola de Artífices do Paraná, transferida para a Av. Sete de Setembro. Foi em seguida transformada em Liceu Industrial de Curitiba e posteriormente Escola Técnica Federal do Paraná (atual UTFPR).
1942	Cervejaria Brahma que inaugura com o nome Companhia Cervejaria Brahma – filial Curitiba.
1948	Instalação do SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
1950	Indústrias Langer Ltda., no início dos anos 50, no rastro da fábrica de tacos e fundição de Roberto Langer, em 1900.
1965	Sede do Departamento de Estrada e Rodagem (DER). Escola Presidente Lamemha Lins. Paróquia do Rocío.
1970	Implantação do Colégio da Polícia Militar do Paraná.
1974	Fábrica de erva-mate Tibagy-Ildefonso, posteriormente associada à fábrica Fontana fundada em 1834, dando origem aos Moinhos Unidos Brasil-Mate.

Fonte: Adaptado de Duarte e Guinsk (apud MEDEIROS, 2011).

Segundo Yamawaki (2008), a partir da década de 1990, a concentração de atividades comerciais e de serviços em conjunto com a inadequação física e de conservação dos imóveis nas áreas centrais resultou na migração da população de maior poder aquisitivo a edifícios novos e condomínios horizontais em bairros periféricos da cidade. Caldeira (2000) descreve tal fenômeno como a inversão dos valores que prevaleceram nos anos 40 a 80, quando as regiões centrais eram claramente associadas aos ricos e a periferia aos pobres. Apesar dos esforços para incentivar o uso residencial, o Rebouças passou a concentrar atividades predominantemente de comércio e de serviços.

Entende-se que o vazio urbano causado pela desativação da estação ferroviária (o qual se manteve por duas décadas) gerou um processo de degradação da área, que em conjunto com a transferência do setor industrial resultou num processo de estagnação do entorno e das atividades relacionadas ao transporte ferroviário (YAMAWAKI; HARDT, 2008). A presença de vazios urbanos murados¹⁴ e a predominância de atividades fundamentalmente diurnas no bairro contribuíram para o processo de degradação e a insegurança.

Em 2003, a prefeitura lançou o projeto denominado “Projeto Novo Rebouças” que tinha a intenção de incentivar a instalação de atividades voltadas ao lazer, entretenimento e cultura. Em 2005, foi instituído o Moinho Paranaense como espaço de uso cultural e artístico do Rebouças, sob a administração da Fundação Cultural de Curitiba (FCC) numa tentativa de simbolizar uma mudança no perfil do bairro. No entanto, tal projeto não atingiu seus objetivos: as intervenções pontuais ficaram desconexas devido à ausência de um plano integrado de ações e ausência de avaliações constantes para redirecionamentos. Cita-se como exemplo o isolamento do Moinho Paranaense – ícone da mudança de perfil do bairro – em relação à revitalização da Avenida Iguaçu e da Praça Ouvidor Pardini (YAMAWAKI, 2008).

Segundo Fernandes (apud YAMAWAKI, 2008), o bairro ainda apresenta conflitos com as atividades industriais remanescentes, no entanto há uma tendência de mudança representada pela sinalização de transferência de indústrias como Matte Leão, Cavo Serviços e a Companhia de Bebidas das Américas (AMBEV) diante da valorização do local.

¹⁴Ferrara (apud YAMAWAKI; HARDT, 2008) caracteriza os vazios urbanos murados como espaços homogêneos e ilegíveis, dificultando a percepção urbana que se fundamenta no uso e na imagem dos fragmentos habituais da cidade.



Fotografia 20 – Fundação Cultural de Curitiba.

Fonte: Acervo pessoal.

4.1.3 Panorama atual do bairro Rebouças

O bairro Rebouças localiza-se na região Centro-Leste de Curitiba, na regional da Matriz e tem como bairros limítrofes o Água Verde, Centro, Jardim Botânico, Prado Velho e Parolin.

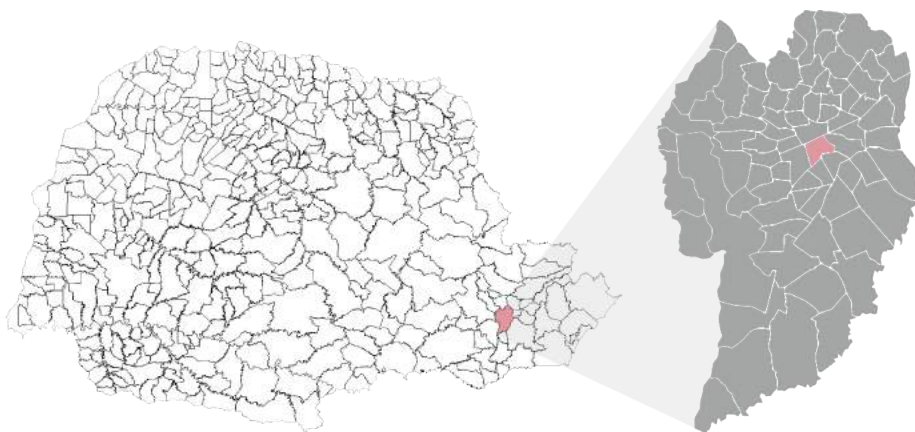


Figura 12 – Localização de Curitiba no estado do Paraná e do bairro Rebouças em Curitiba.
Fonte: Elaborado pela autora a partir de base cartográfica do IBGE.

Segundo o IPPUC (2015), o bairro possui uma área de 2,97 km², representando 0,68% do território de Curitiba. Sua população é de 14.888 habitantes (aproximadamente 0,85% da população total), apresentando um decréscimo de 0,48% ao ano¹⁵, diferentemente do município, que apresenta crescimento anual de 0,99%.

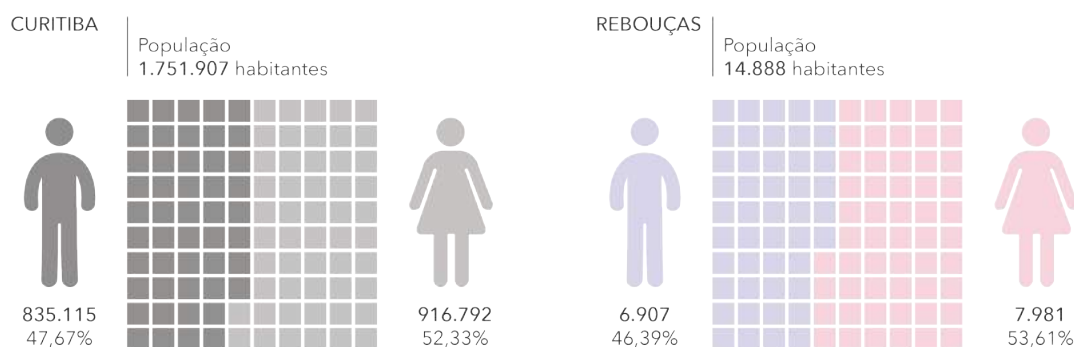


Figura 13 – Demografia: população por sexo.
Fonte: Elaborado pela autora com base em IPPUC (2015).

O Rebouças possui gabarito relativamente baixo, com poucos edifícios com mais de quatro pavimentos, embora sua densidade populacional seja considerada alta. Em relação à economia da região, o setor que mais se destaca é o comercial (representando 43,8% da atividade econômica da área) e o de serviços (representando 47,05%), com presença também do setor industrial.

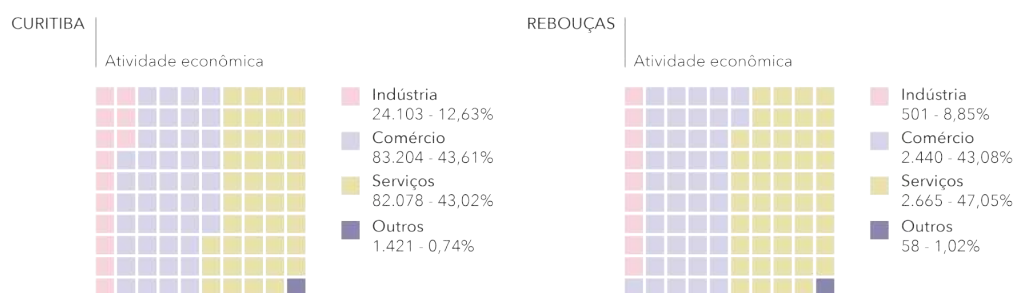


Figura 14 – Estabelecimentos ativos segundo setor de atividade econômica.
Fonte: Elaborado pela autora com base em IPPUC (2015).

Observa-se que os vazios urbanos decorrentes da estagnação da área durante as décadas de 70 e 80 ainda se fazem presentes, além da presença de edificações abandonadas e/ou em estado precário de conservação. Nota-se também um uso intensivo do solo – suas áreas verdes ocupam apenas 8,67% do bairro.

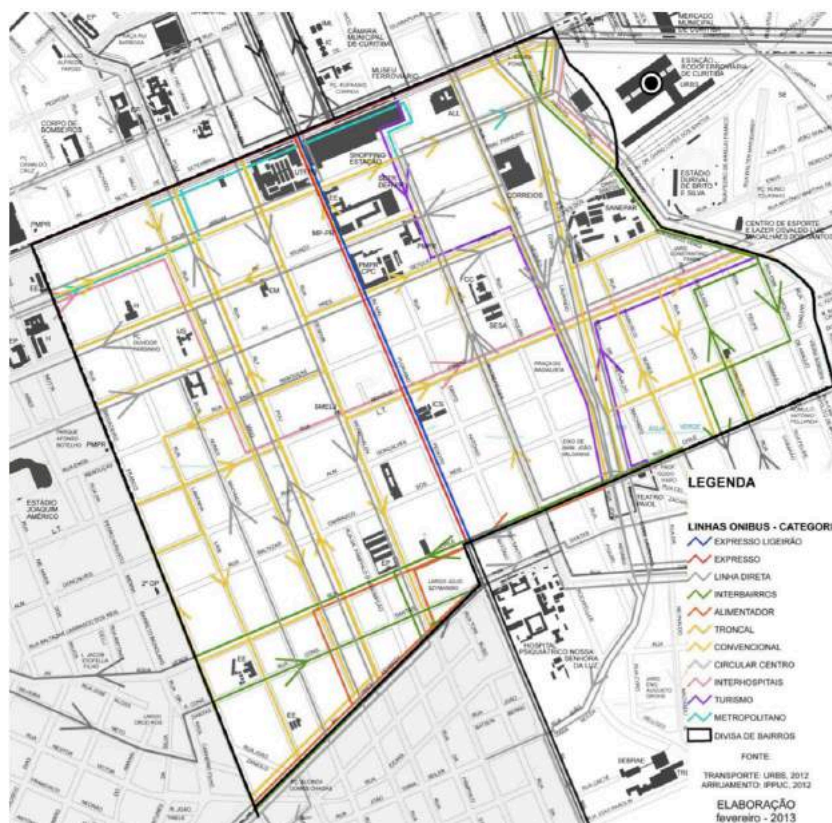
¹⁵Taxa média de crescimento anual entre 2000 e 2010.



Mapa 2 – Cheios e vazios e áreas verdes do bairro Rebouças.
Fonte: Adaptado de IPPUC (2013).

O Rebouças ainda se apresenta sob aspecto industrial, embora só seja permitido a presença de indústrias leves na região desde as mudanças no zoneamento na década de 70. A lei de zoneamento atual – Lei Municipal nº 9.800 de 3 de janeiro de 2000 – estabelece que o bairro se encontra nas Zonas Residenciais 3 e 4, e apenas algumas quadras (entre as avenidas Sete de Setembro e Silva Jardim) pertencem ao Setor Especial Estrutural, se apresentando com configurações de ocupação distintas do restante da área, com edificações de gabarito mais elevado.

A proximidade em relação ao Centro da cidade valoriza a localização do bairro e facilita seu acesso. O Rebouças conta com a presença de avenidas arteriais e coletoras importantes para o sistema viário da cidade, tais como as avenidas Sete de Setembro, Silva Jardim, Getúlio Vargas, Marechal Floriano Peixoto e a Rua João Negrão. Em relação à mobilidade urbana, o bairro apresenta-se bem servido de linhas de transporte coletivo: conta com a presença de diferentes categorias de ônibus, além do expresso que atravessa a região em diferentes direções. Possui também ciclovias, ciclofaixas (via calma) e ciclorrotas, além de bicicletários.



Mapa 4 – Linhas de transporte público no bairro Rebouças.
Fonte: Adaptado de IPPUC (2013).

Embora o bairro apresente um grande potencial, a presença de terrenos ociosos, edificações que não estabelecem conexões com seu entorno (cercadas por muros), vias de velocidade e tráfego intensos somados à deficiência de áreas de lazer tornam a região pouco atrativa e com pouco fluxo de pedestres, incidindo sobre os altos índices de insegurança do bairro – segundo o IPPUC (2015), 47,02 por 100.000 habitantes contra a média de 42,81 do município.

Tabela 9 – Síntese das deficiências e potencialidades do bairro Rebouças.

DEFICIÊNCIAS

- 1 Edificações abandonadas e/ou em precário estado de conservação.
- 2 Edificações que não estabelecem conexões com o entorno.
- 3 Presença de terrenos ociosos.
- 4 Poucas áreas verdes.
- 5 Ausência de equipamentos culturais e de lazer.
- 6 Insegurança.

POTENCIALIDADES

- 1 Bairro Rebouças como referencial histórico e cultural para a cidade.
- 2 Edificações que testemunham a evolução urbana da cidade.
- 3 Infraestrutura majoritariamente consolidada.
- 4 Eixos de mobilidade urbana em escala local, metropolitana e regional.
- 5 Atividade econômica expressiva.
- 6 Proximidade ao centro.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.1.4 Questionários

Um questionário em meio eletrônico foi disponibilizado entre os dias 18/05/2017 e 24/05/2017 para moradores de Curitiba e da RMC. O questionário contabilizou 101 respostas de moradores de diferentes regiões, de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias, a fim de diagnosticar o bairro Rebouças de forma geral.

De acordo com a pesquisa, os principais locais frequentados pelos usuários são o Shopping Estação e a UTFPR. Quando questionados a respeito das impressões que o bairro transmite, as palavras “insegurança”, “muros” e “vazios” chamaram a atenção devido à quantidade de vezes que foram mencionadas. Nesse sentido, observou-se que 81% dos entrevistados consideraram o bairro inseguro.

Quando expostas as propostas de intervenção, a grande maioria dos entrevistados (94%) demonstrou interesse, sugerindo diferentes atividades a serem implantadas em conjunto com a proposta deste trabalho e salientando a ausência de equipamentos culturais e de lazer na região. Os usuários também demonstraram interesse pelas artes urbanas: 95% apontaram o grafite como um importante instrumento de apropriação e requalificação urbana.

Além do questionário *online* também foram realizadas entrevistas *in loco* com frequentadores da região a fim de diagnosticar a área de intervenção mais especificamente e fundamentar as intervenções propostas por este trabalho.

Foram realizadas 10 entrevistas *in loco* com transeuntes provenientes de diferentes regiões de Curitiba e de diferentes faixas etárias.

Dessa forma, observou-se que o bairro Rebouças mantém seu aspecto industrial. Entende-se que os vazios urbanos, o reduzido fluxo de pedestres associado à ausência de atividades de recreação e a presença de edificações que não estabelecem conexões com seu entorno, tornam a região pouco atrativa e insegura. O bairro possui localização privilegiada, infraestrutura majoritariamente consolidada e é considerado um referencial histórico para a cidade. No entanto, verifica-se a urgente necessidade de requalificação e a proposição de equipamentos culturais e de lazer para que os aspectos decorrentes da subutilização da região sejam substituídos por referenciais sociais e urbanos, além dos históricos.

Os questionários aplicados na pesquisa encontram-se registrados nos apêndices desta monografia.

4.2 LEITURA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Este capítulo propõe uma leitura mais aproximada em relação ao entorno imediato da área de intervenção, de modo que se analise a caracterização local determinante para a posterior definição das diretrizes projetuais, a fim de respeitar o contexto urbano e paisagístico consolidado.

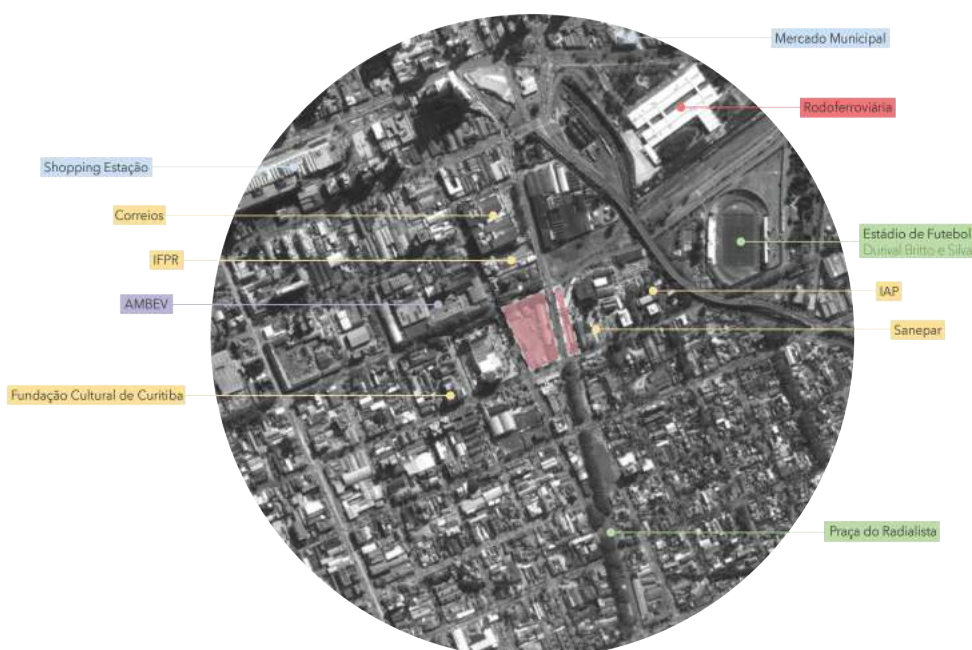


Figura 15 – Localização da área de intervenção.
Fonte: Adaptado de Apple Maps.

A área de intervenção está localizada entre as vias Avenida Presidente Getúlio Vargas, Rua João Negrão e Rua Conselheiro Laurindo. Possui importantes pontos de Curitiba em sua proximidade, tais como o Mercado Municipal e a Rodoferroviária. Atualmente o terreno escolhido abriga os serviços da empresa Cavo Serviços e Saneamento, no entanto, tal empresa já sinalizou sua transferência diante da valorização da região (YAMAWAKI, 2008).

De acordo com as análises realizadas *in loco* os usos no entorno da área de intervenção são predominantemente institucionais e comerciais. Possui também

alguns usos industriais no seu entorno, como a AMBEV. Observa-se a presença de alguns terrenos vazios e edificações em estado de abandono. O uso residencial e misto apresenta-se predominantemente ao sul da área de intervenção, porém com pouca expressividade em relação aos demais usos.

Em relação ao sistema de transporte público, a área encontra-se bem servida por ônibus da linha convencional e da linha direta. Além de ser contemplada pelo percurso da linha turismo à oeste.

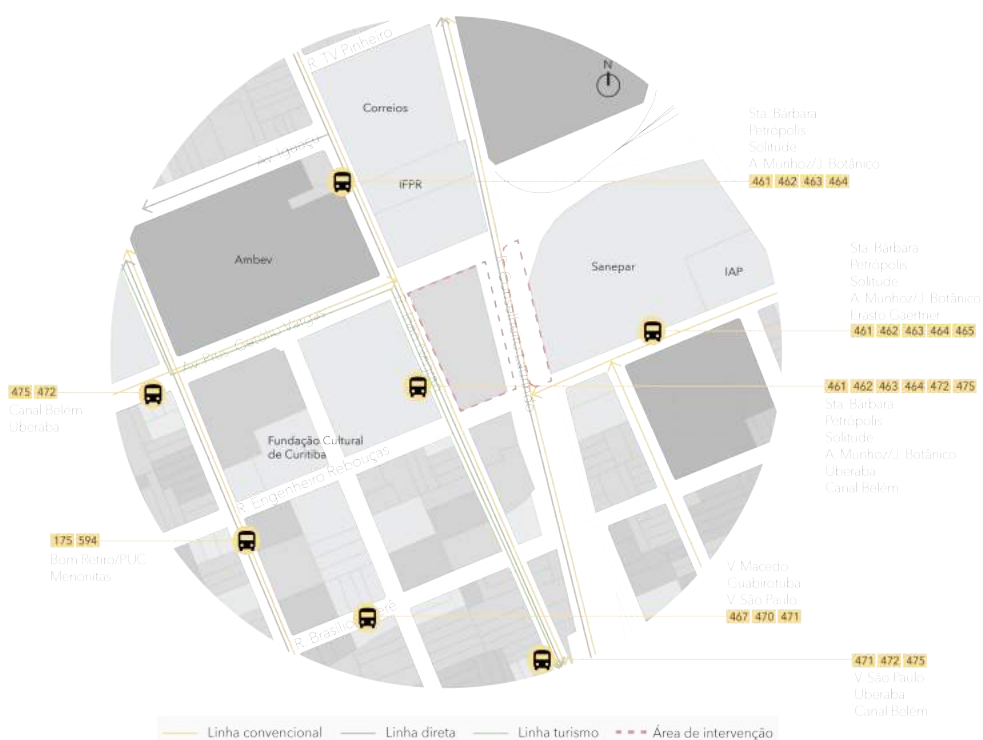


Figura 16 – Ruas do entorno da área de intervenção.

Fonte: Adaptado de Google Maps.



Mapa 5 – Mapa de usos do entorno da área de intervenção.
Fonte: Elaborado pela autora.



Mapa 6 – Linhas de transporte público do entorno da área de intervenção.
Fonte: Elaborado pela autora.

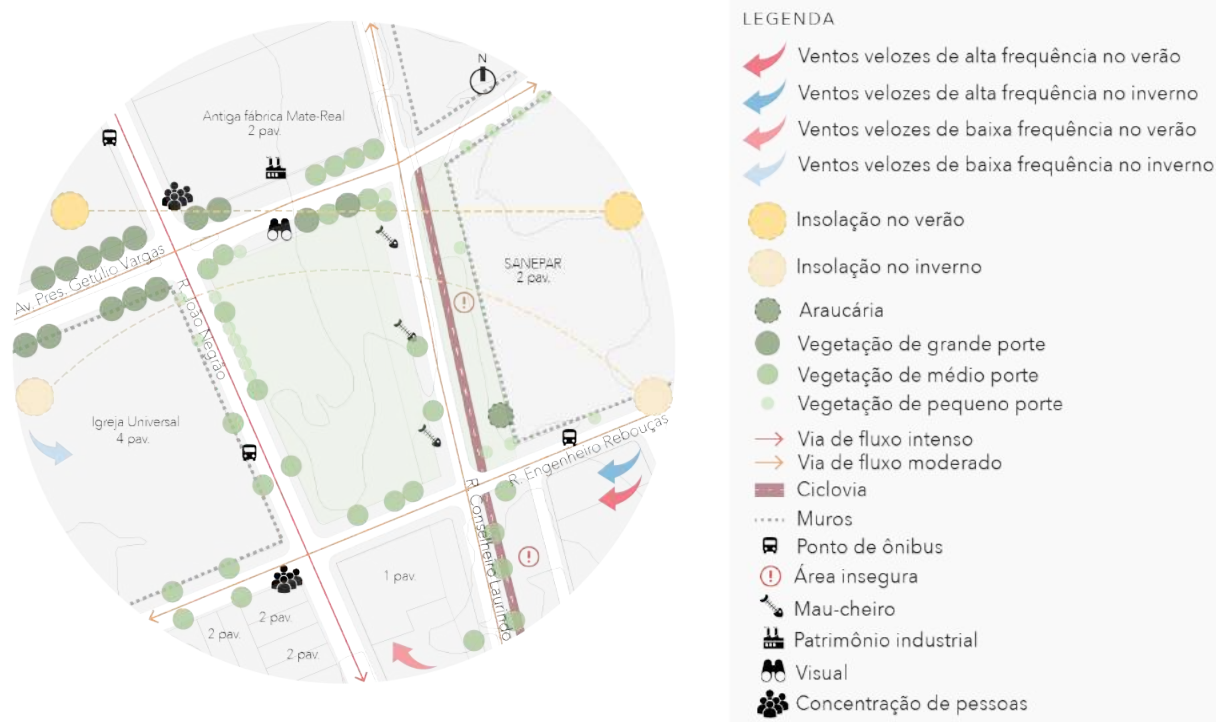
O terreno escolhido para a intervenção possui grande fluxo de carros nas quatro vias do entorno, sendo a Rua João Negrão a de fluxo mais intenso, marcada por congestionamentos frequentes. Há uma ciclovia à oeste, no entanto, a mesma encontra-se subutilizada e pouco convidativa.

Nota-se a grande presença de muros, grades e tapumes, contribuindo para a sensação de insegurança no entorno da área. Observa-se também o baixo fluxo de pedestres em toda região, que é marcada pela presença de vias de alta velocidade e poucas áreas de recreação.

Tabela 10 – Parâmetros e legislação do terreno.

Área do terreno	9.846 m ²
Coeficiente de aproveitamento	2
Taxa de ocupação	50%
Taxa de permeabilidade	25%
Altura máxima	6 pavimentos
Recuo frontal	5 m
Afastamento da divisa	Facultado até 2 pavimentos. Nos demais casos, H/6.

Fonte: Adaptado de IPPUC (2017).



Mapa 7 – Mapa síntese do entorno da área de intervenção.

Fonte: Elaborado pela autora.

5 DIRETRIZES PROJETUAIS

Com base nos preceitos estudados anteriormente, aliados à interpretação da realidade e pesquisa de referências é possível definir estratégias projetuais a serem adotadas no desenvolvimento deste trabalho.

O contexto urbano analisado na interpretação da realidade demonstra a ausência de equipamentos culturais e de lazer na região da área de intervenção, que aliados ao grande número de vazios urbanos favorecem o processo de degradação do bairro. Nesse sentido, propõe-se a criação de um equipamento de uso comunitário que funcione como um catalisador para a requalificação urbana da região e que promova novas formas de ver e pensar a cidade.

Dessa forma, as diretrizes gerais do projeto foram baseadas nos 12 critérios de Jan Gehl em seu livro “Cidade para Pessoas” (2013) para determinar um bom espaço público:

1. Proteção contra tráfego e acidentes;
2. Proteção contra crime e violência;
3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis;
4. Oportunidade de caminhar;
5. Espaços de permanência;
6. Oportunidade para sentar-se;
7. Oportunidade para observar;
8. Oportunidade para conversar;
9. Oportunidade para movimentar-se;
10. Escala humana;
11. Oportunidade para aproveitar o clima;
12. Boa experiência sensorial.

Essas diretrizes visam a criação de um espaço que atenda às demandas da população da região e atraia pessoas de outros bairros, especialmente aqueles que foram excluídos da cidade formal pelos processos de expansão urbana e gentrificação. O caráter multiprogramático do projeto aliado à combinação de equipamentos de usos diferenciados pretende promover vivacidade e dinamismo ao bairro.

5.1 PROGRAMA E ATIVIDADES PROPOSTAS

O projeto será constituído por dois elementos principais: a edificação, que abrigará o setor administrativo, o de serviços e parte do cultural (exposições); e a praça, que abrigará todo o programa de carácter público, como exposições ao ar livre e espaços de vivência.

O setor expositivo da edificação será dedicado a mostras e discussões que envolvam o viver urbano, como por exemplo, questões sociais, como processos de exclusão social, questões de género, etc. Dessa forma, pretende-se desenvolver o pensamento crítico e a compreensão dos processos que compõem a dinâmica das cidades em seus visitantes. Na praça pública pretende-se desenvolver atividades que favoreçam à integração e à apropriação dos espaços, de forma que os usuários se sintam parte do contexto urbano em que estão inseridos e não a parte deste, despertando nos frequentadores o sentimento de pertencimento. Serão propostos espaços dedicados à realização de intervenções artísticas urbanas e à exposição de tais intervenções, além de áreas de estar.

Com base nos estudos de caso apresentados, o programa de necessidades da proposta deve contemplar:

- Setor cultural, compreendendo as áreas expositivas e pedagógicas (salas de aula, ateliês, biblioteca, auditório);
- Setor de serviços, compreendendo áreas técnicas, estacionamento, sala de funcionários, depósitos, etc.;
- Setor administrativo, dividido em administrações dos setores pedagógico e expositivo;
 - Instalações sanitárias;
 - Circulação vertical, compreendendo saídas de emergência, elevadores e escadas de acesso;
- Praça.

Tabela 11 - Áreas gerais do projeto.

CATEGORIA	m²
CULTURAL	12.070
SERVIÇOS	6.518
ADMINISTRATIVO	2.375
I.S.	596
CIRCULAÇÃO VERTICAL	1.109
PRAÇA	12.562
TOTAL	35.230

Fonte: Elaborado pela autora.

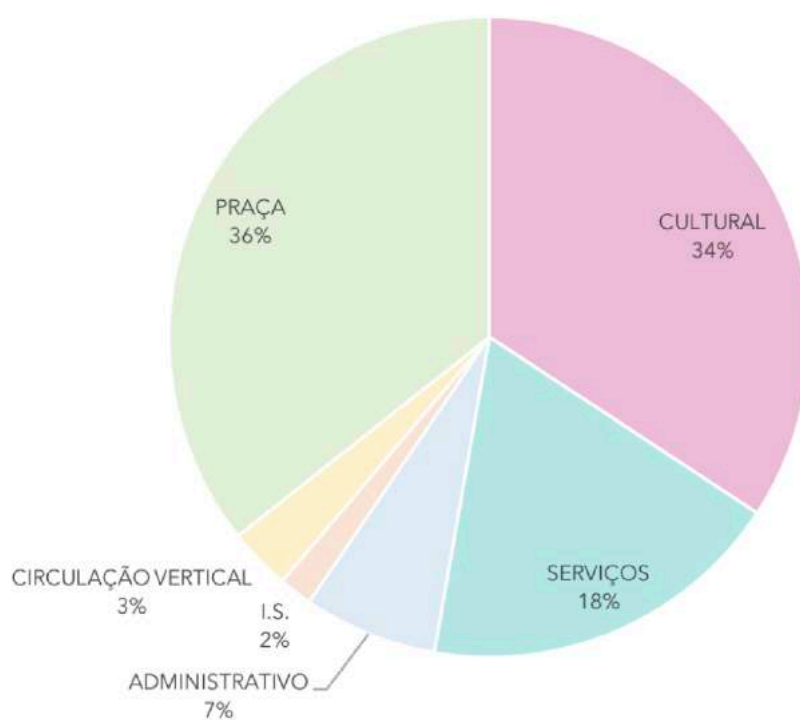


Gráfico 3 - Áreas gerais do projeto.

Fonte: Elaborado pela autora.

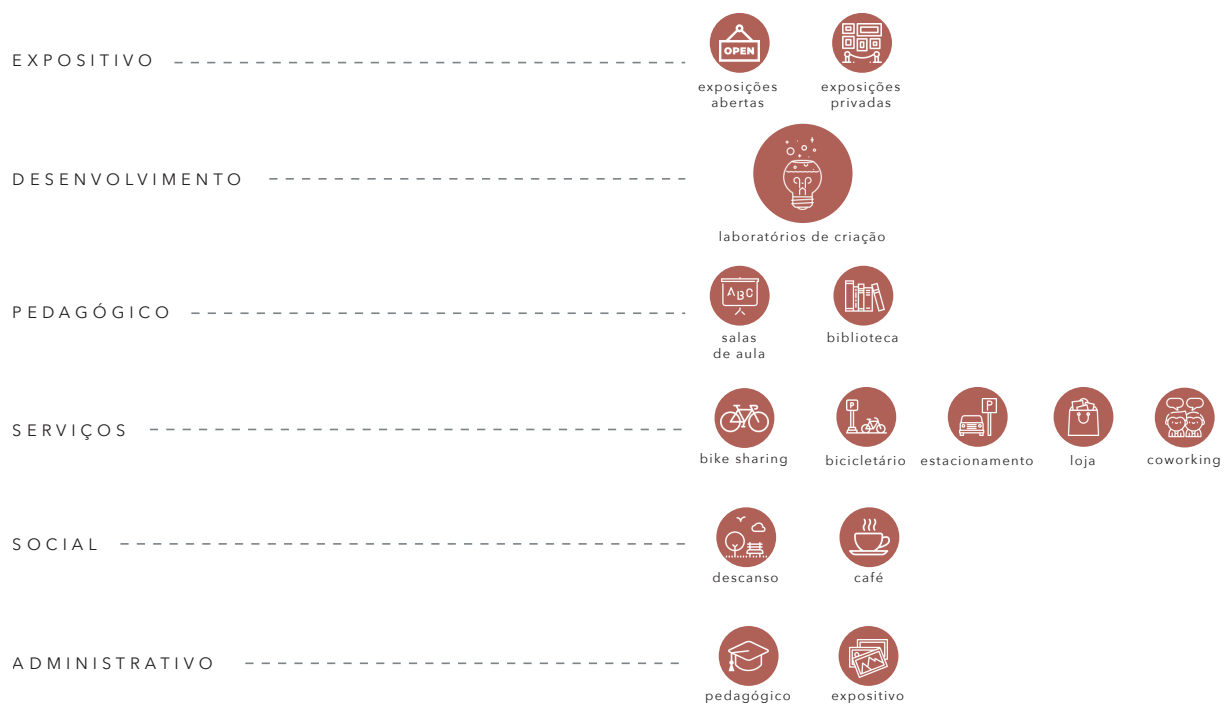


Figura 17 – Organograma desenvolvido.
Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 12 – 12 critérios de Jan Gehl e aplicação na proposta

1	PROTEÇÃO CONTRA TRÁFEGO E ACIDENTES	- Segurança para os pedestres; - Sem motivos para temer o tráfego.	Definição e diferenciação de fluxos (pedestres e automóveis).
2	PROTEÇÃO CONTRA CRIME E VIOLÊNCIA	- Ambiente com vida; - Circulação de pessoas; - Funções dia e noite.	Atividades diurnas + noturnas.
3	PROTEÇÃO CONTRA EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DESAGRADÁVEIS	- Abrigo de vento, chuva e sol; - Áreas verdes que amenizem temperaturas e barulho.	Áreas cobertas + vegetação.
4	OPORTUNIDADE PARA CAMINHAR	- Superfícies regulares; - Fachadas interessantes; - Acessibilidade a todos.	Acessibilidade + espaços convidativos.
5	ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA	- Locais públicos agradáveis; - Fachadas e paisagens atraentes.	Praça pública + áreas de vivência.
6	OPORTUNIDADE PARA SENTAR-SE	- Mobiliário urbano adequado; - Áreas de descanso; - Vistas/sol e paisagem.	Praça pública + áreas de vivência.
7	OPORTUNIDADE PARA OBSERVAR	- Vistas e paisagens interessantes; - Iluminação adequada.	Exposições ao ar livre.
8	OPORTUNIDADE PARA CONVERSAR	- Baixos níveis de ruído; - Mobiliário convidativo à interação.	Áreas de vivência.
9	OPORTUNIDADE PARA MOVIMENTAR-SE	- Entretenimento e atividades na rua; - Dia e noite, verão e inverno.	Atividades multidisciplinares.
10	ESCALA HUMANA	- Cidade vista da perspectiva dos olhos das pessoas.	Permeabilidade visual.
11	OPORTUNIDADE PARA APROVEITAR O CLIMA	- Locais para aproveitar cada estação.	Áreas cobertas e descobertas.
12	BOA EXPERIÊNCIA SENSORIAL	- Árvores, plantas, cursos d'água; - Mobiliário urbano confortável.	Praça pública + exposições ao ar livre.

Fonte: Elaborado pela autora.

6 RESULTADOS

O plano de ocupação proposto levou em conta que as áreas consideradas inseguras (localizadas na R. Conselheiro Laurindo) deveriam ser ressignificadas, dessa forma, os principais acessos e a edificação como um todo foram orientados para essas áreas.

Em relação à forma da edificação, foi proposto o formato de barra, para que esta funcionasse também como uma barreira visual da praça para a fachada da Igreja Universal (R. João Negrão). O *piloti* foi aplicado para que a barreira fosse apenas visual, não física, conferindo permeabilidade ao projeto – e permitindo também a passagem aos transeuntes.

Permeabilidade foi um fundamento bastante relevante para a proposta. Nesse sentido, três verbos principais conceituaram o projeto: expressar, observar e transitar. Tais verbos foram aplicados na proposição da materialidade do projeto, composto por: pele metálica – onde pretende-se expor algumas obras de artes urbanas; vidro – bastante presente na edificação: relacionado ao verbo observar; e, por fim, o *piloti* – relacionado ao verbo transitar.

A edificação comporta o programa de necessidades proposto e foi organizado verticalmente de modo que haja uma transição entre ambientes públicos, semi-públicos e privados.

Foram propostas algumas *promenades*: internamente à edificação, através de um átrio principal e escadas que promovem o percurso entre os pavimentos; internamente à edificação e relacionando-se com a praça proposta, através de uma rampa escultural acessível que faz a ligação entre os dois pavimentos expositivos; e, por fim, na praça onde se propõe uma galeria de arte urbana subterrânea conectando a área diagnosticada como insegura localizada na R. Conselheiro Laurindo e a praça da edificação. Considera-se importante salientar a sugestão de restrição de horários de visita valorizando a segurança e bem-estar dos frequentadores.

Considerou-se de suma importância que o setor expositivo se estendesse também à praça do projeto, com intervenções de caráter público. Dessa forma, foram propostas diversas áreas na praça com esse fim, além da galeria de arte urbana subterrânea já mencionada anteriormente, e das exposições localizadas na pele da edificação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se o lugar urbano como o espaço onde estão presentes as memórias coletivas e individuais, e onde são materializadas as identidades dos habitantes, dos bairros e da própria cidade. No entanto, há dentro das cidades espaços descritos por Marc Augé (1995) como “não-lugares”. Esses espaços, desprovidos de memória e identidade, são frutos das complexas redes viárias que materializam grandes passagens automobilísticas, as quais garantem os deslocamentos e a velocidade necessária ditados pelo viver urbano contemporâneo. Dessa forma, a malha urbana é segmentada e são produzidas barreiras visuais e sociais dentro das cidades, resultando em espaços residuais desertos e degradados.

Os espaços urbanos devem estar além da afluência de pessoas: esses espaços devem despertar a curiosidade e a participação dos usuários, possibilitando o exercício da cidadania. Os espaços públicos devem ser intrigantes e instigantes, abertos para a descoberta e a criatividade.

A criação de equipamentos que estimulem a convivência e apropriação dos espaços tem se mostrado eficaz no que diz respeito ao processo de requalificação urbana. Assim sendo, através das análises e estudos de caso realizados por este trabalho, pode-se dizer que a criação de um equipamento cultural possibilita o envolvimento da população local e a requalificação da área. A diversificação de usos e conteúdos programáticos podem atrair diferentes públicos em diferentes períodos. No entanto, considera-se necessário salientar que as análises do contexto histórico, das condicionantes locais e sociais e das demandas da população são imprescindíveis para a sustentação da proposta.

Embora as estratégias projetuais permitam o apoio às diretrizes programáticas e possibilitem a sugestão das atividades a serem desenvolvidas em determinado espaço, o tempo e os usuários são os agentes determinantes na viabilização e qualificação da proposta.

REFERÊNCIAS

ARCHDAILY BRASIL. **Centro Cultural em Montbui / Pere Puig architecte**. 2015. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/771912/centro-cultural-em-montbui-pere-puig-architecte>>. Acesso em 25 mai. 2017.

_____. **Centro Cultural Porto Seguro / São Paulo Arquitetura**. 2016. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/786322/porto-seguro-cultural-center-sao-paulo-arquitetura>>. Acesso em 25 mai. 2017.

_____. **Praça das Artes / Brasil Arquitetura**. 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>>. Acesso em 25 mai. 2017.

ATELIER VAN LIESHOUT (Rotterdam). **AVL-Ville**. Disponível em: <<http://www.ateliervanlieshout.com/>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

BIENAL DE SÃO PAULO. **Alex Vallauri ao alcance de todos**. Arquivo 11^a Bienal 14^a Bienal 16^a Bienal 18^a Bienal, São Paulo, 17 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.bienal.org.br/post.php?i=335>>. Acesso em 27 abr. 2017.

BLASCOVI, Keila de M. **Reabilitação Urbana: o fenômeno da centralidade e o uso funcional de edifícios não utilizados ou subutilizados nos centros urbanos – o caso de Curitiba**. 2006. 207 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

BRAGA, Roberto; CARVALHO, Pompeu F. de. **Cidade: Espaço da Cidadania**. São Paulo: UNESP-PROPP, 2004.

BRASIL. **Lei no 12.408, de 25 de maio de 2011**. Palácio do Planalto. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12408.htm>. Acesso em abril de 2017.

BRITO, Fausto; PINHO, Breno A. T. D. de. **A dinâmica do processo de urbanização no Brasil: 1940-2010**. Águas de Lindóia, nov. 2012.

CALDEIRA, Teresa P. do R. **Cidade de muros**. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34, 2000.

CAMARGO, Marcos H. **As estéticas e suas definições de arte**. Revista Científica/FAP, Curitiba, v.4, n.1, p. 1-15, janeiro/jun. 2009.

CASA DA MEMÓRIA. **Fotografias da antiga estação ferroviária de Curitiba e arredores no início do século XX**. 2008. Fotografias.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

DAMATTA, Roberto A. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.

EXTRA GLOBO. **Copa 2014: membros da OPNI grafitam favela em São Paulo**. Disponível em: <<https://extra.globo.com/esporte/copa-2014/copa-2014-membros-do-opni-grafitam-favela-sao-paulo-12648617.html#img=2>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

SCALCO, Maria F. P. B.; OLIVEIRA, Gilson B. de. **A Dinâmica do Mercado Imobiliário Informal: Estudo de Caso na Cidade de Curitiba**. FAE, Curitiba, v. 14, n. 1, p.38-51, jun. 2011.

Google Maps. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/>>. Acesso em 04 de jun. de 2017.

G1. Em meio à polêmica com Doria, grafiteiros defendem diálogo e espaço. **G1 SP**, São Paulo, 26 jan. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/em-meio-a-polemica-com-doria-grafiteiros-defendem-dialogo-e-espaco.ghtml>>. Acesso em 28 abr. 2017.

INDUSTRIE PALAST. **Discovering the hood on bike**. Disponível em: <<http://ip-hostel.com/en/2014/05/discovering-hood-bike/>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas de População**. Estimativas populacionais para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiros em 01.07.2016. Rio de Janeiro, set. 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2016/estimativa_dou.shtm>. Acesso em 10 mai. 2017.

_____. Informação Demográfica e Socioeconômica. **Uma Análise da População com Base nos Resultados dos Censos Demográficos 1940 e 2000**. Rio de Janeiro, IBGE, 2007.

_____. Cidades. **Paraná, Curitiba, Produto Interno Bruto dos Municípios – 2013**. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/ULU>>. Acesso em 10 mai. 2017.

_____. **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro, IBGE, 2007.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Publicações. Aplicada. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/portal/>>. Acesso em 9 abr. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **IPPUC**. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

_____. **Nosso Bairro: Rebouças**. Curitiba, IPPUC, 2015.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo, Perspectiva, 2013

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.

AUGÉ, Marc. ([1992] 2005). **Não lugares: introdução a uma antropologia da sobre modernidade**. 1ª edição francesa. Lisboa, 90 Graus.

MARICATO, Ermínia. **Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras**. São Paulo, 2000.

_____. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: Planejamento urbano no Brasil**. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 121-192. 2000.

MEANWHILE IN ROTTERDAM. Biergarten Rotterdam. Disponível em: <<http://www.meanwhile-in-rotterdam.com/biergarten-rotterdam/>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

MEDEIROS, Humberto F. de. **Plano de ação e projetos urbanos: Rebouças, Curitiba/PR**. 2011. 330 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MONTE-MÓR, Roberto L. **O que é urbano, no mundo contemporâneo**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.21, n.3, maio/jun. 2005.

NEFS, Merten. **Incubadoras urbanas. Políticas de revitalização urbana através de subculturas**. A experiência paulistana e o contexto internacional. Arqitextos, São Paulo, ano 05, n. 058.03, Vitruvius, mar. 2005 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqitextos/05.058/487>>. Acesso em: 31 mai. 2017.

NOBRE, Paulo A. M.; RAMOS, E. M. B. **A CIDADE E O CAPITAL: um breve histórico da situação da classe operária**. In: CONFERÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO, 2., 2011, Maranhão. Brasília: Ipea, 2011. p. 1 - 17.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil. **Ranking IDHM Municípios 2010**. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>>. Acesso em 10 abr. 2017.

SILVA, Lucia H. R. da. **Os sentidos de apropriação da cidade por jovens grafiteiros/as**. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SOUZA, Marcelo L. de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TOMAZ, Kleber. Após invasão em 2008, pichadores são convidados a voltar à Bienal. **G1 SP**, São Paulo, 15 set. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/apos-invasao-em-2008-pichadores-sao-convidados-voltar-bienal.html>>. Acesso em 27 abr. 2017.

UN-Habitat. World Cities Report 2016. **Urbanization and Development: Emerging Futures**. Nairobi, República do Quênia, 2016.

UOL. 'OsGemeos' criticam combate de Doria a grafites e pichações na cidade. **UOL Notícias**, São Paulo, 27 jan. 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/01/27/os-gemeos-criticam-combate-de-doria-a-grafites-e-pichacoes-na-cidade.htm>>. Acesso em 4 mai. 2017.

VYGOTSKY, L. S. (2001). Pensamento e palavra. In L. S. Vygotsky. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1934).

WAINER, João; OLIVEIRA, Roberto T. **Pixo**. Roteiro: João Wainer. Fotografia: João Wainer. Música: Ice Blue, DJ CIA, Tejo Damasceno. Produção: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. 61 min. Disponível em: <<http://vimeo.com/29691112>>. Acesso em março de 2017.

YAMAWAKI, Yumi. **Gestão de espaços urbanos refuncionalizados: estudos de caso sobre a reconversão de uso da antiga estação ferroviária de Curitiba, Paraná**. 2008. 256 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Gestão Urbana, Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008.

YAMAWAKI, Yumi; HARDT, Leticia P. A. **Degradação e Refuncionalização de Espaços Urbanos: Contribuições à Gestão da Morfologia do Meio Ambiente Construído**. IV Encontro Nacional da Anppas. Brasília, 2008.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO *ONLINE*

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

2 – Você frequenta o bairro Rebouças?

3 – Se sim, por favor cite os principais espaços e áreas frequentados (exemplo: UTFPR, Shopping Estação, Praça Ouvidor Pardinho, etc.).

4 – Você considera o bairro inseguro?

5 – Defina a região com as 3 primeiras palavras que o bairro te remete.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam a ou deterioram a cidade?

7 – Você teria interesse por frequentar uma galeria que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

ENTREVISTA IN LOCO 01

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

Pinheirinho.

2 – Você frequenta essa região por qual motivo?

Por motivos de saúde: frequento os equipamentos de saúde da região.

3 – Você se sente seguro ao caminhar por essa região?

Mais ou menos.

4 – Existe algum lugar (ou lugares) que você goste de frequentar nessa área?

Shopping Estação.

5 – Você poderia definir essa região com as três (03) primeiras palavras que ela te remete?

Insegurança, agitação e bagunça.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam ou deterioram a cidade?

Humanizam.

7 – Você teria interesse em frequentar uma galeria nessa área que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

Sim.

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

Incentivo à cultura.

ENTREVISTA IN LOCO 02

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

Guaira.

2 – Você frequenta essa região por qual motivo?

Por motivos de trabalho.

3 – Você se sente seguro ao caminhar por essa região?

Sim.

4 – Existe algum lugar (ou lugares) que você goste de frequentar nessa área?

Frequento alguns bares da região.

5 – Você poderia definir essa região com as três (03) primeiras palavras que ela te remete?

Moradores de rua, trânsito e agitação.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam ou deterioram a cidade?

Humanizam.

7 – Você teria interesse em frequentar uma galeria nessa área que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

Sim.

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

Espaços destinados à intervenção artística.

ENTREVISTA *IN LOCO* 03

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

Pinheirinho.

2 – Você frequenta essa região por qual motivo?

Por motivos de trabalho.

3 – Você se sente seguro ao caminhar por essa região?

Não.

4 – Existe algum lugar (ou lugares) que você goste de frequentar nessa área?

Não.

5 – Você poderia definir essa região com as três (03) primeiras palavras que ela te remete?

Moradores de rua, drogas e trânsito.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam ou deterioram a cidade?

Humanizam.

7 – Você teria interesse em frequentar uma galeria nessa área que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

Sim.

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

Uma praça pública.

ENTREVISTA IN LOCO 04

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

Rebouças.

2 – Você frequenta essa região por qual motivo?

Moro e trabalho por aqui.

3 – Você se sente seguro ao caminhar por essa região?

Não.

4 – Existe algum lugar (ou lugares) que você goste de frequentar nessa área?

Frequento a igreja e o shopping Estação.

5 – Você poderia definir essa região com as três (03) primeiras palavras que ela te remete?

Bonita, organizada e insegura.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam ou deterioram a cidade?

Humanizam.

7 – Você teria interesse em frequentar uma galeria nessa área que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

Sim.

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

(Não soube responder).

ENTREVISTA IN LOCO 05

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

Piraquara.

2 – Você frequenta essa região por qual motivo?

Por motivos de trabalho.

3 – Você se sente seguro ao caminhar por essa região?

Sim. Durante o dia é tranquilo.

4 – Existe algum lugar (ou lugares) que você goste de frequentar nessa área?

Sim. Gosto de frequentar o cachorro-quente do Benazio.

5 – Você poderia definir essa região com as três (03) primeiras palavras que ela te remete?

Boa, organizada e limpa.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam ou deterioram a cidade?

Humanizam.

7 – Você teria interesse em frequentar uma galeria nessa área que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

Sim.

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

(Não soube responder).

ENTREVISTA IN LOCO 06

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

Campo Comprido.

2 – Você frequenta essa região por qual motivo?

Por motivos de trabalho.

3 – Você se sente seguro ao caminhar por essa região?

Não.

4 – Existe algum lugar (ou lugares) que você goste de frequentar nessa área?

Não.

5 – Você poderia definir essa região com as três (03) primeiras palavras que ela te remete?

Feio, inseguro e ausência de infraestrutura.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam ou deterioram a cidade?

Dependendo, humanizam.

7 – Você teria interesse em frequentar uma galeria nessa área que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

Sim.

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

Atividades para todas as faixas etárias.

ENTREVISTA IN LOCO 07

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

Almirante Tamandaré.

2 – Você frequenta essa região por qual motivo?

Por motivos de trabalho. Trabalho na região há 18 anos.

3 – Você se sente seguro ao caminhar por essa região?

Não. Já fui roubada várias vezes.

4 – Existe algum lugar (ou lugares) que você goste de frequentar nessa área?

Não.

5 – Você poderia definir essa região com as três (03) primeiras palavras que ela te remete?

Rua, trabalho e insegurança.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam ou deterioram a cidade?

Humanizam.

7 – Você teria interesse em frequentar uma galeria nessa área que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

Sim.

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

Gostaria de uma área dedicada a lanchonetes – uma praça de alimentação.

ENTREVISTA IN LOCO 08

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

Colombo.

2 – Você frequenta essa região por qual motivo?

Por motivos de trabalho.

3 – Você se sente seguro ao caminhar por essa região?

Não.

4 – Existe algum lugar (ou lugares) que você goste de frequentar nessa área?

Shopping Estação.

5 – Você poderia definir essa região com as três (03) primeiras palavras que ela te remete?

Perigo, movimento e mau cheiro.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam ou deterioram a cidade?

Humanizam.

7 – Você teria interesse em frequentar uma galeria nessa área que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

Sim.

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

Uma praça pública.

ENTREVISTA IN LOCO 09

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

São José dos Pinhais.

2 – Você frequenta essa região por qual motivo?

Por motivos de trabalho e estudos.

3 – Você se sente seguro ao caminhar por essa região?

Não.

4 – Existe algum lugar (ou lugares) que você goste de frequentar nessa área?

Shopping Estação.

5 – Você poderia definir essa região com as três (03) primeiras palavras que ela te remete?

Trabalho, estudo e movimento.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam ou deterioram a cidade?

Humanizam, como na cidade de São Paulo que possuía vários grafites muito bonitos até o atual prefeito (João Dória) cobri-los com tinta cinza.

7 – Você teria interesse em frequentar uma galeria nessa área que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

Sim.

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

Oficinas de pintura, dança e fotografia.

ENTREVISTA *IN LOCO* 10

1 – Você é morador de qual bairro em Curitiba ou de que cidade da região metropolitana?

Colombo.

2 – Você frequenta essa região por qual motivo?

Por motivos de trabalho.

3 – Você se sente seguro ao caminhar por essa região?

Não.

4 – Existe algum lugar (ou lugares) que você goste de frequentar nessa área?

Não.

5 – Você poderia definir essa região com as três (03) primeiras palavras que ela te remete?

Agitação, movimento e trânsito.

6 – Você acredita que os grafites existentes na cidade de Curitiba humanizam ou deterioram a cidade?

Humanizam.

7 – Você teria interesse em frequentar uma galeria nessa área que expusesse problemáticas relacionadas à cidade (ex.: lixo, informalidade, violência) e que ao mesmo tempo te permitisse intervir e se apropriar do espaço em que ela se insere?

Sim.

8 – Em caso afirmativo: quais atividades/programas/ambientes você gostaria de propor para o projeto? Em caso negativo: por que não?

Atividades para todas as faixas etárias.

CENTRO DE ARTES URBANAS CURITIBA

autora_monyse elias takaki
orientador_heverson akira tamashiro
universidade tecnológica federal do paraná
arquitetura e urbanismo | tcc | 2018.1

O bairro Rebouças foi no século XX uma das regiões mais desenvolvidas de Curitiba. No entanto, atualmente possui poucas áreas destinadas ao lazer e   cultura, e vários vazios urbanos.

Dessa forma, propõe-se a implanta o de um Centro de Artes Urbanas, a fim de contribuir para a revitaliza o do bairro e para a promo o cultural da cidade.

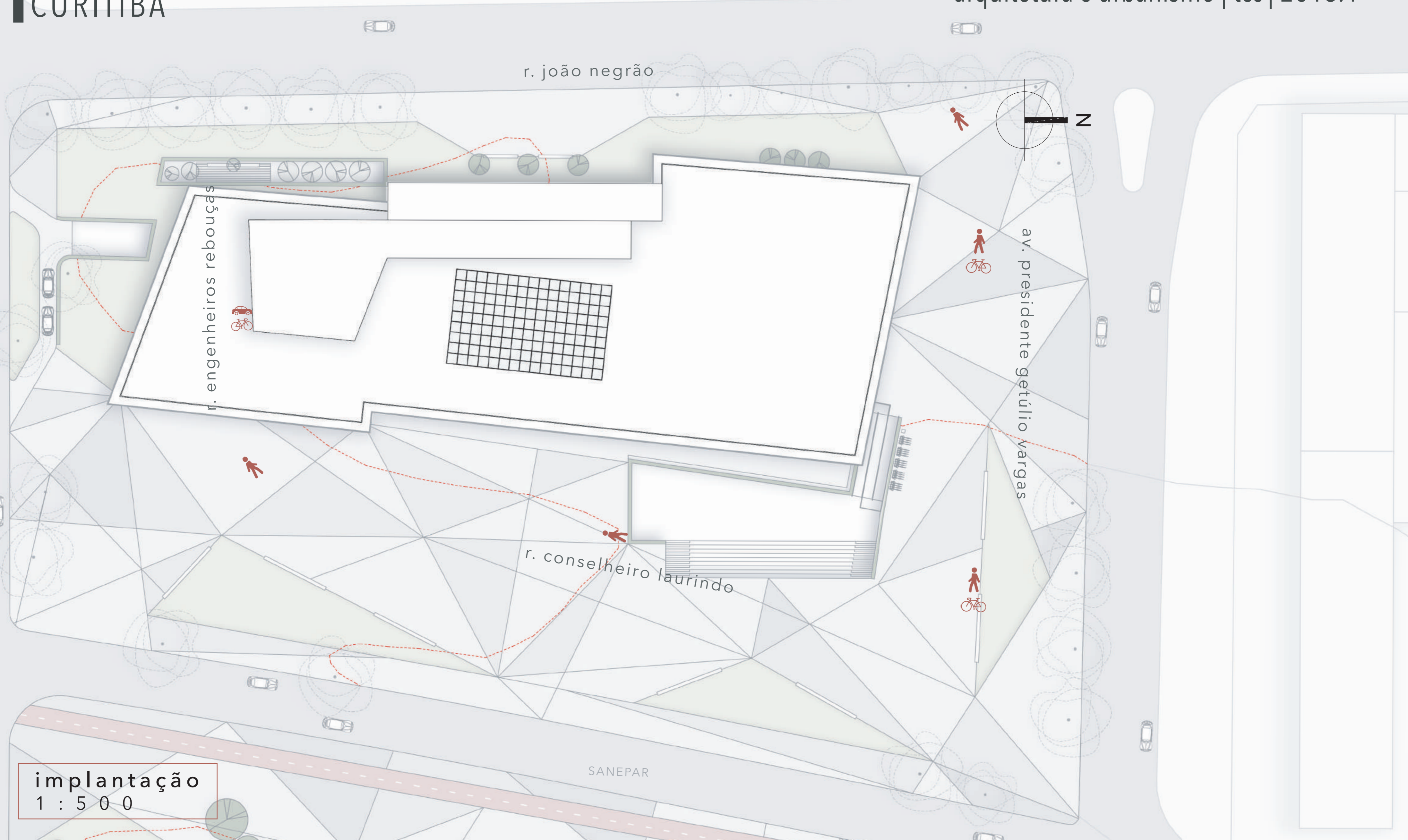
A proposta do projeto resume-se em 3 verbos principais, sendo eles: *expressar*, *observar* e *transitar*.

O projeto conta com áreas destinadas a exposi es - externas (praça) e internas -, além de um projeto pedagógico.

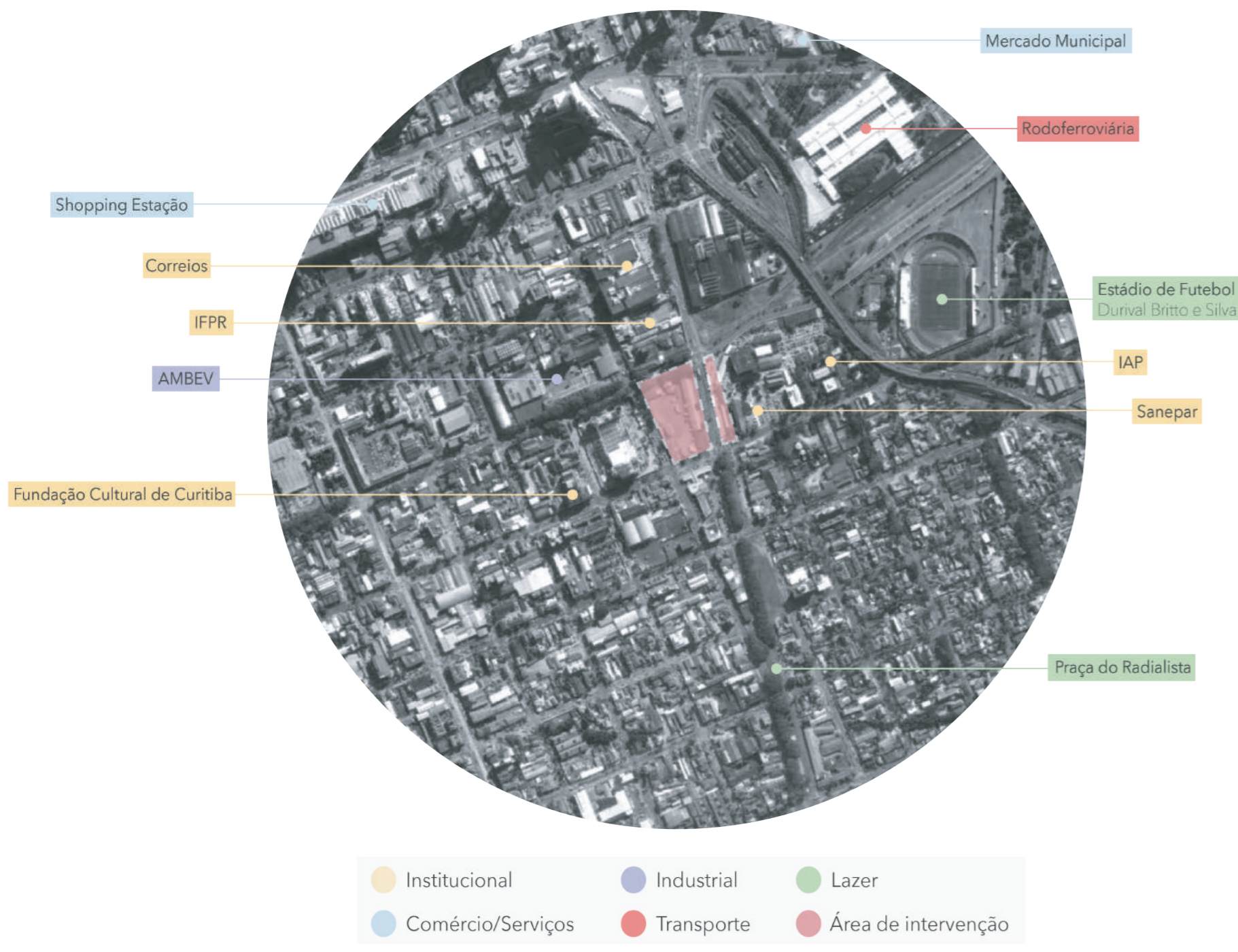
Considera-se importante salientar que o projeto não pretende limitar e privatizar as artes urbanas, mas ampli -las, promovendo uma nova maneira de enxergar a arte, de forma que se valorize menos os formalismos e o local onde a arte está inserida e se valorize mais a mensagem que ela profere.

*_art is a line around your thoughts.
gustav klimt*

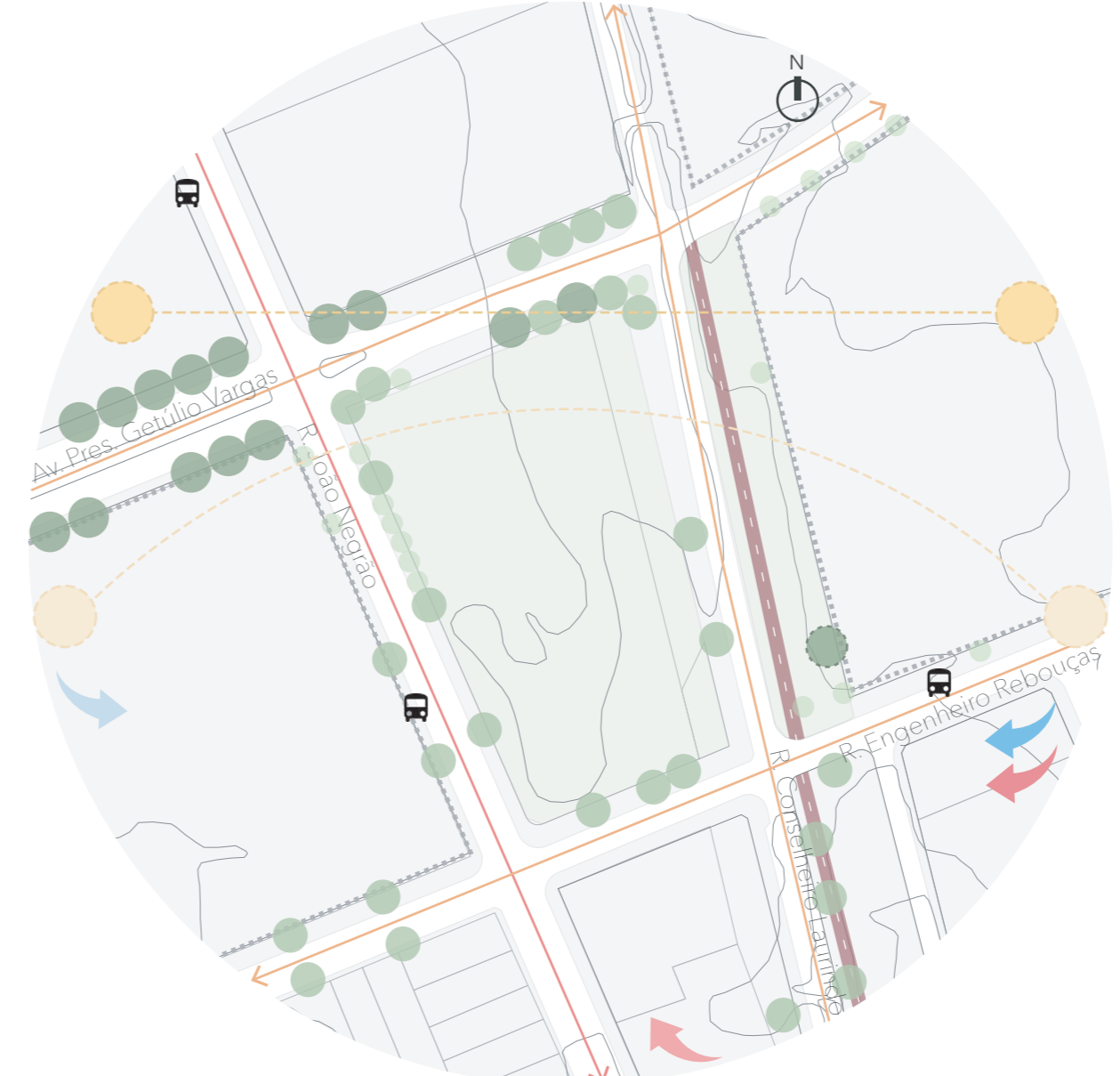




implanta o
1 : 5 0 0



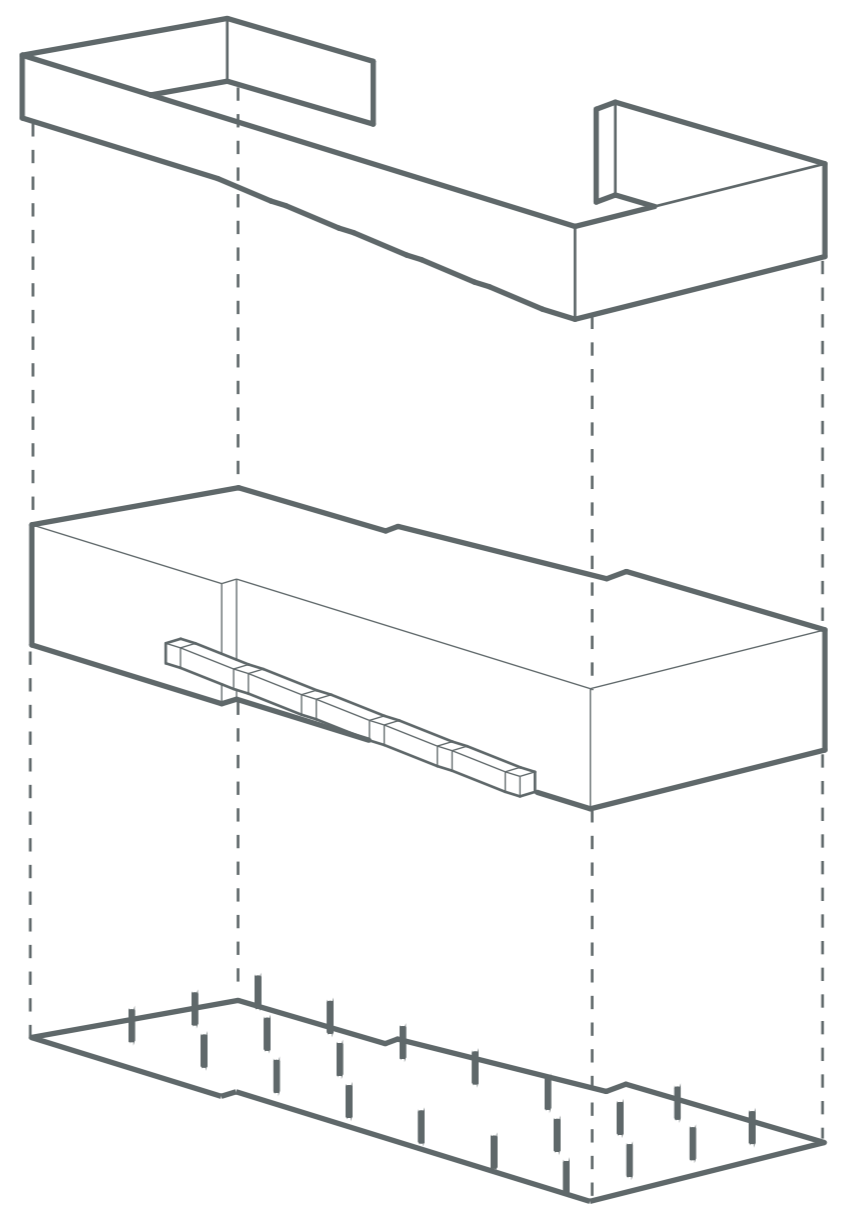
● Institucional ● Industrial ● Lazer
● Comércio/Serviços ● Transporte ●  rea de interven o



- LEGENDA
- Ventos velozes de alta frequ ncia no ver o
 - Ventos velozes de alta frequ ncia no inverno
 - Ventos velozes de baixa frequência no verão
 - Ventos velozes de baixa frequência no inverno
 - Insola o no verão
 - Insola o no inverno
 - Araucária
 - Vegeta o de grande porte
 - Vegeta o de médio porte
 - Vegeta o de pequeno porte
 - Via de fluxo intenso
 - Via de fluxo moderado
 - Ciclovia
 - Muros
 - Ponto de ônibus

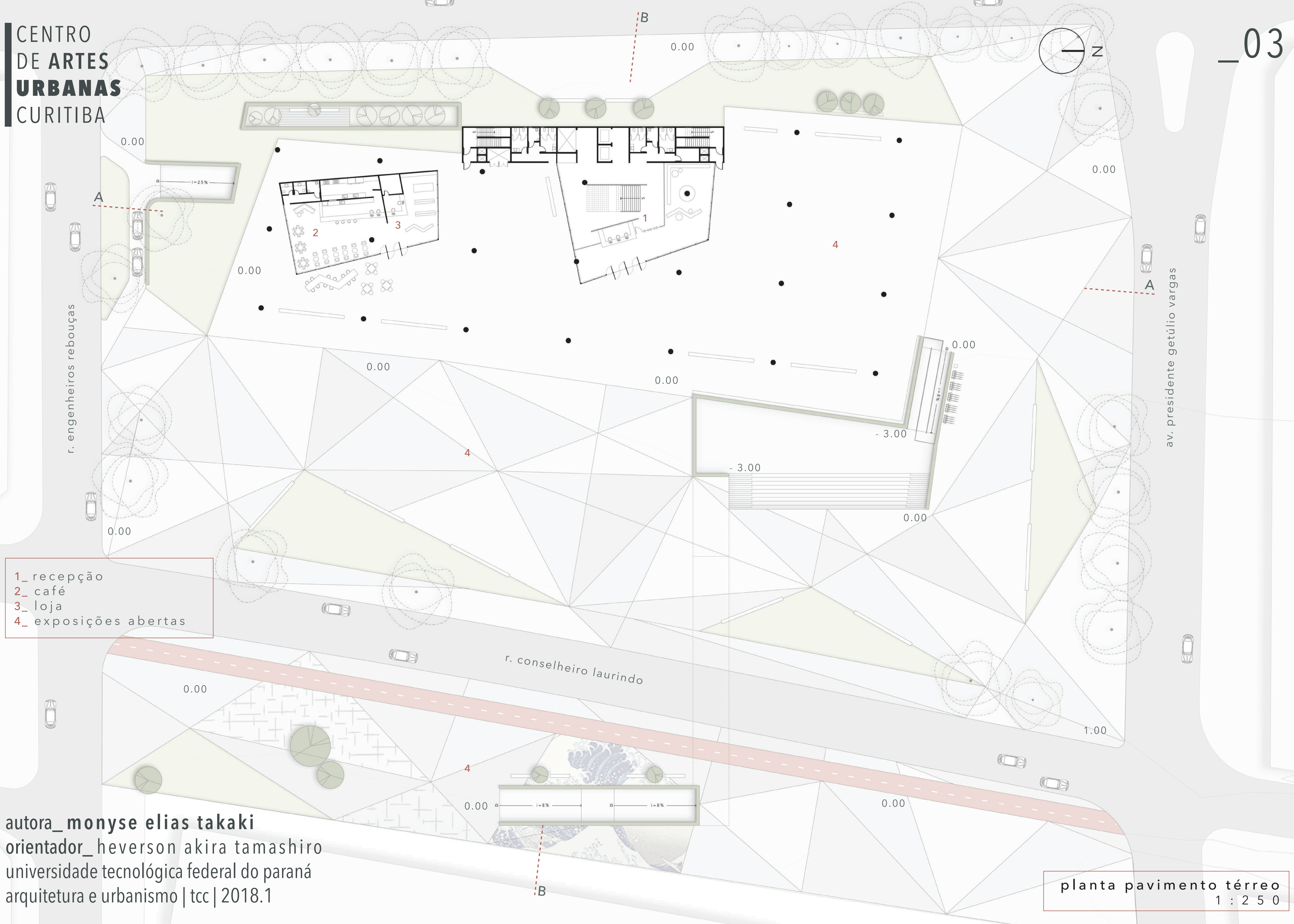
ORGANOGRAMA CAU URB

- EXPOSITIVO
 - exposi es abertas
 - exposi es privadas
- DESENVOLVIMENTO
 - laboratórios de cria o
- PEDAGÓGICO
 - salas de aula
 - biblioteca
- SERVIÇOS
 - bike sharing
 - bicicletário
 - estacionamento
 - loja
 - coworking
- SOCIAL
 - descanso
 - café
- ADMINISTRATIVO
 - pedagógico
 - expositivo



expressar
observar
transitar

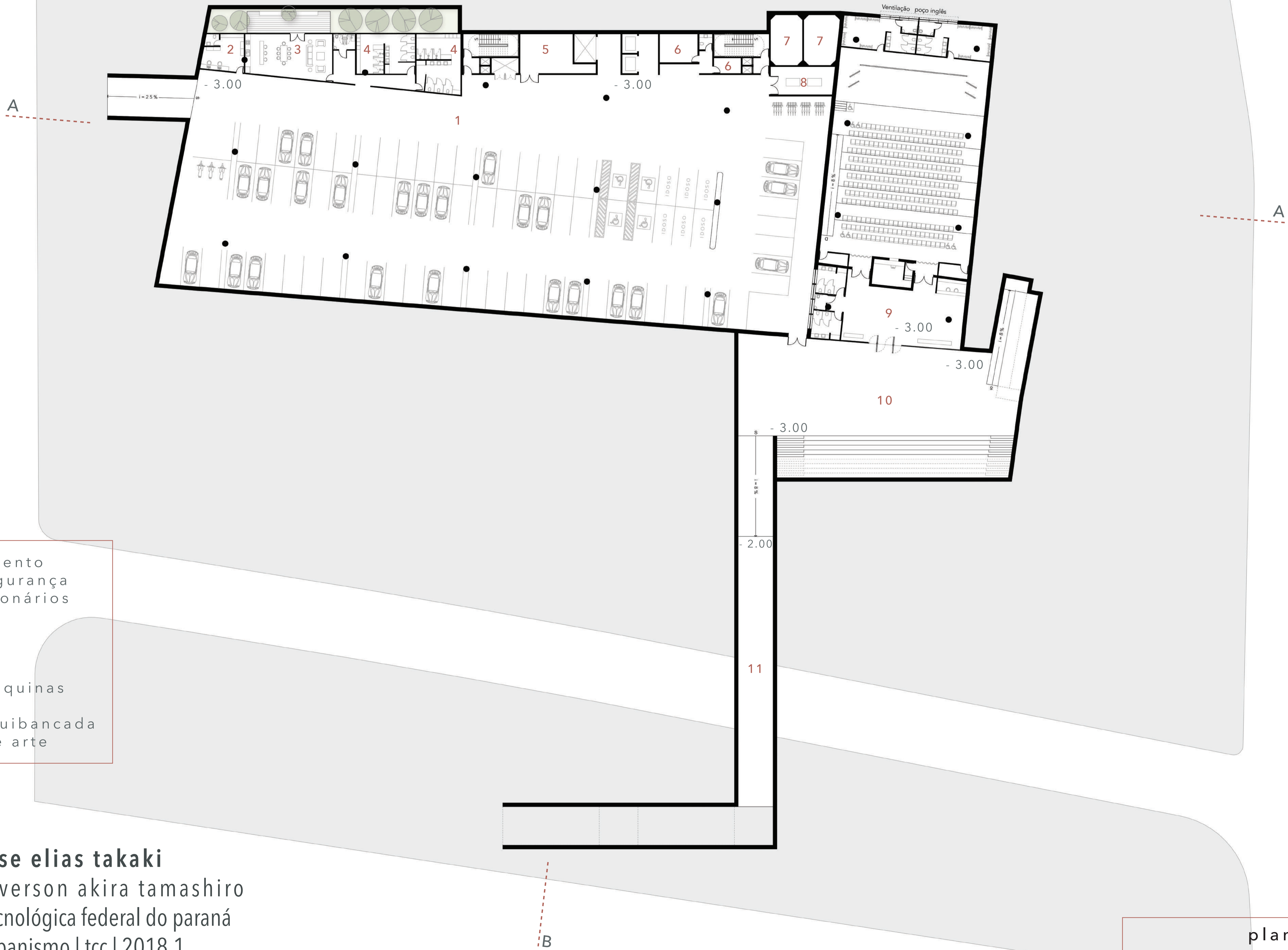
CENTRO
DE ARTES
URBANAS
CURITIBA



- 1_ recepção
- 2_ café
- 3_ loja
- 4_ exposições abertas

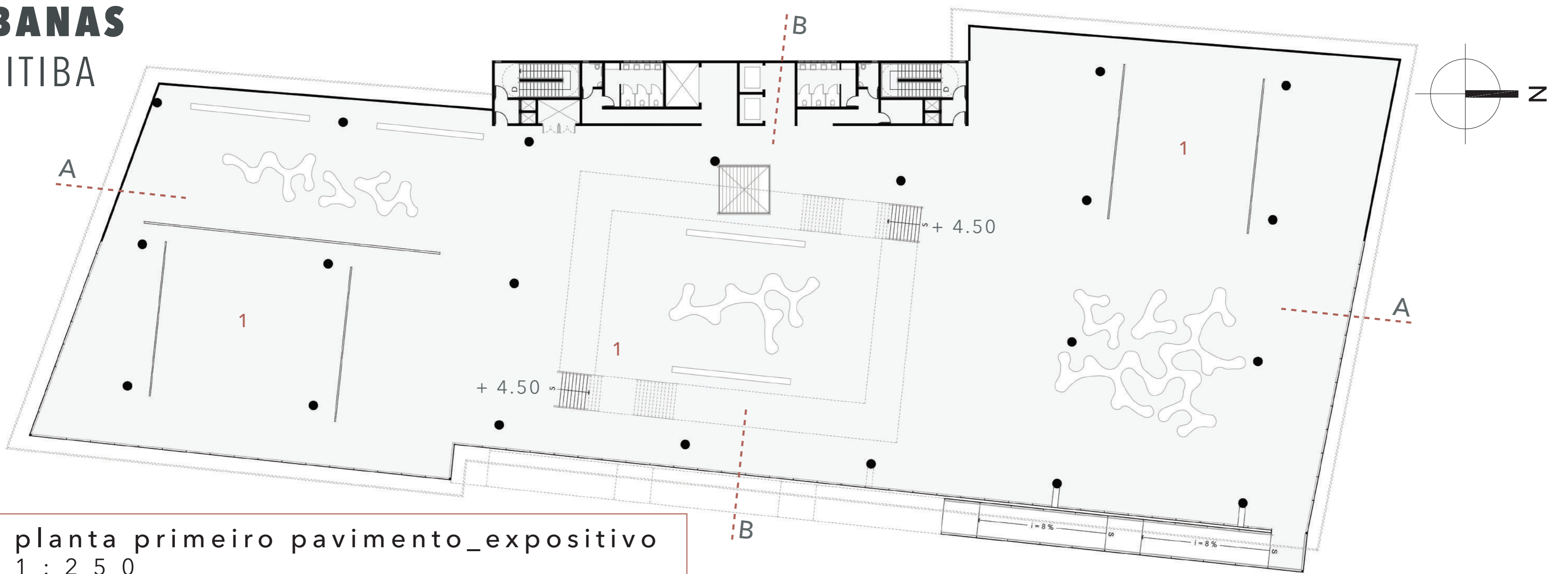
autora_ **monyse elias takaki**
orientador_ **heverson akira tamashiro**
universidade tecnológica federal do paraná
arquitetura e urbanismo | tcc | 2018.1

planta pavimento térreo
1 : 2 5 0

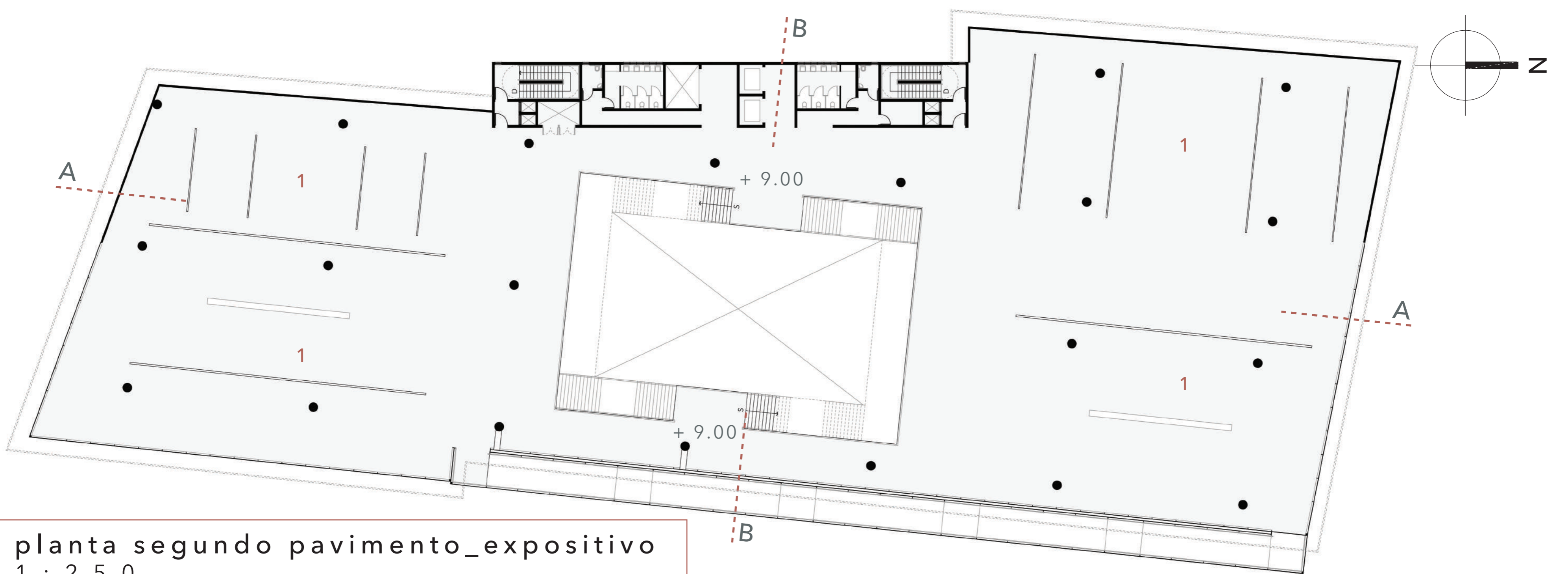


- 1_ estacionamento
- 2_ sala de segurança
- 3_ estar funcionários
- 4_ vestiário
- 5_ oficina
- 6_ depósito
- 7_ cisterna
- 8_ casa de máquinas
- 9_ auditório
- 10_ praça/arquibancada
- 11_ galeria de arte

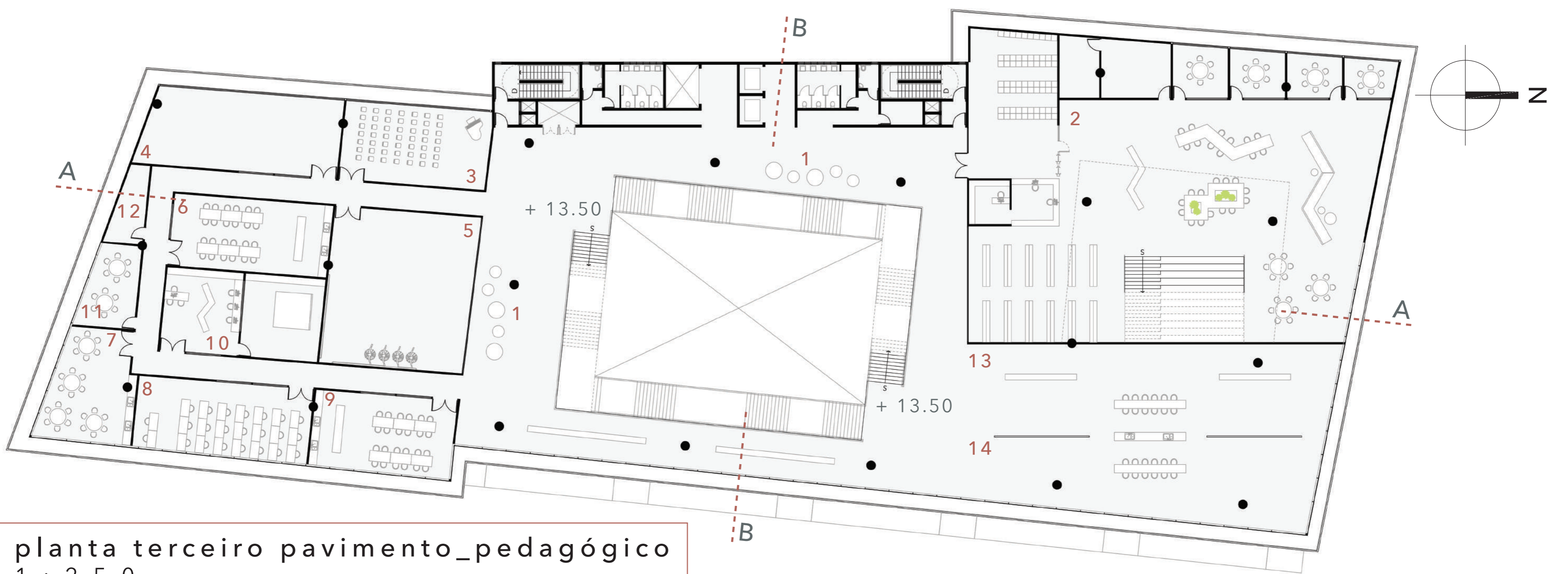
autora_ **monyse elias takaki**
orientador_ **heverson akira tamashiro**
universidade tecnológica federal do paraná
arquitetura e urbanismo | tcc | 2018.1



planta primeiro pavimento_expositivo
1 : 2 5 0



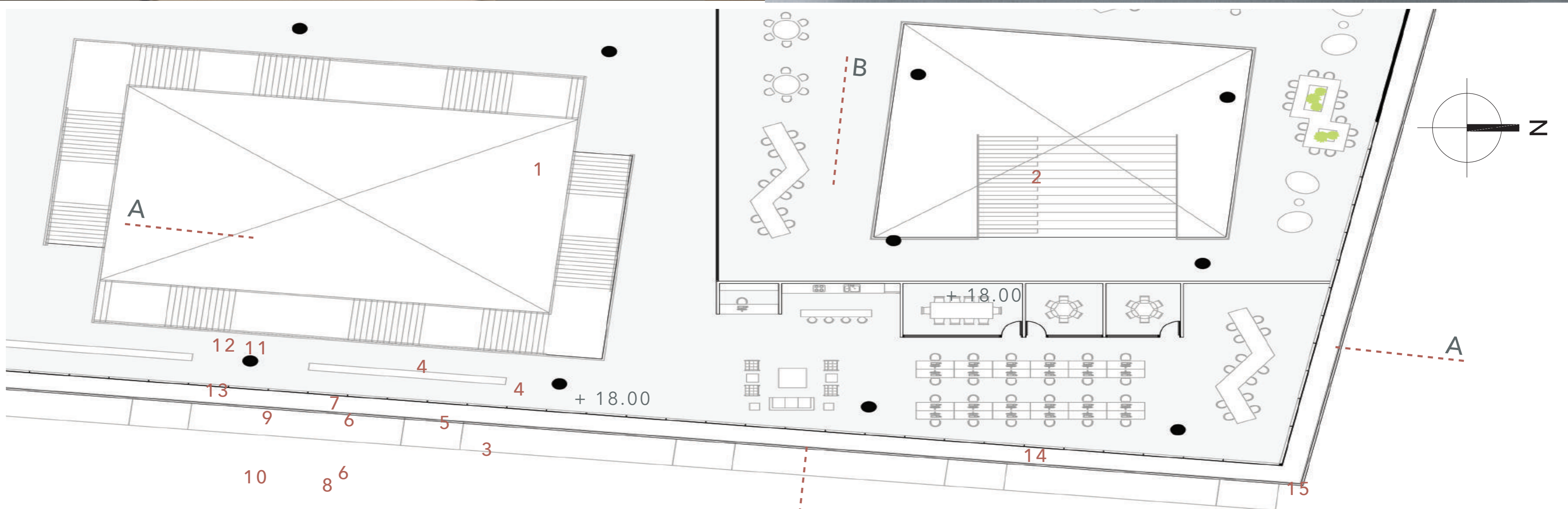
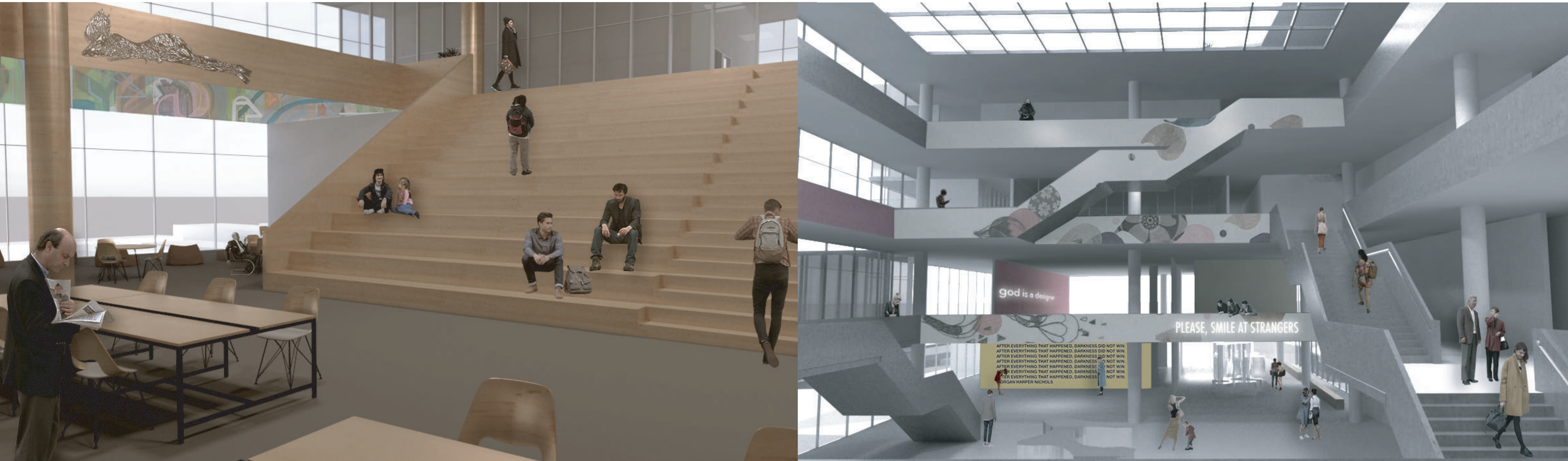
planta segundo pavimento_expositivo
1 : 2 5 0



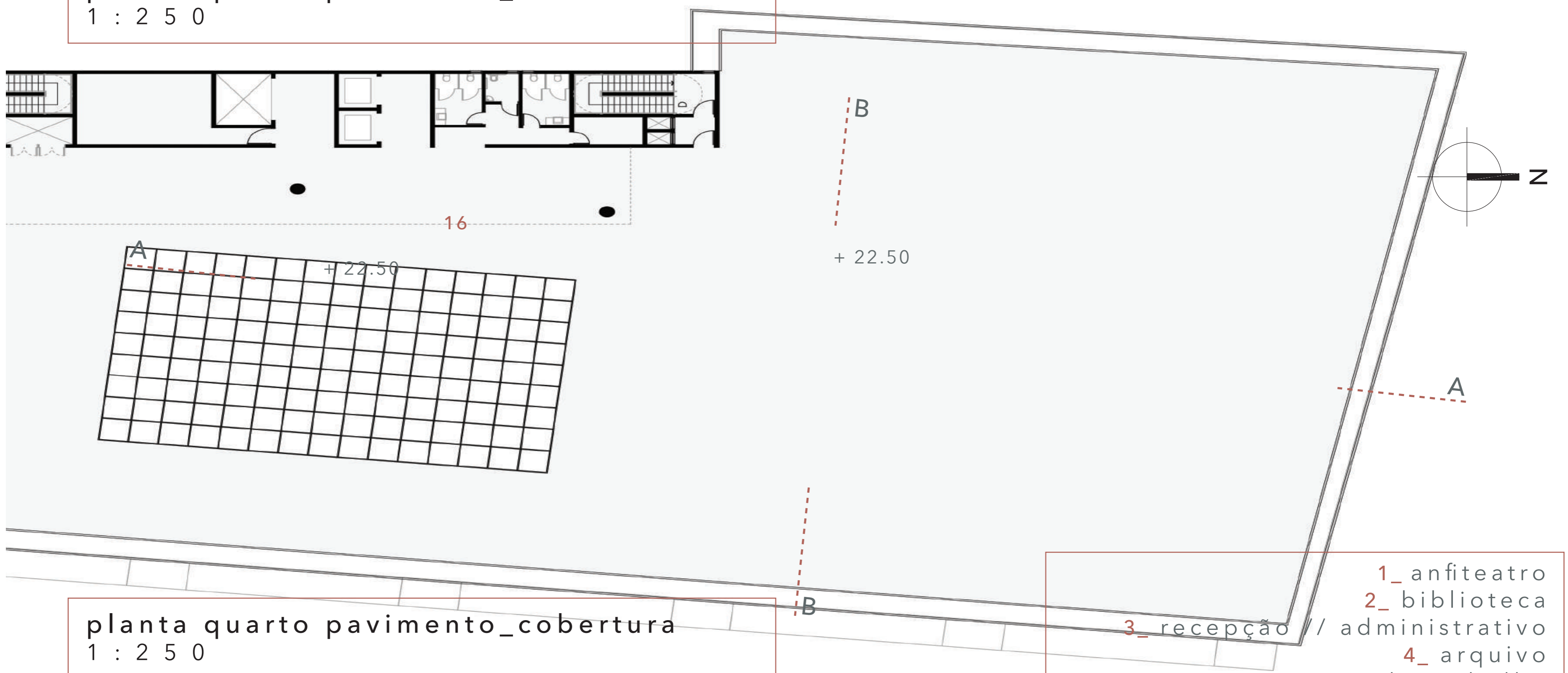
planta terceiro pavimento_pedagógico
1 : 2 5 0

- 1_ exposições
- 2_ biblioteca
- 3_ espaço música
- 4_ espaço teatro
- 5_ espaço dança
- 6_ ateliê de escultura
- 7_ ateliê de colagem
- 8_ ateliê
- 9_ ateliê de pintura
- 10_ estúdio áudio/visual
- 11_ sala multiuso
- 12_ depósito
- 13_ lab técnicas com tinta spray
- 14_ lab técnicas com stencil

autora_ **monyse elias takaki**
orientador_ **heverson akira tamashiro**
universidade tecnológica federal do paraná
arquitetura e urbanismo | tcc | 2018.1



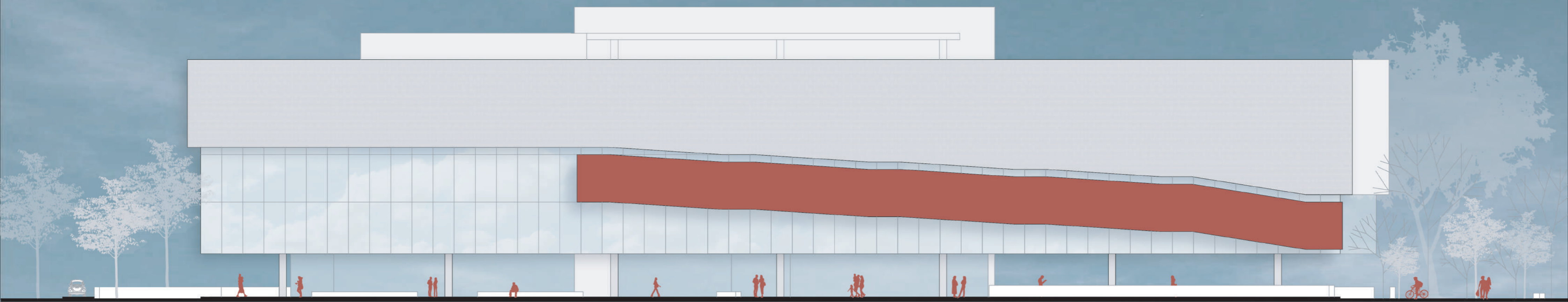
planta quarto pavimento_administrativo
1 : 2 5 0



planta quarto pavimento_cobertura
1 : 2 5 0

- 1_ anfiteatro
- 2_ biblioteca
- 3_ recepção // administrativo
- 4_ arquivo
- 5_ estações de trabalho
- 6_ coordenação setor expositivo
- 7_ financeiro
- 8_ r.h.
- 9_ coordenação setor pedagógico
- 10_ direção setor pedagógico
- 11_ sala dos professores
- 12_ direção geral
- 13_ estar funcionários
- 14_ recepção // coworking
- 15_ espaço coworking
- 16_ cobertura // espaço festas

autora_ **monyse elias takaki**
orientador_ **heverson akira tamashiro**
universidade tecnológica federal do paraná
arquitetura e urbanismo | tcc | 2018.1



eleva o frontal_r. conselheiro laurindo
1 : 2 5 0



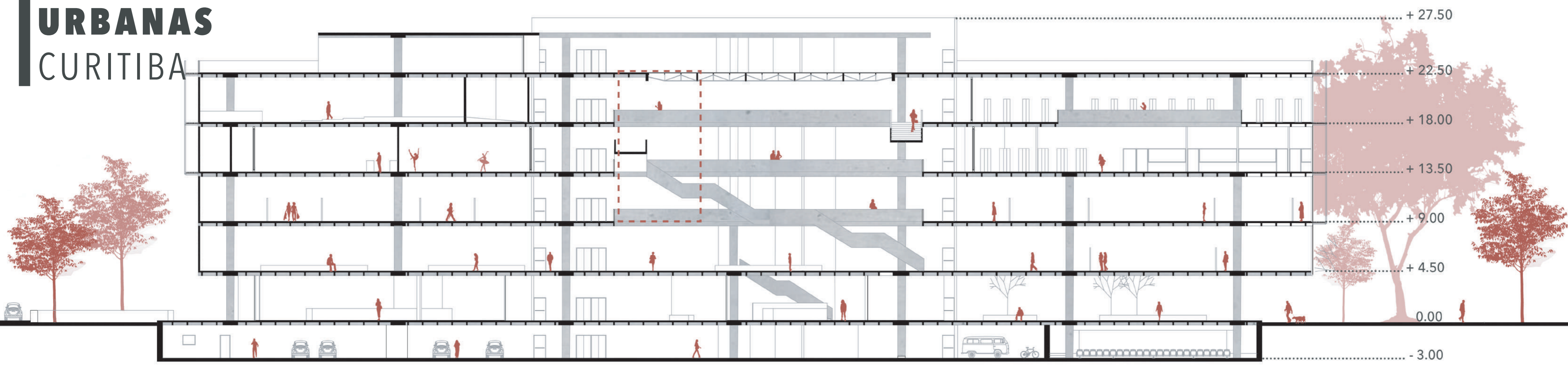
eleva o posterior_r. joão negr o
1 : 2 5 0



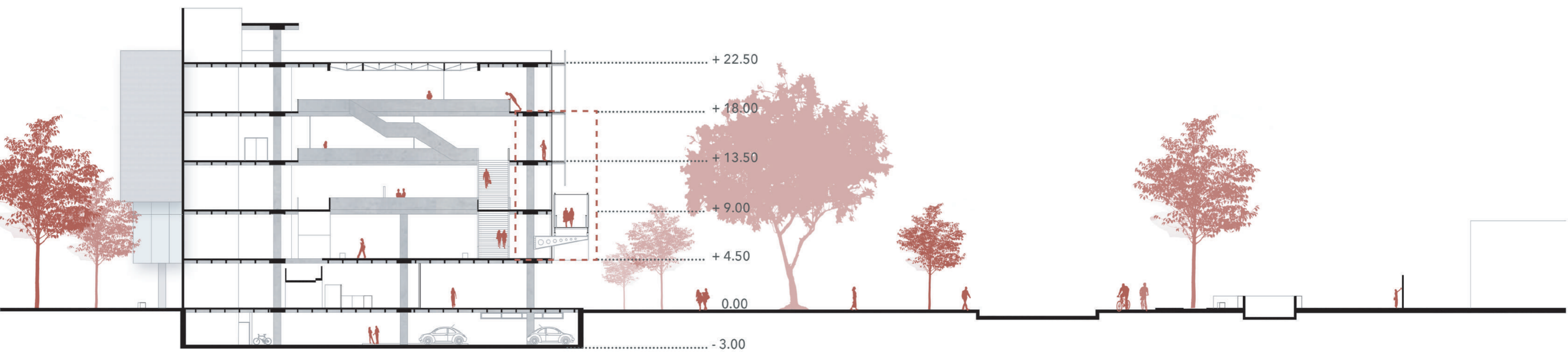
eleva o lateral esquerda_r. engenheiros rebouças
1 : 2 5 0



eleva o lateral direita_av. presidente getúlio vargas
1 : 2 5 0



corte_a
1 : 2 5 0



corte_b
1 : 2 5 0

